A RODA DA ETERNIDADE
HELEN GREAVES
AMADEU ANTOŃIO

Publicado pela primeira vez na Grã-Bretanha em 1974 por Neville Spearman Ltda.

INTRODUÇÃO

Pelo Rev. K.G. Cuming, MRCS, LRCP

É um privilégio ter sido convidado a escrever um prefácio para este belo livro.
Os leitores dos outros livros da Sra. Greaves, The Dissolving Veil e Testimony of Light, saberão que ela tem um grande dom para transmitir ensinamentos espirituais profundos numa linguagem eminentemente legível. Não bastando isso, ela é dotada de uma admirável capacidade sensitiva de receber e transmitir comunicações de pensamento, telepaticamente recebidas de almas desencarnadas em diferentes níveis de evolução espiritual. O seu dom, no entanto, é mais profundo e mais amplo do que a mera telepatia, pois além de conter um toque de perceção quase mística da Luz e da Beleza que irradiam no esplendor das almas espiritualmente avançadas, tem o poder de perceber os aspetos mais sombrios e emoções mais potentes que cercam o ambiente que rodeia as almas na escuridão da Terras das Sombras.

Os leitores do Testemunho de Luz lembrar-se-ão que nele a Sra. Greaves registou as experiências de uma grande alma, Frances Banks (Irmã Frances Mary da Comunidade da Ressurreição, Grahamstown, África do Sul), após a sua passagem para a Vida Superior.
Milhares de pessoas foram consoladas, no seu luto, por esse livro.

Neste novo livro, a Sra. Greaves foi de facto chamada a ser ela própria, um 'Canal em Luz.' Isso porque, na sua pequena casa numa aldeia de Sussex, ela tem sido usada pelos Poderes como meio de trazer a luz da compreensão às almas terrenas aprisionados pela sua própria ignorância e egoísmo. Mal a Sra. Greaves percebeu, quando veio morar naquela casa pela primeira vez, que ela iria ficar profunda e pessoalmente envolvida, num sentido emocional, psíquico e espiritual, na vida de uma ex-residente da casa, tecnicamente 'morta,' porém absolutamente inconsciente do facto, como acontece com muitas almas hoje.

A história fala de um triângulo de relações humanas, com raízes na vida trágica neste mundo, e da sua dramática preparação para as

consequências a serem vividas nas Terras das Sombras do outro mundo. O ápice do triângulo humano, constituído por relações de amor e ódio, é a arrogante e dominadoras senhora da casa, que além de odiar o seu filho bastardo e imbecil, e escravizar e desprezar a velha que foi sua empregada.

Sentimo-nos tentados a citar a frase do Bispo Trevor Huddleston e dizer que nesta história cujas circunstâncias se passam numa outra vida, não há 'Nada para nosso conforto.' Porém, isso não é inteiramente verdade e seria, de facto, um enorme equívoco. Pois, embora a lição espiritual que Cristo ensinou, segundo a qual 'Assim como o homem semear, assim também ele colherá,' atinja o seu alvo com força impiedosa, ainda assim, durante todo o desenrolar deste drama brilha a Graça de Deus e o Poder do Amor para redimir qualquer situação, por mais escura que se afeiçoe.

Há muita coisa neste livro que irá incomodar as pessoas que têm uma ideia aconchegante e sentimental do Perdão Divino, bem como aquelas que interpretam a doutrina da Expiação Indireta como uma insinuação de que você pode fazer o que quiser nesta vida contanto que lamentem os males feitos, então a morte de Cristo na Cruz deixará tudo certo para vocês no mundo seguinte. Parece que o arrependimento no leito de morte não é a resposta completa, mas apenas um começo. Ela não garante, como algumas pessoas da igreja assim como alguns clérigos parece pensar, que você venha a 'acordar nos braços de Jesus,' como parecem pensar algumas pessoas que frequentem a Igreja, assim como alguns membros do clero.

Quanto mais estudamos as inúmeras comunicações da Vida Além, especialmente aquelas que relatam detalhes da vida nos Planos Astrais e nas Terras das Sombras (o Astral Inferior), mais se percebe a consistência dos relatos de fontes diferentes e independentes. Todas elas demonstram a mesma imperecível verdade espiritual - segundo a qual o perdão não é tolerar,' todas as dívidas devem ser pagas, e todos os erros resolvidos e corrigidos. Fica sobejamente claro nesta história que, devido aos atos prejudiciais e egoístas que cometemos nesta vida, e o mal que fazemos aos outros, seja por ignorância ou egoísmo, criamos literalmente, os nossos próprios “infernos” na vida seguinte. Nós também aprendemos que o ódio é uma força tão poderosa a unir as pessoas quanto o amor.

Assim, embora Deus sem dúvida nos perdoe, e de que possamos perdoar outros que nos injustiçaram, ainda estamos ligados presos a quem ofendemos, até que eles nos perdoem. Não é de admirar que Jesus tenha dito: 'não julgueis, para que não serdes julgados.' Enquanto a Senhora da casa orava o Pai Nosso, na sua agonia de remorso, ela acrescentou o pensamento: 'Que eles me perdoem, a quem eu ofendi.' Um pensamento deveras sensato.

Lembramos a velha história do ministro Escocês do “Fogo do Inferno e da Maldição,” que ao denunciar do seu púlpito os costumes pecaminosos da sua congregação, trovejou: 'E não adiantará então vocês se ajoelharem e dizerem: “Senhor, Senhor, nós não sabíamos! Pois o Senhor na Sua Infinita Misericórdia olhará para vocês das alturas, e dirá: “Bem, agora já sabes!”

A ignorância da Lei Divina, ao que parece, não é desculpa. O Amor Perfeito não deve abranger apenas a Misericórdia Divina, mas a Justiça Divina também. No entanto, ao longo de todo o livro, brilhando com um clarão dourado que suaviza toda aspereza, e ilumina todas as trevas do espírito, está o Amor Divino. Ela manifesta-se no amável perdão do Menino da sua mãe ignorante, orgulhosa e arrogante, no amor da velha criada pelo Menino, a quem ela cuidara e, acima de tudo, no brilho radiante, na gentil sabedoria do Irmão da Luz, que guia todo o drama até a sua lógica dentro da Lei Perfeita do Amor Divino, a libertação das almas acorrentadas ao ego, livrando-as da escravidão em que estão e garantindo-lhes o progresso para a Luz.

K.G. Cuming,
Presidente,
Associação de Igrejas para Estudos Psíquicos e Espirituais.

INTRODUÇÃO
PAUL BEARD

A perceção extrassensorial é considerada, com frequência, uma faculdade estranha ou inusitada, pouco relacionada com a experiência do dia-a-dia. Consequentemente, muitos rejeitam o tema por o considerar uma tolice. Por outro lado, outros atribuem tantos poderes a tal perceção que pouco falta para se chegar ao miraculoso. A verdadeira perceção extrassensorial é uma faculdade humana que na verdade está, naturalmente, situada numa área muito mais moderada, longe de tais extremos.

Um dos encantos deste livro, escrito por uma sensitiva não profissional, reside na sua óbvia candura e simplicidade como registo e na sua maneira de revelar como o uso desta faculdade é natural e está em concordância com os sentimentos e motivos humanos.
Na sua narrativa, a Sra. Greaves mostra, com muita clareza, como a perceção extrassensorial nada tem que ver com a magia, mas é o resultado de uma ampliação treinada da perceção que, a fim de poder operar, funciona quando a sensitiva está, por assim dizer, na mais íntima harmonia em si mesma. Lembramo-nos da descrição de Mozart, a respeito de como ele realizou o seu trabalho; ele trabalhava quando "se sentia muito ele próprio". Da mesma forma, é claro que a Sra. Greaves precisa ser muito ela própria a fim de obter a necessária elevação ou intensificação da perceção.

Outro fator importante será notado. É que a iniciativa de entrar em contacto provém quase sempre dos seus "visitantes" e não dela própria. Embora a Sra. Greaves deva estar em sintonia com os seus visitantes, isso por si só não faz com que eles apareçam. Ela deve esperar que venham. Não pode "invocá-los" feito frequentemente atribuído aos sensitivos, por aqueles que desconhecem o assunto e que, então, muitas vezes os condenam por fazerem algo que nenhum deles pode fazer por ser inteiramente contrário às realidades da situação!

Os leitores sensitivos também notarão que a P.E.S. da Sra. Greaves, conforme descrição feita por ela, logo de início tem uma contextura diferente, por assim dizer, de acordo com o seu visitante. Com muita clareza, aqueles que participaram disto, no outro lado da linha, consideram esse facto apenas um resultado da sua própria natureza e da

influência exercida pelo seu caráter particular, naquela ocasião. Assim, quando a velha criada vem, a Sra. Greaves não precisa entrar em sintonia tão profundamente como quando o seu visitante é o Irmão; ela não tem que atingir o alcance mais extremo das suas perceções, como é necessário quando este último está presente.

Até mesmo alcançando esse extremo, parece que ela tem consciência de que, no ser do Irmão, existem níveis de perceção que, por se tratar de uma pessoa num corpo físico, ela não tem permissão para alcançar. Um dos fatores mais convincentes neste livro é a evidência dessas importantes diferenças de nível espiritual, existentes entre um visitante e outro, que, no impacto que exercem sobre a sensitiva, exigem dela níveis de reação diferentes. Estas diferenças também parecem determinar o ambiente em que cada um dos comunicadores é capaz de viver.

Por conseguinte, este livro acrescenta um valioso feixe de experiências ao conjunto, sempre crescente, de relatos, feitos através de mentes íntegras, sobre as alterações de consciência que acompanham a vida depois da morte e que são nitidamente consequentes da maneira como se vive quando ainda na terra. Essas relações de causa e efeito, conforme sejam consideradas em tais comunicações, formam realmente um assunto importante para estudos; portanto, acolho com alegria esta valiosa contribuição.

PAUL BEARD
Presidente,
Colégio de Estudos Psíquicos

PREFÁCIO

Esta história poderá ser considerada uma alegoria, um conto imaginário, uma inspiração, uma tese sobre os arquétipos no homem, ou um registo telepático, de Mente para mente, de um acontecimento real, fora da esfera do tempo e do espaço. Para a autora esta última afirmação é um facto, pois ela participou, de cada capítulo deste drama, não somente como alguém que registou os factos, mas, como alguém que lhe viveu intensamente as profundas experiências emocionais.

Se compreendemos e aceitamos o preceito de que estamos todos unidos na vida única a que chamamos Deus, então deve-se supor que cada ser humano está relacionado com cada uma de todas as outras expressões do Divino. . . não a forma física densa, mas, a alma, a mente e a energia. Por conseguinte, a reação a outras mentes, humanas, espirituais ou astrais, é produzida pelo indivíduo, em conformidade com o seu conhecimento, experiência e progressão. Essa consciência ou reação, a que chamamos telepatia, é, entre outros desenvolvimentos que transferirão a ênfase do homem interior para o homem exterior, uma das técnicas a serem aperfeiçoadas na próxima nova era.

Isso trará um novo significado e um propósito mais intenso para a evolução do homem e, num nível de perceção mais elevado, iniciará uma estabilização entre causa e efeito e uma revelação ulterior dos mistérios da experiência e da interpretação. Isto porque até aqui o homem raramente examinou o motivo consciente da vida. Ele necessita de uma reavaliação espiritual, a fim de se preparar para o conhecimento de si próprio, da sua natureza e da sua herança.

Estes são os desafios que enfrentamos na vida, em rápida modificação, neste planeta. Todavia, a despeito de tudo o que estes padrões revolucionários acarretam, a antiquíssima verdade do amor e da sabedoria, existente no Plano e no Objetivo Divinos, ainda prevalece, e o processo evolutivo, da responsabilidade espiritual do homem, pelos seus próprios atos, continuará.

Esta história foi o modo pelo qual me foi mostrada a criação da causa e do efeito, individual e coletiva. Este foi o canal para a luz, que me foi revelado. Espero que ela possa trazer luz para aqueles que a lerem.

Sussex,

GUIA, BONDOSA LUZ

Guia, bondosa Luz, entre a escuridão envolvente,
Guia-me para a frente;
A noite está escura e eu estou longe do meu lar,
Guia-me para a frente. . .
Por tanto tempo Teu poder me abençoou, por certo
Ele ainda me guiará,
Através do pântano e do charco, através da torrente e do penhasco,
Até que a noite termine
E com a manhã sorriem aquelas Faces dos Anjos
Que eu amei faz muito tempo e por um instante perdi.

John Henry Newman

CAPÍTULO UM
O CHALÉ

No outono de 1971 mudei-me para um pequenino chalé do século dezasseis, localizado numa aldeia de Sussex, num conjunto residencial onde, suponho, moravam antigamente trabalhadores agrícolas. Aquelas casas tinham paredes grossas, telhas em declive, teto baixo e vigamento de carvalho. Durante este século vinte das casas caíram em ruínas e pareciam condenadas à destruição.

Todavia (conforme me foi contado por um comerciante local), os velhos chalés foram salvos por um arquiteto de visão e competência, que comprou todo o conjunto residencial e decidiu reformá-lo.

Se este pequeno chalé é uma amostra do seu trabalho, então ele deve ser realmente felicitado, não somente por preservar velhos edifícios mas, também, por saber combinar harmoniosa e discretamente o estilo antigo e o moderno. Os aposentos ainda são baixos, com vigas escuras, de carvalho, cruzando os tetos; as janelas foram alargadas; porém, como o estilo foi mantido, o grande canto da lareira, na sala de estar, com a viga de carvalho inclinada acima dela, forma um interessante recanto para livros e para o aparelho de televisão; nos fundos da casa há um quintal cementado com canteiros suficientes para o plantio de flores e arbustos, a fim de tornar o pátio um recanto aprazível.

Com a reforma, porém, foi construída uma moderna cozinha, com iluminação a néon, amplos armários e uma porta corrediça, de vidro, para separá-la da sala de estar. Num dos extremos da comprida sala de visitas uma escada aberta e curva conduz a um pavimento superior, a um banheiro moderno e a um atraente dormitório em forma de L, também com uma porta corrediça; e, acima desse pavimento, subindo-se por uma pequena escada em espiral, há um sótão que serve de quarto para hóspedes.

Todas as paredes, o madeiramento e as faixas do forro, entre as vigas, são brancas; a casa toda revela um planeamento inteligente, adequado a um ambiente do passado.
Este é o chalé da minha história.

Antes de me mudar para lá fui informada que ele "tinha uma atmosfera". De facto, logo descobri que tinha. Terminado o trabalho de decoração, convidei as minhas amigas para conhecer o chalé; todos elas, sem exceção, se apaixonaram (como eu me apaixonara) e fizeram comentários a respeito da sensação confortável e tranquila que parecia fazer parte dele. Concordei e, com felizes antecipações, instalei-me no meu novo lar. Nessa ocasião eu não tinha nenhuma ideia de qualquer trabalho a ser feito ali e nem podia prever os estranhos acontecimentos que teriam lugar naquela aconchegante sala de estar, antes de que muitas luas se passassem. Com o meu trabalho, os meus livros, a música, a televisão e as visitas dos amigos, sentia-me completamente feliz e em paz.

Entretanto, algumas semanas após a minha mudança, algo ocorreu que me assustou, embora não me tivesse causado medo. Estava a ler, sentada diante do aquecedor elétrico incandescente, instalado na lareira, quando a minha atenção foi afastada do livro por um estranho sentimento de apreensão. . . Uma vibração perturbadora, como se um estranho estivesse a observar-me. Assustada, ergui os olhos. Imediatamente "percebi" uma senhora idosa. Sentada na poltrona oposta, olhava-me com curiosidade e interesse. Trajava (ou parecia trajar) um longo vestido preto, bem apertado no busto e largo na barra, que chegava até o chão.

Um avental imaculadamente branco, com um peitilho, protegia-lhe a frente do vestido. Sob o cabelo grisalho, bem escovado para trás, a

pequenina face enrugada, com os seus olhos grandes e melancólicos, encarou-me com uma espécie de expressão extraterrena, que logo a caracterizou como uma solitária. . . a pessoa que cuida dos seus próprios assuntos e que espera que se respeite isso nela. Apresentava uma boca fina e apertada, como se durante a vida toda tivesse que permanecer em silêncio e, assim, mergulhada dentro de si própria; isso e a sua expressão "perdida", é que me fizeram notar a sua presença.

Isto é um fantasma? perguntei a mim própria. E admito que fiquei um pouco assustada por um instante, pois até então nunca vira coisa alguma que pudesse ser chamada de "fantasma." Sempre tivera perceção da aparição de um espírito que já havia partido, mas tratava-se de uma visão interior. Esta era quase objetiva. Fechei os olhos, tentando imaginar o que aconteceria em seguida. O chalé estaria assombrado? Nada aconteceu. Cautelosamente, tornei a olhar.

Ela ainda estava ali. Olhava-me com tanta atenção e tanto interesse, como se eu fosse uma visitante vinda do espaço exterior. Quando olhei para ela, os nossos olhares entrecruzaram-se e mantiveram-se unidos. Então, a sua pequenina boca fina pareceu relaxar num meio-sorriso de boas-vindas. Imediatamente, todo o temor me abandonou. Esta não era nenhuma assombração disse a mim própria mas apenas uma pequena alma "perdida", uma almazinha patética e solitária. Comecei a imaginar o que ela queria; e não posso dizer se consegui comunicar-lhe este sentimento de simpatia, porém, sem mais preâmbulos, descobri que podia acompanhar os pensamentos dela, por telepatia.

A pobre alma nem mesmo estava a cogitar sobre a minha identidade nem a especular a respeito das minhas razões para estar no chalé. Eu podia sentir que não existia qualquer antipatia; ela parecia ter me aceite sem perguntas; na realidade, por me ter lembrado de que o lugar ficara desocupado durante muito tempo, tive a estranha impressão de que estava contente por ter-me ali, como companhia. De repente percebi claramente que estava a dizer-me o seu nome. Depois anotei esse nome (mas desde então não pensei mais nele). Em seguida explicou o direito que tinha de estar no chalé. Esse tinha sido o seu "próprio" lar comunicou-me ela, através da mente; tinha vivido ali, sozinha, "desde que a minha patroa morreu", o que, deduzi, deve ter ocorrido alguns anos antes.

Senti um apelo silencioso -- eu não ia tirar-lhe aquele seu lar, pois não? Diante disso apressei-me a emitir o pensamento de que ali havia lugar para nós as duas, e ela aceitou isso sem qualquer escrúpulo. Tímida a princípio, pouco a pouco foi transmitindo factos sobre a sua vida, como se ainda estivesse a morar ali. Tinha servido como criada, durante anos -- disse-me ela – numa casa grande, não muito distante dali; e fez um gesto a indicar a direção.

A pobre alma está presa à terra pensei; mas não pode saber que não mais está no mundo material. Há quanto tempo ela permanece nessa semi-condição? Pela aparência antiga do seu vestido, que é a sua forma-pensamento sobre si própria, ela deve ter permanecido ali durante anos. Ela é um remanescente do final do século passado.

Enquanto analisava esses factos, a velha senhora desapareceu. Pareceu sumir furtivamente no nada, o que me levou a cogitar tê-la imaginado. A "visita" deixou-me intrigada, mas como não tornou a voltar durante algumas semanas, procurei esquecer todo o incidente. Provavelmente, disse a mim própria, eu tinha ficado por demais cansada com todo o esforço da mudança e, tendo adormecido, sonhara tudo aquilo.

Foi somente perto do Natal, quando os longos e escuros dias de dezembro tornaram tão agradáveis as noites junto à lareira, que eu recebi outra visita da minha companheira de moradia. Isso aconteceu numa noite, do princípio do mês, quando, sentada na minha cadeira habitual, ao lado da lareira, escutava a música do rádio e consertava um colar moderno, longo, feito de finas correntes encadeadas, não de prata, porém, prateado, do qual se rompera um dos cordões. Estava tão absorvida nisso que não tive noção de qualquer mudança no ambiente; foi somente quando ergui os olhos que "vi" que tinha uma visita. A idosa e pequenina senhora estava sentada na cadeira oposta à minha, a olhar-me com grande interesse e concentração.

Continuei o meu trabalho com toda a calma, como se ainda estivesse sozinha, mas tinha absoluta certeza de que nós as duas sabíamos que estávamos em contacto. Então, percebi que ela estava com muita vontade de conversar. Com o canto do olho, vi que alisava o seu avental branco (eu estava certa de que aquele seu gesto era peculiar!) e depois, então, olhou diretamente para mim e "falou" para si própria.

"A minha patroa tinha uma corrente como essa", começou ela a dizer, "só que com elos mais grossos; sólidos e de prata."

Sumpreendi-me a sorrir interiormente: "Prata verdadeira?"

A boca dela franziu, transformando-se num botão.

"Prata verdadeira! A minha patroa era rica!"

Ah! pensei eu, a divertir-me com o orgulho que manifestava pela riqueza de outra pessoa.

"O dela vinha até a cintura. Tinha um grande broche pendurado nele; era um broche grande como uma coroa."

Eu quis continuar a conversa.

"Como um medalhão?" sugeri. Não houve resposta. Talvez aquela palavra não existisse no seu vocabulário.

"Com uma inscrição num dos lados. A patroa tinha muita estima por ele. Nunca andava sem essas duas coisas. . . a corrente e o broche. Usava-os com todos os seus vestidos, todos feitos de seda grossa, de que ela tanto gostava. . ."

"A sua patroa tinha vestidos bonitos?"

Ela pareceu torcer o nariz por ter-lhe feito tal pergunta.

"Eles eram elegantes. A patroa era bonita e elegante. Lembro-me de que sempre usava seda em jovem. Quando o patrão, o marido dela, morreu, o pessoal pensou que se casaria de novo. Mas, não casou, nunca. O jovem patrão também tinha morrido afogado no açude e. . ."

"Afogado?" Não pude conter a curiosidade. "Que tristeza!"

Talvez a minha reação tivesse sido inoportuna. Talvez eu tivesse dado demasiada importância à confidência. Talvez a minha velha criada tivesse reagido ante a ideia de tristeza. . . ou morte! Não consegui apurar nada disso, pois ela desapareceu.

Quando abri os olhos (pois, por mais estranho que pareça, eu os fechava para "ouvir") a cadeira estava vazia, a música silenciara e uma voz, no rádio, prosseguia num falatório monótono, que eu nem mesmo tinha ouvido.

Tive o pressentimento de que isto ia ser uma série com muitos episódios. E foi isso que aconteceu.

CAPÍTULO DOIS
VISITAS

Eu tinha, com frequência, perceção da presença da velha senhora, na minha sala de estar. Ela vinha e sentava-se na cadeira, encolhida como se fosse uma gata de volta à sua cálida lareira. Parecia sentir-se bastante feliz apenas por estar ali, na minha companhia, e não foi muito o que recebi dela nessas primeiras visitas. Todavia, estávamos em harmonia e esse iria ser o ponto de partida para o trabalho que viria mais tarde.

Era mais do que evidente que ela apreciava o calor da minha lareira embora logo eu compreendesse que, para ela, aquele canto ainda abrigasse o velho aquecedor de ferro, que deve ter transmitido uma impressão de calor e conforto. A sua visão não podia perceber que a chaminé agora estava fechada e que, naquele canto da sala, havia um aquecedor elétrico (embora ela dificilmente pudesse saber o que isso era) e um aparelho de televisão, que teria sido ainda mais inescrutável para ela. No seu mundo-pensamento ela ainda acreditava que o fogo de lenha ardia, que as panelas borbulhavam nas grelhas de ferro junto à lareira e que a sala era pequena e escura, como deveria ter sido um dia. O que ela pensava a meu respeito eu não sabia, mas, a minha presença não a amedrontava.

Era comovente o anseio que demonstrava por companhia e era evidente que me aceitara como hóspede. Tanto quanto eu podia ver, ela nada mais fazia do que ficar sentada. Se pensava ou não, eu não tinha nenhum modo de descobrir, mas às vezes podia captar alguma ideia, vinda da sua mente. Geralmente essa ideia era sobre a sua vida, sobre a grande casa onde passara toda uma existência de trabalho, sobre a

arrogância e a crueldade da sua patroa e, às vezes (mas não com muita frequência, pois esta deve ter sido uma lembrança triste), sobre o menino, o jovem patrão que, com pouco mais de dez anos de idade, perdera a vida no açude.

E então, uma noite ela dirigiu-se a mim de uma forma impetuosa, quase como se tivesse que confidenciar as suas ansiedades; e desta vez, recordando que antes ela fugira da minha simpatia, mantive os meus sentimentos sob controlo e não manifestei qualquer emoção.
Foi depois de nos sentarmos juntas, por duas ou três vezes, em silenciosa comunhão, que notei que ela estava inquieta, a alisar o avental e a torcer as mãos, uma contra a outra. A pobrezinha está aflita, pensei. Logo em seguida, a mente dela comunicou com a minha.

"É do Menino que eu queria saber," disse ela, inquieta. "Pobre Sonny, ele era fraco da cabeça. Ele, na realidade, não viveu. Ela não podia suportar a presença dele. Houve uma altura em que ela quis afastá-lo. Mas o velho patrão não queria ouvir falar nisso. . .”

Não sei se ela estava consciente, ou não, de que eu estava em sintonia com os pensamentos dela. Mantive os meus próprios pensamentos tão serenos quanto possível e escutei.
É uma experiência estranha, quase sobrenatural, ficar a escutar os pensamentos secretos de outra pessoa, especialmente se considerarmos que eu estava absolutamente ciente de que este era um espírito desencarnado, trancado e acorrentado à terra, no seu pequeno mundo de ilusão. Naquela ocasião, porém (embora eu não possa explicar isto, e o que vou dizer soe como uma verdadeira contradição!) aquilo pareceu muitíssimo natural. Todavia, o pensamento seguinte que teve deixou-me realmente atordoada!

"Não que o velho patrão estivesse a par de muita coisa. Ele era demasiado condescendente com ela e ela sabia como enganá-lo. Ele teria mantido o menino na casa, se soubesse tudo o que eu sabia? Que o menino não era da sua própria carne e sangue. . . o filho irresponsável, o bastardo de um jardineiro falador que veio trabalhar para nós durante algum tempo. Oh, a patroa era orgulhosa e obstinada. . . Acho que ela suspeitava de que eu sabia, mas nunca lhe dei essa satisfação. . . assim, ela teve que me conservar. E o pobre Menino! Tentei aproximar-me dele, no lugar da mãe. Agora fico imaginando se ele nunca soube. . ."

Eis uma história em poucas palavras. . . um conto triste e patético retirado das lembranças de uma alma simples. Era doloroso e muito real. Quanto eu tinha aprendido, em umas poucas frases, a respeito de velhas mágoas semi-esquecidas, de ódios e amores, de falsidades e isso eu agradeço de compaixão. Eu não estava certa se a velha alma desejava que eu tivesse conhecimento dos seus segredos. Não fiz qualquer comentário. Momentos depois, ela deixou-me.

Entretanto, na noite seguinte, quando ela estava ali, no canto da lareira, pareceu ter decidido que eu deveria saber tudo sobre o caso, porque insistiu:

"Gostava muito dele. E ele confiava em mim. Um idiota. Deve ter sido horrível para ele. Fico a interrogar-me do que lhe aconteceu."

Com gentil deliberação, enviei este pensamento:

"Mas ele afogou-se no açude, não foi?"

Por um instante ela pareceu atônita. Depois, aceitou o que eu dissera.

"Ah! Afogado, foi isso que aconteceu. Ao perseguir um pássaro, lembro-me bem. E ninguém para dizer-lhe que o açude no meio era fundo. Pobre Sonny, não viveu. . . e agora está morto. . . Foi culpa dela. . . culpa dela. Sem coração, isso é o que ela era . . ."

Permaneceu sentada por um instante. Depois, levantou-se. Observei-a junto à lareira, como se estivesse a pôr mais lenha no fogo; depois, desapareceu. A sua história, porém, permaneceu comigo.

Velhas feridas semi-esquecidas! Eu não conseguia lembrar onde tinha lido aquilo. . . mas agora sabia como elas subsistiam na mente e nas recordações. Como são fatalmente verdadeiras aquelas linhas do Rubaiyat, de Omar Khayyam:

> O Dedo Movente escreve, e tendo escrito
> Vai-se embora; nem a maior Devoção e nem a maior
> Sagacidade podem atraí-lo de volta para cancelar meia linha

E nem todas as tuas Lágrimas podem apagar uma só palavra do que foi escrito.

Meditei sobre a razão por que aquela história me tinha sido confiada. Que teria isso tinha que ver comigo? Decidi que, além de acolher a velha criada como se ela fosse uma amiga, pouca coisa mais podia fazer. Todavia, eu acabaria descobrindo que o caso era diferente; e isso antes de que se passasse muito tempo.

18 de Janeiro

Hoje aconteceu um facto interessante que, por ser inesperado, considero muito significativo. Esta manhã uma senhora veio visitar-me e ao declarar que era minha vizinha, entrou por alguns momentos a fim de convidar-me para tomar chá em sua casa para assim, nos conhecermos melhor. Ela mostrou-se encantadora e afável. Parecia estar muito bem informada a respeito da aldeia onde, segundo me disse, tinha vivido durante vários anos. Perguntou se eu conhecia a história do lugar e, diante da minha negativa, falou a respeito das primitivas minas de ferro de Sussex e sobre os "tanques de forja" que um dia tinham sido uma característica importante da aldeia.*

Aquilo despertou-me imediatamente o interesse. Eu não tinha ouvido falar nessas extensões de água, que serviam para arrefecer o minério de ferro aquecido. Assim sendo, indaguei se existiriam muitos desses tanques e onde estavam localizados. Ela contou-me muitas coisas referentes a eles; mas havia um em particular -- disse-me ela -- que não ficava muito longe de nós e explicou-me onde se ficava localizado.

Era no local onde minha "velhinha" dissera situar-se o "seu" tanque! O tanque em que o menino se afogara. Fiquei logo terrivelmente excitada, embora me tivesse controlado para não parecer demasiadamente ansiosa. Entretanto, eis a confirmação. Eis a prova de que:
a - havia um açude;
b - a entidade acorrentada à terra sabia da existência do tanque e tinha apontado na sua direção;
c - aquilo tudo não tinha sido fruto da minha imaginação.

Comecei a ficar interessada. Não se tratava de um falatório ocioso de uma velha tagarela, apegada ao passado. Era o capítulo de abertura de

uma saga na qual eu sabia que seria envolvida, quer desejasse ou não. E foi isso que veio a acontecer. Não tive que esperar muito tempo.

** Certamente, o ferro era obtido na floresta Ashdown, na época dos romanos. A primeira fundição de um canhão de ferro foi feita em 1540, em Oldlands, na freguesia de Buxted. Depois disso Sussex teve o monopólio total da fundição de armas durante dois séculos, tornando-se conhecida como a "Região Negra" da Inglaterra.*

O local para uma fundição era escolhido nas proximidades dos veios de minério e de algum curso de água disponível. Geralmente os tanques artificiais eram construídos por meio de diques de terra colocados contra a correnteza; a queda d'água assim obtida movimentava uma roda ligada à maquinaria da fundição, Em 1606 ali existiam cerca de cento e quarenta fundições e fornalhas de ferro.

CAPÍTULO TRÊS
A VISÃO

Numa manhã de domingo, em janeiro, depois de uma repousante e tranquila meditação, deslizei para um outro estado de consciência, que era, na realidade, um mundo novo. Esse foi um estado no qual eu ouvi, vi, e tomei conhecimento. Percebi que fazia parte de um quadro vivo, no qual eu estava intensamente envolvida, à medida que o quadro se foi fragmentando em cenas variadas e as cenas transformando-se num drama impressionante.

Durante cerca de duas horas (tempo verificado, posteriormente, no relógio), permaneci nesse estado de perceção ampliada.

Eu parecia ser uma Mente viva, dotada de sensação, separada do corpo. Não existia tempo; passado, presente e futuro eram uma coisa só, pois vivi em ações passadas e participei de dramas esquecidos, tudo quanto desconhecia, assim como também "tomei parte" em acontecimentos futuros, precognitivos. Parecia, pois, não haver qualquer divisão definida, reconhecível, entre a história passada na matéria mais densa, do plano terreno, e a ação etérica futura, no plano mais leve do Espírito. Esse foi o exemplo mais importante de estar "aprisionada dentro do espírito", que eu jamais tinha experimentado.

Quando digo que tomei parte numa história representada, quero dizer exatamente isso. Enquanto jazia deitada, na mais absoluta absorção, o drama desenrolou-se e, como numa peça, um ato levou ao outro e, por fim, ao clímax. Todo ele foi compactamente interligado e inteiramente plausível. Os atores pulsaram com vida e a paixão humana vibrou em todo o drama. . . e, de um modo estranho, senti-me parte dele. . . como na verdade iria ser, embora naquela ocasião não tivesse a menor ideia de tal possibilidade. Contudo, à medida que os dias e as semanas se passaram e outros "visitantes", vindos de uma vida futura, comunicaram comigo, esta dolorosa saga de três vidas converteu-se num Objetivo tão extraordinário a ponto de deixar a minha própria alma agitada, até ao âmago.

Esta "unidade" da Vida, que naquela manhã me foi tão claramente revelada, era todo o objetivo da minha participação no drama. Logo percebi que a aparição da velha criada, no chalé, tinha sido o erguer da cortina para uma nova perceção e uma nova tarefa que eu não podia recusar. Mais tarde, quando pude fazer com que a minha mente reflexiva examinasse este fenómeno, fui capaz de analisar este intercâmbio vital entre mente e Mente, e entre mente e matéria. Tudo isso era parte da mesma força, o Alfa e o Omega da existência. . . o Espírito.

Não há separação entre humano e humano, entre humano e animal, entre humano e vegetal. Vivemos na aparência ilusória da separação porque estamos "fechados" nos nossos corpos e reagimos somente aos cinco sentidos; porque aquilo que penso ser "eu" é algo feito de carne e osso, embrulhado em pele, como um volume embrulhado em papel. Contudo, esta cobertura de pele é como o muro de Thysbe. Ela parece separar-nos dos outros na aparência. Ao redor desses mesmos corpos há uma "irradiação", uma ação recíproca que atrai ou repele. Nós "colidimos" uns com os outros com muito mais frequência do que através do contato físico.

O nosso contacto emocional, mental e espiritual é muito mais forte do que percebemos. Porquê? Por sermos todos um nesta divina Força Criativa, ou Deus. Estas duas horas de perceção e visão intensificadas, e os "contactos" subsequentes, com entidades que não mais habitavam a habitação da carne, convenceram-me, de uma vez por todas, que não existe separação, nem mesmo pela morte. A perda do corpo pouco

significa. A matéria nada mais é do que energia num certo estado de vibração e não altera a Mente, que permanece e que possui, nos primeiros estágios após a morte, uma forma muito semelhante à que mostrava quando estava numa "casa de carne".

Com estas palavras quero dizer que a mente parece continuar na sua costumeira rotina, depois do desaparecimento do corpo físico; isto é, continua obtusa, obstinada, cega (como no caso da idosa mulher do chalé, que se recusou a reconhecer que tinha deixado o mundo material); colérica e rancosora (conforme um futuro comunicador se revelou); ou une-se gloriosamente à sua alma, tornando-se Um com o Poder de Deus, conforme eu iria testemunhar numa sessão futura.

Tudo é Um, de uma única Substância, de uma única Força, de uma única energia. Esta não é uma declaração nova; isto tem sido repetido e afirmado nas religiões do mundo, através das eras. Não obstante, neste século vinte, com o seu maravilhoso desenvolvimento científico, andamos ainda às apalpadelas, em busca de uma resposta. Ainda preferimos ignorar o facto de que, por meio da "sintonia" com esta Unidade, nós nos integraríamos em corpo, mente e espírito; viveríamos plenamente aqui e agora, estaríamos menos sujeitos a cometer tantos erros desastrosos e aceitaríamos a morte física pelo que ela é, um estado de progresso mental e espiritual, em vez de considerá-la como um lúgubre fim para as ilusórias "alegrias" da vida.

Segue-se, pois, o resultado da história na qual me deixei envolver. Poderemos aprender por meio dela? Poderemos até mesmo dar-nos ao luxo de ignorar as implicações de um Plano Divino, para todos? Na nossa ignorância, teremos o atrevimento de procurar mitigar a força do Amor, que age como a Força de Deus, para conduzir todas as almas para a paz, o progresso e a Luz? Não poderemos compreender que a nossa própria aceitação da limitação da matéria bloqueia e afasta de nós as vastas potencialidades da alma e o conhecimento que poderia conduzir a uma vida superior e a experiências mais felizes, aqui e na vida futura?

Se este drama astral resultante dessas vidas que me foi comunicado por meio da transferência de pensamento de um outro nível de consciência nos puder ensinar alguma coisa, ou despertar nos leitores uma centelha de amor e de esperança, ou alimentar uma nova fé no Plano perfeito e

na compassiva justiça da Lei Espiritual, então sentir-me-ei satisfeita por haver revelado esta visão tanto para os céticos como para os crentes, tanto para quem apenas busca satisfazer a sua curiosidade, como para quem tem o ego despertado. O meu trabalho não terá sido em vão.

O MENINO

Certa noite, no final de Janeiro, eu estava a assistir a um programa de televisão quando os meus "sentimentos interiores" me deram conta de que havia operado uma mudança no ambiente, uma intensificação (uso este termo por falta de um melhor) das vibrações. Instintivamente compreendi que não estava sozinha, e olhei para o canto oposto à procura da minha visitante habitual, a velha criada.

Ela não estava lá. Agora, porém, eu já não sentia qualquer interesse pelo ecrã do televisor. Tratava-se de algo muito mais importante. . . até mesmo de muito mais extraordinário do que o "milagre" moderno da televisão. Desliguei o aparelho, retomei o meu lugar, fechei os olhos e, enquanto esperava, fiz um esforço por acalmar a mente. Na minha visão interior cintilaram as figuras de dois Visitantes vindos de um outro mundo.

Tornou-se absolutamente óbvio para mim que eu jamais poderia tê-los visto com os meus olhos físicos, tão diferentes eles eram da pobre entidade que se encontrava amarrada à terra, que pensava partilhar do meu chalé.

Estes *resplandeciam*. Não posso explicar isso de outro modo. Para mim, a sala encontrava-se saturada de Luz e impregnada de uma tal doçura e amor que percebi lágrimas nos meus olhos. Lentamente as figuras foram-se tornando mais distintas. Eram duas e pareciam estar unidas por alguma forma inexplicável. Eram dois moços, embora um deles desse a impressão de ser mais velho que um adolescente e o outro transmitisse uma impressão de sabedoria e experiência que só se atinge com a idade - embora isso nada tivesse que ver com a nossa medida material dos anos.

Fui atraída pela sua expressão, que era tão bela e tão serena que a primeira ideia que me suscitou foi "parecido com um deus." Parecia que emanava luz dele, ou ele parecia emergir luz. . . eu não conseguia distinguir qual das duas coisas. As suas vestes, que eram alvas, resplandeciam como se a luz fluísse através dela.

Por fim, a minha atenção foi atraída para o mais moço. Tinha o seu rosto uma aparência cinzelada, quase como se tivesse sido esculpido em mármore, tão perfeitas eram as suas feições. Não obstante, ele não resplandecia com o seu companheiro. Eu estava a refletir nisso quando fui interrompida por um pensamento surpreendente, que me foi jogado na mente como fogo de artifício, a explodir na minha consciência.

"O Menino." Apenas estas duas palavras: "O Menino."

Fiquei em silêncio. Teria isso sido uma alucinação? Imediatamente a minha mente física interferiu, raciocinando que o Menino, de cuja existência eu tomara conhecimento através da velha criada, tivera um intelecto deficiente. Senti, então, que este jovem era uma alma avançada em sabedoria. Eu devia ter cometido um engano.

Entretanto, dentro de pouco tempo tomei conhecimento de que amente deste jovem estava a comunicar com a minha. Depressa, apanhei um bloco de anotações e uma caneta. Isto - eu sabia - precisava ser anotado.

"Eu sou o menino de quem você ouviu falar," vieram as palavras. "A pobre criatura que certa vez viveu nas vizinhanças deste lugar onde agora você vive. Sim, recordo-me de ter deixado a vida terrena pelo afogamento. Por enquanto você ainda não pode 'ver-me' mas o seu Eu está consciente do contacto e para você isto foi uma surpresa. Sim, eu sou o Menino de quem falou a mulher agrilhoada à terra, o filho da senhora que ele serviu. Eu fui uma alma trazida para a vida terrena num corpo de carne criado pelas emoções físicas mais baixas, da sensualidade, e não pelo amor.

"Talvez você ainda não tenha percebido que um corpo-amor, isto é, células reunidas e fundidas na união física de duas pessoas que se amam mutuamente, é, com frequência, de qualidade superior à carne formulada por um acasalamento fortuito, não consagrado pelo afeto. Isto é o que acontece sempre, embora existam excepções.* Todavia a alma trazida para uma tal *habitação* de carne mal formada pode ser uma de grande evolução espiritual, até mesmo um Salvador da raça, ou um génio, ou um dedicado servo da humanidade. Tais Seres Superiores sacrificam-se pelo progresso e evolução dos seus semelhantes, ou pela evolução do mundo animal, ou até mesmo do mundo vegetal.

** Nota do Editor: O tema foi ampliado e desenvolvido, através da vidência, por Andrew Jackson Davis, como se poderá ver em trechos do Great Harmonia IV.*

“Contudo, eu não vim como um desses. Este Irmão de Luz que tenho a meu lado, é um Ponto brilhante no Grupo ao qual pertenço, na qualidade de humilde alma que aspira. Foi pela sua proteção e amor que, na vida terrena, tive forças para suportar a prisão mental de um cérebro deficiente, uma encarnação que eu tinha escolhido para uma experiência especial.

As nossas almas estavam tão unidas pelo amor e pelo propósito que, com frequência, forças me eram conferidas como que por milagre. Durante o sono eu tinha consciência do seu consolo e cuidado; em sonhos, via a radiância dele como um Anjo da guarda, contudo, a minha mente deficiente não conseguia reter nem expressar essa perceção. Somente em contacto com os pássaros, as flores e as árvores, é que conseguia apreender vagamente o Amor e a Inteligência Criativa da Divindade. Eu era praticamente mudo, estúpido, na expressão física em relação àquilo que a minha alma conhecia - eu sofria.

“Minha amiga, se deseja uma confirmação das minhas observações, olhe, com perceção, uma criança retardada nos olhos; neles, muitas vezes você perceberá a alma aprisionada, ansiosa por se expressar, porém, como tal possibilidade lhe é negada, é incapaz de o fazer. Assim sucedeu comigo. A minha mãe não sentia um amor natural por mim. Eu era, simultaneamente, uma acusação e um íncubo. Mas a velha criada que você conhece com ‘ senhora moradora do chalé,’ mulher simples amarrada à terra, sem nenhuma luz, *amou-me*. Por tal consolo, por tal compaixão, Nós viemos agora trazer-lhe Luz; viemos libertá-la da negra inconsciência e do medo que lhe tem obscurecido a alma durante uma certa extensão do seu tempo terreno.

“Eu próprio pouco poderia fazer. Mas o poder e a sabedoria da perceção do meu Irmão (pois ele é uma alma muito evoluída) estão perto da perceção do Cristo e, portanto, têm uma infinita potência para o bem. Dedica-se a uma obra de salvamento, em benefício daqueles que se desviaram temporariamente do caminho; com o auxílio dele, e o seu, podemos salvar essa mulher da cegueira por ela própria imposta. Ela tem medo, cara amiga, um medo do qual ainda não se tem conhecimento. Todavia ela amou desinteressadamente, e amor é Vida. A vida lhe será restituída. Lembre-se da mensagem do Cristo: “Ama o teu próximo como a ti mesmo.”

“Nesta libertação de uma alma aprisionada, confiamos em que você venha a desempenhar a sua parte como escriba, a ouvinte, a

intermediária entre a consciência terrena e a perceção da alma; e como um agente catalisador usado para estimular as reminiscências, através da corrente de acontecimentos.

“Saiba você que a vida neste plano não é muito diferente da vida no mundo terreno. Apenas nós vivemos mais na mente e menos nas emoções; mais na consciência do Espírito que tudo impregna e já livres do confinamento representado pelo peso e pela pressão da matéria densa.

“Por conseguinte, ‘Catalisador Mental,’ antes de retirarmos a nossa consciência da sua, o meu Irmão de Luz pede-lhe que mantenha a sua ‘inquilina companheira’ na luz do pensamento piedoso, para que ela, por sua livre vontade, possa confiar-lhe aquelas lembranças e temores que bloqueiam a sua consciência e a mantêm aprisionada à terra. Adeus.”

Pus de lado a caneta e o bloco. A sessão terminara. Mas que sessão não tinha sido aquela! Que surpresa; que acontecimentos inesperados já tinham ocorrido, motivados pela comunicação telepática com a velha criada! A visão que tinha alçado a minha consciência e ilustrado esta história da Senhora, do Menino, e da mulher que os servira, indicara, através de referências vagas, que o drama ainda não terminara. Na verdade parecia-me que ela estava apenas a começar.

Dizer que eu me sentia preocupada é uma atenuação da verdade. Não obstante, permaneci sentada, a meditar sobre tudo aquilo que agora me tinha sido comunicado. Eu podia ver que tinha pouca escolha no que diz respeito à minha participação. Eu possuía um dom que tinha sido amplamente demonstrado por Frances Banks no seu livro *Testemunho de Luz*. Agora era convocada para ampliar esse dom.

Tinha, com tanta frequência, sido informada de que Testemunho de Luz ajudara a trazer fé e cura a muitas pessoas. Então, pelo facto de participar deste estranho drama astral e de trabalhar para fazer dele um livro, que iria ser entregue ao público, devia haver um Propósito que estava além da minha compreensão.

Quaisquer sentimentos que eu alimentasse com respeito ao assunto, qualquer retração natural ante a publicidade e a crítica, deviam ser postos de lado, como tinha sido feito no caso do livro de Frances. A velha criada devia ser despertada para a Realidade e auxiliada no seu caminho para as suas experiências seguintes. O Menino devia ter permissão para saldar a sua “dívida de amor” e o Irmão da Luz devia iluminar a escuridão e a ignorância, conforme era sua Missão em Cristo.

Eu era um mero dente na roda; não obstante, um dente numa engrenagem deve realizar a sua função.

Fiquei sentada durante algum tempo a refletir, mas os meus pensamentos insistiam em voltar para a beleza daquele semblante de Amor, e senti-me presa, quase como se estivesse encasulada numa vibração de amor e paz tal como jamais experimentara. Antes de ir para a cama compreendi que era realmente afortunada por ter obtido autorização para que me confiassem até mesmo este humilde trabalho. Senti que a minha alma tinha aceitado essa tarefa muito antes da minha insubmissa personalidade ter recebido a mais leve sugestão concernente ao trabalho.

O MENINO E O IRMÃO

"Eu afoguei-me no açude," continuou o Menino, numa sessão posterior. "Esse facto a 'velhinha' já lhe contou. Mas a verdade é que fui liberto da prisão da mente pelo influxo de água.

"Há muito mais nisto, muito mais do que uma banal declaração de asfixia causada pela afluência de água nos pulmões, na garganta e na boca. Companheiro, o Irmão de Luz, explicou-me que todas as coisas do Espírito, todos os níveis do Espírito, têm um equivalente no plano da matéria, no plano terreno. Assim, o meu corpo (aquele corpo detentor de um mecanismo deficiente) representou o estado mais denso da energia. . . a energia terrena. A água do açude com a qual me debati, correspondeu à própria fase do Espírito. . . à energia astral.

"Recordo com muita nitidez como este nível da consciência, psíquico e astral, submergiu a consciência do nível terreno, de modo que foi como se eu flutuasse num mar de cores e correntezas através de estranhos cardumes de criaturas móveis e vagas, que, embora não se assemelhassem a peixes, possuíam caras. Lembro-me de me sentir bastante excitado por, súbita e inexplicavelmente, conseguir correlacionar a visão e a experiência e *compreender*! A barreira existente na minha mente, ou antes, no meu cérebro humano, tinha sido rompida. Eu podia sentir, pensar, e *saber*.

"Este foi o primeiro estágio da morte, embora eu não tivesse consciência dessa morte. Mesmo que eu tivesse tido consciência dessa transição, para mim esta nova liberdade de consciência teria representado *Vida*, não morte.

“O meu irmão instruiu-me com respeito àqueles Mundos Astrais através dos quais eu passei. Ele insiste em dizer que, embora isto, para outros, talvez não chegue a fazer parte do drama, para mim, porém, foi inteiramente necessário, pois quando eu tivesse alcançado suficiente progresso espiritual iria reunir-me ao Grupo de Irmãos de Luz, cujo trabalho é libertar almas fortemente presas às ilusões do Plano Astral (conforme está a criada que eu conheci e que agora é a velhinha do seu chalé.)

“Quero que você compreenda que, quando em encarnação, a minha alma conheceu a esterilidade de uma mente imperfeita e aprisionada. Na sua passagem para a fase seguinte ela precisava experimentar o cativeiro emocional, no plano astral da consciência, e recordar o seu sentimento de libertação no momento de transição.

“Isso eu agora compreendo, de modo que posso entender - com preocupação, sentimento e compaixão - o estado da minha irmã (a criada) aprisionada, como ela está, nestes mares de ilusão. Com o auxílio daquela perceção superior que o meu Irmão de Luz alcançou, poderemos trazê-la, finalmente, da ilusão para a realidade.”

* * *

Após esta visita, durante alguns dias a minha vida ficou enredada nas atividades do dia-a-dia. Tive pouco tempo para me dedicar a estes assuntos do Espírito. Devemos viver de forma equilibrada, especialmente quando nos deixamos envolver em atividades que não são deste plano; as celebrações do Natal e do período posterior foram normais, agradáveis e relaxantes.

Agradeço, repetidas vezes, por ter sido abençoada com o reconhecimento de uma pensão, do meu falecido marido, suficiente para poder dedicar o meu tempo este trabalho espiritual; tempo para inspiração e contacto com outros planos de pensamento, sem nenhum constrangimento por ter dessa forma o meu sustento. Isto é realmente um grande progresso, ao qual estou muitíssimo grata. Neste trabalho, o equilíbrio é um factor vital.

Deveríamos apreciar as belezas do plano terreno, juntamente com os prazeres dos contactos e comunicações com os nossos companheiros daqui, assim como também na vida futura. Para uma vida saudável deve haver equilíbrio em todas as coisas.

Lembro-me de Frances Banks ter tido uma enorme predileção por lindas roupas, especialmente chapéus; todavia, jamais encontrei alguém que se encontrasse tão perto do Espírito quanto ela, e tão dedicada ao "Trabalho do Meu Pai." Ela sempre será um exemplo para mim e para aqueles que a conheceram.

Assim, o Janeiro quase chegou ao fim antes que eu estivesse pronta para qualquer comunicação, além daquelas da mente reflexiva da vida quotidiana. Recordo que foi no começo de uma temporada de frio que voltei a entrar em "sintonia," de forma muito inesperada, com a Voz do Espírito. Desta vez o contacto e o conteúdo da comunicação tiveram tal intensidade espiritual que fui alçada além da consciência terrena, para a perceção de um Modelo Divino como jamais visualizara.

Eu tivera um dia bastante atarefado, além de um compromisso durante a tarde, e depois de jantar tinha-me instalado diante da minha lareira, para ler. O livro era interessante. Sentia-me bem estava concentrada na leitura quando, sem aviso, experimentei uma mudança. Tornei-me sensitivamente consciente de uma diferença que tivera lugar na radiação existente na sala. Só posso descrever isso como uma elevação das sensações na atmosfera da sala. Alguma coisa ou alguém tinha entrado naquele aposento, e tinha-o alterado. Agora no meu íntimo estava a registar uma intensidade vital, uma torrente de tal Amor que fiquei presa em profunda meditação.

O livro foi posto de lado. Fechei os olhos e fiquei imóvel, reagindo a essa perceção com uma alegria íntima. Esperei, consciente de que uma presença enchia a sala. Mas logo soube que se tratava do Irmão de Luz, que tinha acompanhado o Menino mas que até então não tomara parte nas comunicações que ele tivera comigo. Agora eu sabia que ele estava sozinho. Não podia vê-lo, com a minha visão física, como por vezes vira a velha senhora do chalé. Só conseguia sentir a sua presença e formar, diante dos olhos da minha mente, aquilo que para mim era a sua aparência.*

Eu "via-o" como um humilde monge, porquanto ele tinha uma batina marron com um cordão à cintura, como um jovem frade franciscano. Lembro-me de como me passou pela mente, qual relâmpago, o pensamento. . . certa vez, quando na Terra, ele fora *monge*; de modo que agora, por meio do pensamento, ele pode voltar a envolver-se nesse hábito, se assim o desejar. No seu Testemunho de Luz, Frandes tinha demonstrado que isso era possível; e aqueles que possuem o Olho

interior desenvolvido descreveram, com frequência, que envergava o seu hábito de freira quando estava “comigo,” enquanto eu falava sobre uma plataforma a um auditório.

Mas aqueles pensamentos tinham-se-me fixado na mente quando algumas palavras e sentenças me relampejaram no cérebro, e percebi que estava a receber “telepaticamente” pensamentos vindos da parte do meu visitante. Mais do que depressa, apanhei a caneta e o caderno de anotações e concentrei-me por completo.

O Irmão de Luz enviou-me os seus pensamentos que, por ser uma sensitiva telepática, foram por fim registados e anotados. Ei-los:

“A minha visita tem um objetivo solene,” escrevi, registando as palavras da mensagem telepática; “Assim sendo, preferi usar deliberadamente o hábito que certa vez usei numa vida terrena e que é a ‘veste’ que uso para trabalhar nas Terras das Sombras. Na verdade, para entrar em contacto consigo transportei-me até aqui, em ‘pensamento,’ justamente desde algum dos subúrbios (conforme lhes poderia chamar) dessas regiões das trevas. Esses lugares são tristes, carregados de melancolia astral, habitados por almas ainda rancorosas e ainda amarguradas com a sorte que, segundo elas, as abateu.

“Não obstante, essas regiões sobre as quais passarei a falar, não se situam nos infernos mais negros. Isto, porque as almas ali colocadas podem ser libertadas facilmente, da ilusão das ideias sobre a morte, se assim o *desejarem*! Desse modo, com frequência,” -- e aqui senti uma sensação de tristeza -- “elas agarram-se ao modelo de pensamento e de sentimento que tinham construído nas suas mentes, durante a sua permanência na terra. Desse modo, elas ainda continuam a existir nessas ‘formas mentais,’ a odiar, revoltadas e ressentidas e a chafurdar na autocomiseração. Pobres almas que mal se deslocaram das limitações do corpo físico!

“O nosso dever e trabalho é ajudá-las a progredir da meia-luz dessas moradas tristes para a luz e a beleza dos planos mais elevados do Mundo Astral. Para isso empregamos todos os recursos possíveis, com a finalidade de mudar os sues modelos de pensamento e dissolver o medo e o ódio, substituindo-os por amor e esperança.

“Aqueles no plano em que você se encontra, que são crentes e que enviam preces, bênçãos, cura e amor para essas almas aprisionadas, não sabem o poder do grande trabalho que realizam. Isto por as suas preces chegarem, qual onda de luz solar, a perfurar o nevoeiro do

desalento, para varrer, momentaneamente, a depressão da meia-luz. Com frequência, alguma alma é tocada, algum ódio intimamente guardado é dissolvido e alguma pobre entidade, meio cega, passa a 'ver' pela primeira vez, enche-se de remorso e é curada pelo amor.

"Em outros casos, que trabalhamos nessas regiões, somos obrigados a procurar 'instrumentos' ou 'canais,' isto é, mentes terrenas que tenham habilidade para entrar em contacto e entrar em comunicação connosco. Por conseguinte, entrei em contacto consigo.

Por intermédio dos Irmãos que se encontram nos Planos de Aprendizado mais elevados, fomos informados do trabalho que você realizou ao receber e registar o *Testemunho de Luz*, que tem ajudado muitos dos seus leitores a prepararem-se para aqueles outros Planos de existência, depois que a morte física sobrevém e a alma é retirada da limitação. Durante os seus momentos de meditação, observámo-la e tocamos os seus pensamentos com os nossos. Ficamos satisfeitos por termos descoberto um canal útil. Desejamos trabalhar consigo.

"Por essa razão, a sua visão interior foi aberta para a presença da velha senhora que ainda acredita viver no chalé onde você agora reside. Mais tarde, o Menino, que amou a criada e que agora está a trabalhar para a 'despertar,' teve permissão para entrar em contacto com a sua mente. 'Acompanhei-o' por ocasião da visita inicial que ele lhe fez e foi formado um elo, por meio do qual o trabalho posterior poderia ser realizado. Você tomou conhecimento da minha presença; agora, sensitivamente, encontra-se capacitada para se 'ajustar à radiação com a qual eu a rodeei. Por meio de tais estágios de expansão, você progrediu no sentido da realização da sua tarefa.

"Por intermédio da 'inquilina' do seu chalé, você tomou conhecimento da história do menino e da sua mãe. Ele, uma alma avançada, num estágio de iniciação que para si é incompreensível; ela, uma alma jovem, inexperiente, que tropeça no seu progresso. Foi transmitida, para a sua mente, a alegria da realização de um e a tragédia e o fracasso da outra. Fracasso, repito, que foi convertido para o estágio seguinte da vida dela.

Refiro-me à mãe, naturalmente, que devido à sua amargura se tem mantido acorrentada às melancólicas Terras das Sombras, uma alma que recusa a Luz e o Amor, que se mostra cega para com toda a oportunidade de evoluir, e odeia o seu estado atual, porém, ainda assim, que rejeita a ideia de ter qualquer responsabilidade por isso. Ela também

precisa ser levada a despertar, minha amiga, ela possui uma alma que amou a beleza, porém amou-a de forma egoísta.

“Ao que parece, o amor em si, pelos outros, ou mesmo o amor vindo dos outros, não pode alcança-la. O ego, na sua forma mais baixa e mais limitativa, ainda a aprisiona. Ela não tem compreensão espiritual, não possui fé, e a esperança que possui e muito pouca. Nem o seu filho nem eu podemos penetrar através do negro desespero da mente dela. A existir um estado infernal, conforme a humanidade imaginou por tanto tempo, então deve ser esse.

Contudo, nenhuma alma permanece no inferno por toda a eternidade. Deus é Amor. E o Amor perdoa. O Amor dissolve o ódio. O Amor progride para a Luz e a Beleza. O Amor é a Lei. Aqui nós temos um exemplo da ovelha desgarrada, em busca da qual o Pastor retorna de novo e de novo, para a aliviar das suas peregrinações. Isto é evolução; isto é progresso; e isto é a Lei do Criador de toda a vida existente.

“Por essa razão, a sua cooperação está a ser-lhe solicitada. Nós agora podemos trazê-la até si. Você, que vive no mundo material, e que por isso conhece as suas tentações, os seus perigos e as suas tragédias, também pode atuar como intermediária na obra de salvamento desta pobre criatura cercada pelas trevas. Inspirada por nós, a sua mente poderá alcançar a mente dela e implantar nela a certeza de uma Beleza muito mais elevada, que a estará a aguardar quando ela tiver visto o seu erro e estiver purificada do seu rancor.

Este trabalho pode prepará-la para o choque da raiva concentrada que existe nela, contra o qual ela considerou ser uma injustiça que o destino praticou contra a sua pessoa, em parte pelo facto da criança ser ‘retardada’ e em parte pela sua própria incapacidade de redimir o seu egoísmo através do amor.

“Este é um trabalho que Nós lhe estendemos. Todavia, ele só poderá ser realizado com o seu assentimento e cooperação0 voluntários.”

As palavras deixaram de aflorar no meu cérebro. Parei de escrever. Permaneci sentada, quase paralisada por este novo sentimento de responsabilidade. Até àquele momento eu sentira-me feliz por ajudar a velhinha. Tinha chegado a comover-me diante da afeição e da perseverança do Menino. Tinha sido espiritualmente elevada pelo fulgurante Irmão de Luz. Contudo, esta era uma revolução, no curso dos acontecimentos, tão estranha que chegava a ser quase fantástica.

Todavia, eu pedira para Servir. Lentamente, compreendi que a escolha já tinha sido feita. Durante alguns anos solicitara, nas minhas preces, que me fosse permitido “levar a cabo a tarefa que eu tinha vindo realizar.” O livro Testemunho de Luz tinha sido uma resposta direta e, conforme eu sentira, uma realização. Um enorme sentimento de assombro e de respeitoso temor se apossou de mim, assim como, um medo instintivo. Seria eu capaz de tal coisa? Poderia levar em frente tão grande encargo? Parecia tarefa quase insuperável.

Pus de lado a caneta e o bloco de anotações. A implicação de tudo aquilo que me fora comunicado assomava-se tão esmagadora que senti que permanecer naquela sessão por mais tempo estava além das minhas forças. Então, não se verificou nenhum outro contacto. O meu visitante, verdadeiramente celestial, tinha, por enquanto, retirado a sua atenção. Eu devia aguardar os acontecimentos futuros e estar preparada para novas revoluções neste drama astral dos mais espantosos!

Fiquei sentada em silêncio. Nada me surgiu na mente, nem frases de oração nem súplicas. Eu estava simples e inexplicavelmente “em sintonia” com outra consciência. Temores e dúvidas dissolveram-se em mim. Lentamente, obtive uma pequenina compreensão do Plano Divino perfeito, do progresso de todas as almas. Fiquei assustada e senti um temor reverente ao perceber a Compaixão que é parte integral do Criador cujas leis são imutáveis, porém, condescendestes cm a liberdade pessoal e o livre arbítrio. Quão pouco qualquer um de nós aqui na terra pode saber! Quão infinitesimal o alcance da conceção que temos de tal Amor. Quão fúteis e mesquinhas são as nossas zangas e os nossos ódios. Quão ridiculamente curta, porém, infinitamente importante no longo progresso da alma é esta pequenina vida terrena!

O tempo deve ter passado sem que percebesse, pois quando um amigo me telefonou fiquei atónita ao descobrir que o relógio marcava oito e trinta e não sete e quinze conforme eu tinha pensado.

Depois disso verifiquei uma quietude, uma parada total de contacto com os meus visitantes do outro mundo. Guardei os meus cadernos de anotações. Durante quase duas semanas nada aconteceu. As minhas energias estavam concentradas em tarefas diferentes e mais mundanas. Talvez a comunicação vinda do Irmão de Luz tivesse sido por demais potente; talvez eu estivesse aterrorizada ante a ideia de entrar em contacto com a prepotente e rancorosa Senhora. Sei que me senti absolutamente inadequada. Sei que, interiormente, duvidei de mim

própria. Duvidei até mesmo dos contactos. Poderia eu supor, por algum esforço da imaginação, ter criado tudo aquilo? - perguntei a mim própria. Como poderia ter tido conhecimento a respeito dos membros desta trágica família? Ele deviam ter residido naquelas vizinhanças no mínimo havia uns oitenta anos. Nada tinha lido sobre a história desta parte da Inglaterra; nunca me interessara por casas antigas nem por velhas famílias.

Todavia, não tinha "visto" a velha criada que se encontrava aprisionada à terra e que vivia na forma-pensamento deste chalé, conforme ele tinha sido no final do século dezanove? Não tinha mantido "diálogos" com ela? E ela não me tinha informado dos factos ligados à vida e morte do Menino? Não me tinha feito uma descrição completa da vida que levava sob a sugestão de que a liberdade, o repouso e a paz, desse chalé eram realmente o seu céu? Um tal céu de repouso que, na verdade, a sua alma negava a possibilidade de qualquer outra perceção, até mesmo aquela do conceito ortodoxo de céu?

Os dias passaram-se, as noites escoaram-se repletas de tranquilidade, e eu já não tinha consciência de outras coisas, nem astrais nem espirituais, embora por vezes tivesse a impressão de captar fragmentos de uma conversação unilateral. Mas eu não *queria* "receber" e os pensamentos desapareceram do meu cérebro. Eu encontrava-me muito mergulhada no nível terreno, de consciência. Talvez seja aqui que eu deva ficar -- lembro-me de ter dito a mi própria certa noite, quando, deliberadamente, liguei o televisor.

Então intensificou-se a impressão de que se tudo tivesse sido fictício -- conforme dissera a mim própria -- e assim nunca mais seria perturbada por essas "vozes interiores." Poderia também, viver na fímbria exterior da vida, como a maioria das pessoas faz, e talvez até gostar disso.

Quanto eu me afastara para longe, muito longe da inspirada perceção do Amor Divino, que tinha seguido à comunicação (se é que tinham sido comunicações!) do Irmão de Luz.

Muito em breve eu viria a saber qual o trabalho que me seria exigido; na realidade, saberia que "há muitas coisas mais, no Céu e na terra, do que nós, na nossa limitada compreensão, podemos acreditar."

A SENHORA

Aquele dia, um Domingo, fazia um frio terrível. Fiquei sentada junto ao fogão da lareira, no meu confortável chalezinho a assistir à televisão. Quando aquilo se tornou desinteressante, li o jornal. O meu comportamento físico, porém, era de inquietação. "Alguma coisa" estava para acontecer. Eu sabia, mas foi só nas primeiras horas da noite que tive condições até mesmo de ponderar sobre as razões daquela inquietação. Talvez eu possa escrever -- pensei; talvez me ocorram ideias para uma palestra a realizar posteriormente. Apanhei o caderno de anotações e a caneta, acomodei-me. . . e então todas as ideias, toda a inspiração, toda a recetividade feneceu. Fiquei completamente vazia.

Irritada, tentei decifrar as palavras cruzadas do jornal de Domingo, mas logo desisti. Abri um romance sobre o Japão, que na noite anterior despertara a minha atenção até à hora em que adormeci, e comecei a ler. As palavras não tinham sentido. Não podia ler; não podia escrever; os programas de televisão não me atraíam. Comecei a sentir que de algum modo estranho eu me perdera numa Terra de Ninguém; estava perdida numa Terra de Ninguém; estava perdida numa região nevoenta, com medo de seguir para a frente, aterrada ante a ideia de retroceder para o lugar de onde viera e, não obstante, intimamente devorada por um medo agonizante de não poder permanecer onde me encontrava.

Este estado mental foi tão paralisante que fiquei sentada durante algum tempo, sem ler, sem fazer qualquer movimento, até mesmo sem pensar. Subitamente, estendi a mão e os meus dedos fecharam-se sobre a caneta. Então, fiquei a saber que teria que escrever. Mas escrever o quê? Ainda a cogitar sobre isso, fui-me acalmando até que aquele sentimento interior registou que haviam "outros" na sala.

Outros?

Eu não podia "ver" nada nem ninguém, nem mesmo a minha velhinha. Só podia sentir, com cada um dos meus sentidos "extra," que se retesavam para perceber, que eu não me encontrava sozinha. E essa não foi uma sensação muito agradável!

O que quer que estivesse ali, ou quem quer que se achasse presente, mostrava-se tão confuso e cheio de medo como eu estivera durante toda a tarde. Esse algo também revelava tanta hostilidade contra mim quanto eu já sentira por ele. Então, pedi ajuda e rezei, mas não sei quais foram as palavras que empreguei nem quais os apelos que fiz ao Grande Espírito.

Aguardei. Dentro em pouco jorrou através de mim o fluxo de Luz que eu já sentira antes. A minha perceção registou a forma-pensamento de um jovem frade franciscano com um rosto de anjo, de quem eu recebera instruções anteriormente.

Este era o Irmão de Luz. Relaxei. Percebi, então, que ele não estava sozinho. De súbito, na minha mente interior, eu vi-a. Ela era bonita e aparentava estar elegantemente trajada com um vestido de seda grossa e negra, que se ajustava estreitamente ao redor do seu busto e da sua cintura fina e se alargava numa barra ampla, que descia até o chão. A minha visitante era uma mulher bem delgada, tal como as mulheres modernas são vistas hoje em dia, mas tinha uma postura correta; a sua cabeça, ornada por uma cabeleira escura, impecavelmente penteados, mantinha-se altiva e as suas costas eram retas como um pinheiro. A sua presença irradiava autoridade e arrogância. Ela movia-se com graça e dignidade, mas notei que os lábios carnudos se mostravam caídos nos cantos, numa expressão de patente desprezo. Depois, "vi" a longa corrente prata e o medalhão!

Então, *esta* era a Senhora. Esta era a entidade corrompida pelo seu próprio egoísmo, pelo seu rancor profundamente guardado, que, por causa da sua atitude mental, se mantinha prisioneira naqueles subúrbios escuros das Terras das Sombras, entre as trevas e a Luz. Eis a pobre alma separada da beleza que amara, porém, ainda assim necessitada da purificação pelo arrependimento que haveria de lhe libertar a alma para o progresso. Eis o encargo que o Irmão de Luz me reservara. Como poderia eu poderia levar pela frente as suas instruções? *Ele* era Um com ela, no Amor; *eu* já estava a fugir da turbulência provocada pela presença dela.

Faiscaram-me algumas palavras na mente e compreendi que os pensamentos daquela mulher já estavam em comunicação telepática comigo. Ela estava de pé, a olhar atentamente ao redor da sala "Isto é um pouco melhor do que o lugar onde tenho estado," ela fazia um sumário da minha residência, "apenas o chalé de um trabalhador." Os lábios encresparam-se-lhe com desprezo.

Protestei contra isso, transmitindo com alguma emoção, uma contestação à sua afirmativa. "Não, a casa está modernizada, limpa e encantadora." Com prazer e orgulho, olhei ao redor do aposento com suas vigas de carvalho.

Ela fez um gesto de desacordo. Consequentemente, deve ter recebido os meus pensamentos -- pensei. Mas já me teria visto?

Tentei enviar-lhe mais pensamentos. "Aqui está iluminado. . . iluminado, quente e agradável," insisti.

Ela não prestou atenção. Depois começou a mover-se pela sala. Parecia estar a examinar a mobília e os meus quadros com algum interesse. Estaria a ver a minha sala conforme o aspeto atual que ela tinha? Ou ainda estava consciente da habitação pobre e escura que certa vez fora o lar da sua criada? Eu não o podia averiguar.

"É melhor do que o lugar onde você tem estado?", insisti procurando não a magoar por estar consciente do seu desprezo.

Ela deteve-se por um instante, como que a escutar. Até mesmo olhou na minha direção. Então, voltou-se para o outro lado. Senti que me rejeitara. Ou eu não passava de uma fantasia para ela ou a sua mente tinha-me classificado como um dos seus vizinhos no lugar onde atualmente habitava. A ideia foi bastante mortificante. Fiquei perturbada e comecei a duvidar de que pudesse ajudá-la. Então, surpreendi-me a afastá-la dos meus pensamentos. Deixei a pobre alma acostumar-se a este ambiente; afinal, aquela era apenas a sua primeira visita.

Fechei os olhos e reuni todas as minhas forças, a fim de resistir ao despertar da sua presença. Lentamente, sucedeu uma mudança; eu não estava adormecida nem mergulhara em nenhum tipo de transe. Todavia, fiquei inteiramente calma, A minha mente pareceu ampliar-se. . . Dentro de pouco tempo esta concentração relaxou. Agora tinha consciência não só do infeliz espírito que exsudava veneno na minha tranquila residência, mas da presença do irmão. Ele não tinha ido embora. O seu pensamento ainda estava comigo. Comecei a registar esse pensamento. Então, conforme a minha mão procurou automaticamente a caneta e o caderno de apontamentos, percebi que a receção, por telepatia, já tinha começado.

“Então, vocês está em dúvida quanto à sua aceitação da tarefa intermediária?”

Foi o primeiro pensamento que chegou até mim. Era o Irmão de Luz, o Ser evoluído, todo-compassivo, que na sua sabedoria via esta alma, não como ela era agora, mas como viria a ser. Senti-me envergonhada da minha repulsa. Aguardei. Ele prosseguiu, com muita simplicidade e com uma Força tranquila que penetrou além da minha resistência.

“Isso é bastante natural. . . Creio que, neste estágio, você tem direito a outra explicação, e eu esforçar-me-ei por alcançar o seu entendimento a fim de que possamos ficar unidos e em harmonia neste Ato de Misericórdia.”

Deu-se uma pausa. Uma parte do meu cérebro registou o facto de que a Senhora ainda vagueava inquietamente pela minha sala de estar, mas aquilo já não parecia ter importância. A presença dela já não me perturbava mais.

O Irmão começou a explicar a situação. Os seus pensamentos chegaram até mim com nitidez e eu escrevi apressadamente.

“Eu sou conhecido como o Indicador do Caminho.’”

Os pensamentos penetraram-me na mente como relâmpagos.

“Embora habite as Regiões de Luz e aí receba ensinamentos e, por vezes, ensine recém-chegados, parte do trabalho que me sinto honrado em realizar é fazer viagens, em pensamento, para as Terras de Sombras e para as regiões a meio caminho e dali, então, conduzir algumas entidades que, depois do arrependimento e da reparação, estão prontas para tomar o Caminho, rumo aos Planos de Luz.

Há, como você talvez possa entender, um fluxo constante de almas que passam para níveis mais elevados, algumas vindas até mesmo dos infernos mais inferiores e que se transformaram gradualmente, algumas que compreenderam o estado em que se encontravam e que, por meio de um esforço contínuo, alteraram os seus padrões de pensamento, repararam os seus erros e assim se elevaram para a Luz. Outras permanecem obstinadas e impenitentes e recusam o nosso auxílio. Nessa categoria devemos inserir a visitante que de momento tem. Você já sentiu a sua presença perturbadora, e recuou ante ela. Você teria recuado muito mais, minha amiga, na *moradia* da qual eu a trouxe por meio do pensamento!

“O Menino que agora você conheceu na sua mente interior e cujo tempo de vida no seu plano terreno foi curto, restrito e extremamente difícil, é uma alma evoluída. Ele já se diplomou no Plano do Aprendizado e veio a mim oferecer-se para servir. Por conseguinte, em algumas ocasiões ele acompanha-me aos mundos inferiores. Ainda não tem permissão para se dirigir lá sozinho, pois existem muitos perigos com os quais ele poderia defrontar-se sem ter suficiente conhecimento, experiência e força para os combater com segurança. Numa visita dessas ele a encontrou, aquela

que tinha sido sua mãe terrena. Ficou desolado ao ver a condição em que ela se encontra, pois embora ela o tivesse tratado com crueldade e ele a tivesse temido um pouco, sempre a amara com uma espécie de afeição muda. Tinha havido um forte vínculo de alma entre os dois, forjado me outras experiências da alma, um vínculo que, infelizmente, não tinha sido harmonioso. Era essencial que essa harmonia fosse dissolvida pelo amor, mas isso não foi realizado no relacionamento de mãe e filho, na terra.

“Quando o Menino deixou o seu plano terreno e foi despertado no Mundo celeste, ficou a saber do fracasso e entristeceu-se. Tentou enviar-lhe irradiações de amor, a fim de a ajudar nos últimos anos de vida, mas não conseguiu atingi-la. Entretanto, ela também deixou o plano físico. Agora, o único objetivo do Menino era encontra-la, e como ajuda nesse propósito ele valeu-se de toda a compaixão.

Todavia, não teve sucesso porque ela levara consigo, para a sua nova Vida, o mesmo ressentimento, a mesma amargura e egoísmo com que tinha enfrentado o chamado da morte. A barreira entre ambos parecia intransponível. Então, durante a nossa visita ele encontrou-a. Ela, porém, não reconheceu o Menino evoluído. Ele estava muito distante do patético jovenzinho retardado que se afogara nas águas do açude existente nos terrenos da propriedade dela. Ela repudiou-o.

“O Menino, seu filho, cheio de amor e de compaixão, e de um desejo de a ajudar a evoluir da moradia repugnante em que se encontrava, apresentou o seu caso diante do Concelho de Sábios, aqui. Os registos foram investigados. Foi descoberta uma pista no modelo de alma da mulher simples sem desenvolvimento que tinha sido criada da mãe e que tinha amado o Menino.

A criada também tinha deixado o seu corpo físico, porém, permanecera inconsciente dessa mudança. Não era infeliz como a sua patroa nem se vira nos subúrbios do inferno. Ela agarrara-se, em pensamento, à sua antiga forma e à sua habitação material, o chalé que agora é seu. Ela encontrava-se numa condição que você chamaria de carnal.

“A imagem começou a concatenar-se. Um Plano foi concebido pelos Sábios e foi transmitida a Palavra em busca de um ‘intermediário.’ Assim, você foi convocada para o chalé, inconsciente do Modelo e do Plano que seriam elaborados. Você entenderá o resto. . . a perceção que teve da criada e a aparição do Menino, assim como o encargo que colocamos sobre os seus ombros, de ajuda no salvamento da mãe do Menino.

Desejamos que você possa realizar isso. Desejamos que, por meio do seu dom de visão e audição interior, possa servir com elo para a libertação e o progresso não somente da alma da mulher ignorante e aprisionada à existência terrena, mas também por esta alma que está no trágico purgatório que ela própria criou.

“Você e eu agiremos juntos, minha amiga, como ‘canais da Mente e da Alma.’ Compreenda que eu estou ao seu alcance para a ajudar em qualquer dificuldade. Procure vencer a reação instintiva, da sua personalidade, contra esta alma atormentada porém impenitente. Dentro em pouco ela a ‘verá’ e um contacto mental será feito. Confio em que você realizará a missão que a sua alma pediu e confio em que as reações inferiores da sua personalidade serão suplantadas pela realidade do amor da alma.”

Fez-se um silêncio profundo. Então, na minha mente, surgiram palavras que foram quase como uma prece. “Que a Luz do Cristo possa consumar este Modelo de Amor, por nosso intermédio.”

Eu estava atordoada. Sentei-me, cada pensamento mundano na minha mente era silenciado pela tremenda corrente de força espiritual que este grade Ser exsudava. Era tão sábio e tão gentil, porém, falava com tanta autoridade. Um instante depois, ele desapareceu gradualmente do cenário e tornei a ter consciência da mulher elegantemente vestida, que tinha vagueado pela minha sala de estar.

Houve uma interrupção provocada pelo toque da campainha do telefone e quando retornei ao meu assunto, junto ao fogo, a sala pareceu estranhamente vazia. A bela Presença de Luz se fora e a alma perturbada e insatisfeita tinha sido mandada de volta para a sua sombria habitação nos subúrbios das Terras das Sombras.

Guardei os meus cadernos de anotações.

Durante os dois dias que se seguiram, nada aconteceu. As minhas energias foram concentradas em tarefas diferentes. Eu não tinha perceção desse outro Mundo que se acha tão próximo do nosso, em pensamento e sentimento. Não obstante, em certos momentos, percebi fragmentos de um monólogo unilateral, mas quando tentei ‘receber’ os pensamentos não fizeram sentido e as palavras evaporaram-se-me da mente. Permaneci bem firme no nível terreno e ocupei-me das minhas tarefas quotidianas.

Na terceira noite, porém, quando desliguei o televisor após o término do noticiário, percebi que os meus sentidos esticaram como elásticos tensos e que ficara em “sintonia” com a inquietação da minha elegante visitante. Ela vagueava pela sala, exatamente como estivera quando o contacto tinha sido cortado, dois dias antes.

Experimentei uma certa surpresa e uma sensação de alarme. De algum modo, ela arranjara um meio de realizar a transição sem auxílio do Menino ou do irmão de Luz. Como conseguiria fazer isso? Ela já estaria cheia de remorso e pronta para cooperar? E num período de tempo tão curto?

Então compreendi que lá não existe tempo, conforme nós o aferimos na terra, por horas e dias. *Não existe tempo* nos planos espirituais. Tudo é agora. Depois de ter digerido isto, tornei a sentar-me para entrar em contacto, se possível, com a minha visitante, confiando em que ela pudesse estar mais dócil. Senti-me determinada a manter isto no meu próprio nível, e não no dela.

“Seja bem-vinda. Deus a abençoe,” transmiti mentalmente.

Não houve resposta. Eu poderia nem ter estado na sala. Uma vez a senhora passou tão perto de mim que tive a certeza de que ela deveria ter tido alguma perceção da minha presença. Contudo, ela não deu sinal disso.

Não obstante, a Senhora estava a pensar e a minha mente estabeleceu ligação com a dela, de modo que eu estava a repetir os seus pensamentos. Apanhei o meu caderno de anotações e a minha caneta e esperei. Os seus pensamentos não eram agradáveis nem construtivos. Ela não mudara em nada.

“Até que enfim que me encontro fora daquele lugar sombrio,” diziam os devaneios da Senhora. “Embora isto não seja muito melhor. Porque está tudo tão escuro?” (Eu mantinha as luzes elétricas acesas, na sala.) “Suponho que este seja um outro sonho. Um sonho? O último foi um pesadelo. Mas aqui há alguma coisa diferente. Eu poderia estar. . . estarei eu morta, realmente? Existirá uma continuação da vida? Se existe, porque será tão deprimente? E que dizer do céu. . . e do inferno? Inferno?”

Ela pareceu estar a refletir sobre isto. “Existirá um inferno? Eu nunca acreditei em anjos e harpas e devo admitir que não encontrei nenhum

demónio. Ou será que encontrei? Que horrível lugar onde estou. . .aqueles que lá se encontram serão demónios? Não."

Ela afugentou a ideia.

"Então, que coisa serão eles? E onde estarei eu? Terei morrido realmente? Posso recordar aquele ataque de coração. Lembro-me de ter gritado a pedir as minhas pílulas, mas nada aconteceu. Então a dor, que se agravou, não foi, mesmo? Que foi que sucedeu depois disso? Terei morrido? Que me aconteceu? Por que não consigo encontrar a minha casa? E por que serei obrigada a ficar neste cortiço imundo? A minha vida não terá sido suficientemente infeliz? A morte não deveria ser diferente?"

"Vida." Ela andou pela sala, tomada por um sentimento de autocomiseração, sem se importar agora com o lugar onde estava. "Que alegria alguma vez extraí da vida? Dinheiro? Sim. Beleza? Sim. Mas terá isso sido suficiente? Que felicidade terá existido no meu casamento com um velho? E que alegria me trouxe um filho idiota. . .essa criatura que era uma mosca varejeira nascida da luxúria com um lavrador? Odiei o menino, e ele tinha um medo terrível de mim.

Um palerma desajeitado, com um sorriso tolo. Meu Deus, certamente que eu merecia coisa melhor. Foi um alívio quando ele caiu no açude. Sim, eu fiquei contente quando ele se afogou, o meu filho idiota. Tão contente quanto fiquei quando a morte do meu velho marido me deixou desobrigada e livre, antes que ficasse completamente senil. Não creio que pudesse ter aguentado isso."

Neste instante, senti que não podia ouvir mais. A minha paz mental tinha-se evaporado. Eu estava irritada, perturbada. Larguei a minha caneta, fui para a cozinha e preparei o jantar. Esta noite apenas escutarei, se for obrigada a isso, e nada mais -- decidi.

Dizer que eu estava perturbada é uma atenuação da verdade, até que me lembrei da promessa do Irmão de Luz. Silenciosamente, enviei um pedido de ajuda: "Isto é mais difícil do que eu esperava." O meu tranquilo chalé parecia cheio de malignidade e rancor. Então, surpreendi-me a sussurrar uma prece que lera certa vez: "Fica comigo, meu Senhor. A noite está escura; não se vê o Caminho." Mais tarde, depois do meu medo ter diminuído, tentei pensar na alma da mulher e enviar-lhe pensamentos de Amor, para dissolver as suas trevas.

Passaram-se alguns minutos antes que eu tivesse condições para retornar à minha sala de estar, com alguma dose de calma. Tudo, então, estava em paz. A minha visitante tinha partido e a depressão dispersou-se. Guardei a minha caneta e o meu bloco. Sabia que naquela noite não poderia escrever mais. Na verdade a aversão que sentia era tanta que fiquei a interrogar-me quando a minha caneta voltaria a escrever ou a minha mente tornaria a "receber."

Mas isso realmente sucedeu! Pois quase duas semanas se passaram antes que eu tornasse a sentir qualquer disposição para escrever ou tornasse a sentir qualquer impulso vindo de uma fonte espiritual ou astral. Eu estava preocupada por causa do "material" que me estava a ser vertido no íntimo, para este livro. Ia tratar-se de um livro; agora eu sabia disso. Estava certa, também, de que a história já estava a ser representada nos Planos Inferiores.

Tudo tinha caminhado muito bem com a minha inquilina, a velhinha, e com o Menino; e, naturalmente, com a inspiração vinda do Irmão. Contudo, passei por um estado inteiramente antagónico no que concerne às últimas visitas. Senti-me quase como um ator deve sentir-se quando se vê metido contra a vontade numa peça que não aprecia e numa cena que lhe parece execrável!

Afinal, neste drama eu era uma espécie de atriz. Estava a interpretar diversos papéis. Surpreendi-me de novo a criticar todo o conjunto de acontecimentos sobrenaturais. Estava muito aborrecida para ser de novo arrastada para um drama astral que agora me ameaçava a própria paz mental.

Assim foi até uma certa noite, durante as negras semanas da greve do carvão. O Domingo tinha sido um dia "perdido." Juntamente com milhões de outras pessoas, eu tinha passado o dia inteiro com frio, pois a interrupção total da eletricidade (a minha única fonte de calor) tinha obstado as intenções que eu tinha de escrever ou ler.

Ao anoitecer, porém, quando a situação se normalizou, e eu estava de novo acomodada para ler, tive perceção da minha visitante. Mais uma vez ela estava magoada e eu lembro-me de ter estremecido ligeiramente, com ansiedade. Ali estava ela, no seu vestido de seda negra e grossa, a sua cabeça pequena e orgulhosa sempre altivamente erguida, os ombros aprumados num gesto de desafio, a sua longa corrente a balançar -- e a olhar para mim. A Senhora "vira-me" ou (deveria ter escrito) tomara consciência da minha presença, na sua mente.

Ela começou a falar comigo, porém, naturalmente não falou como quando estava num corpo físico. “Pensou” as palavras que me dirigiu, e os sentimentos não eram nada polidos.

“Você mora aqui?”, inquiriu ela. “Num chiqueiro como este?”

““Isto não é um chiqueiro,” respondi, ao tentar tornar os meus pensamentos tão positivos quanto os dela. “Isto é um lar, um chalé atraente, renovado, reconstruído e modernizado.”

Ela encarou-me fixamente.

“Modernizado? A minha criada morou aqui depois que eu. . .”

hesitou ela, “Depois que eu. . .”

“Depois que morreu?”, interrompi, sem piedade.

A cabeça ela recuou com um movimento espasmódico. Ela não me contradisse.

“Você morreu,” prossegui. “Você ficou inconsciente.”

A senhora agarrou-se a isso.

“Sim, sim, eu fiquei inconsciente. Não podia ouvir, não podia ver. . .”

“Você morreu,” insisti friamente, determinada a persuadi-la. Pude sentir a intensidade do horror dela. “Morta? Eu não estou morta. Como poderia estar? Sou a mesma de sempre.”

“E você vive na sua linda casa?”, tornei a insistir.

Ela voltou-se rapidamente, para não me encarar e para dar a si própria tempo para se recobrar desse choque.

“A minha casa,” a senhora pareceu tentar recordar. “Era uma linda casa e um jardim agradável. Mas eu a perdi. Não consigo encontrar o meu caminho de volta para ela. Sou obrigada a ficar num lugar horrível, num casebre até mesmo pior do que qualquer choupana onde os meus criados mariam. Odeio aquilo. Odeio as pessoas, igualmente. Elas são desprezíveis. Por que tenho que ser obrigada a ficar lá? Por quê? Por quê?”

Ela ficou parada a encarar-me, enquanto eu permanecia sentada, a escrever. Evidentemente, nenhuma questão quanto ao meu direito de estar no chalé, ou quanto à sua habilidade de entrar em contacto comigo, pareceu perturbar-lhe os sentimentos de rancor contra todos.

“Você poderia estar morta.” Eu senti que tinha que ser brutal de modo a impressioná-la.

“Mas não estou,” contradisse ela.

O que aconteceu depois que você. . . ficou inconsciente?”

“Como poderia eu saber disso? Já lhe disse, eu não podia ver. Então acordei num. . . num casebre. Como posso estar morta? Estou muitíssimo viva. Já nem mesmo me sinto doente.”

Ela fez uma pausa a refletir no que tinha dito.

“Eu sei. Estou a dormir e a sonhar. É isso. Isto é um sonho, um pesadelo.”

Você não está a sonhar.” Dotei o meu pensamento de tanta potência quanto possível. Ela compreendeu-me rapidamente.

“Está bem. Não estou a sonhar. Onde estou, então?”

“Bem perto da terra. Eu não estou morta. Ainda estou na terra.”

A última frase do meu pensamento não pareceu ter sido registada. Mas ela agarrou-se à ideia de estar em algum lugar novo.

“Perto da terra? Mas antes eu não. . . estava. Estava?”

Agora eu podia sentir o raiar de um leve reconhecimento da sua condição.

“Eu estava naquele lugar horrível. Eu estava. . . eu estava. . . “

Ela ficou como uma estátua, imóvel e petrificada pelo medo. O choque deve ter torpedeado todas as ideias anteriores, todos os ódios, todas as esperanças vagas. Continuei sentada, muito calma, a escrever. Pobre alma; para ela ia ser o momento da verdade. Por fim a Senhora pareceu estremecer ante o horror da sua própria interpretação.

“Eu estava. . . no *inferno* Inferno! Aquilo é o inferno! Oh, meu Deus!”

Pobre criatura atormentada. Talvez eu pudesse alcançá-la com algumas migalhas de conforto. “Você não estava no inferno, apenas nos subúrbios do inferno. Pelo que eu entendo, o inferno é muito pior que aquilo.” Falei-lhe, com mais gentileza nos pensamentos do que anteriormente.

Durante alguns momentos ela não pareceu compreender-me.

“Subúrbios do inferno, diz-me você? Mas o próprio inferno será pior? Poderia alguma coisa ser pior? Diga-me lá. Qualquer coisa? Qualquer lugar?”

“Poderia! Poderia ser e é pior!”, respondi.

“Pior do que aquele casebre imundo? Do que aquelas pessoas pavorosas?”

Eu podia ver que a sua consciência se tinha fixado naquilo. Ela voltou a repetir o mesmo pensamento. Percebi que tínhamos atingido um impasse. Talvez isso bastasse já para esta visita. Piamente, desejei que bastasse.

Mas eu não estava preparada para a explosão seguinte, nem para a súbita rajada de emoção que a envolveu.

“Subúrbios do inferno!”, explodiu ela, e eu preparei-me para o que se iria seguir. “Porque deveria eu estar ali? O que foi que eu fiz? O que fiz eu de mal para merecer isto? Eu roubei, ou eu matei, ou oprimi os pobres? Fui à igreja todos os Domingos, regularmente. Dei dinheiro para as obras de caridade. Convidei aquele horrível pároco para jantar, uma vez por mês. Sempre paguei os meus tributos. Eu. . .”

De repente tive perceção do Irmão de Luz. Ele estava distante da Senhora e a Luz da sua presença irradiava até ao extremo da sala. Ele fez-me um sinal e transmitiu-me os seus pensamentos com absoluta nitidez, de modo que eu vi-me a repeti-los, quase automaticamente, com as minhas próprias palavras.

“E odiou o seu filho? E maltratou as suas criadas? E desprezou o marido? E não teve amor dentro de si? E não teve graça no seu coração?”

A Senhora ficou completamente aturdida.

“Mas. . . mas esses eram assuntos meus, particulares! Os meus problemas pessoais.” Se ela não estivesse apenas a pensar, certamente teria gaguejado.

As palavras do Irmão ecoaram de novo, através da minha mente.

“E você pensa que. . . assuntos particulares não ferem ninguém?”

A cólera chamejou nela. “Feriram-me a mim.”

As palavras do Irmão tornaram a vir. “Mais do que você pensa. É por isso que você está entre outros que sentiram ódio e causaram mágoas.”

“Entre outros?” A referência tinha encontrado o alvo. “Você quer dizer aquelas criaturas. . . nos subúrbios?”

Diante desta pergunta o Irmão manteve-se em silêncio. Eu também não formulei quaisquer pensamentos. Depois do que me pareceu um longo e tenso período de tempo, a nossa visitante golpeou o ar.

“Mas eu não fia nada, nada!”

A disposição dela foi tão vigorosa que ela parecia estar a gritar-me.

“Estar perto do inferno apenas por isso! Apenas por isso!”

O ressentimento dela ecoou por todo o chalé Senti-me triste e deprimida. Então, captei um raio de conforto vindo do Irmão. Talvez alguma coisa pudesse ser feita por esta pobre criatura. Desejei que fosse, sinceramente. Não podemos ser insensíveis ao sofrimento. Senti que podia fazer muito pouco. Mal podia tocá-la. Não obstante, não estava ali um grande Ser de Luz, um Indicador do Caminho, que fazia todo o esforço para despertar alguma centelha de remorso nesta pobre alma cercada de trevas?

Fiquei sentada ali, durante algum tempo. A sala pareceu vazia e gelada. A Senhora, com a sua ira e amargura, mergulhava de volta no seu ambiente medonho. O Irmão de Luz retirara o seu contacto este último episódio fez-me ficar no meu juízo perfeito. Estaria eu realmente em contacto com uma alma que se encontrava nas imediações do inferno? Isto poderia ser realmente a morte. . . e o futuro? Seroa este, realmente, o destino das entidades cujas vidas, na terra, tinham estado repletas de egoísmo; personalidades que tinham odiado, desprezado e ofendido os outros?

Essa afigurou-se-me uma ideia assustadora. Se ao menos eu pudesse saber. Continuei a pensar. Se ao menos tivesse perceção das consequências de emoções tão negativas e de tão cruéis ações. Oh, qual seria a utilidade dos sofrimentos dos santos, dos mestres e dos homens sábios? De que modo a religião deixara de enfatizar essa Lei? O Cristo não tinha transmitido a Lei do Amor? “Ama o teu próximo como a ti próprio.” Isso não incluiria um filho, um marido e os criados?

Na noite seguinte recebi um outro visitante. Não era a Senhora, a entidade dura e implacável. E também não era a humilde criada, ainda

não despertada, que mais tarde me preencheu o pensamento com a calidez do amor e da compaixão. Era o Menino. Senti que agora el e tinha uma estatura elevada e uma postura ereta, que ele era realmente diferente, no seu corpo espiritual, daquele equivalente terreno, desengonçado e de andar arrastado, no qual a sua nobre alma estivera aprisionada na terra. As suas feições eram belas e puras. Pensei na mãe dele. Se ao menos ela pudesse ver o filho dela agora. O sorriso do Menino foi muito compreensivo, pois ele deve ter captado o meu desejo.

“A minha mãe ainda não compreende. Ela é nova para o Espírito,”

disse ele, a desculpar-se.

Interrompi-lhe o pensamento. “Nova? Ela deve ter estado ali por quase cem anos.”

Tive a impressão de sentir que ele estava a achar graça.

“O tempo não existe. É só pelo seu estado de consciência que o tempo tem qualquer significado.”

“Mas, ter desperdiçado mais de oitenta anos!”, protestei.

“Ela não tem ideia da passagem dos anos, nem terá,”

chegou-me a resposta.

“Contudo, agora ela tem perceção do ambiente que a rodeia. Está apavorada com a escuridão e a ausência de cores, pois a minha mãe tinha na sua alma, e ainda tem, admiração pela beleza. O seu jardim expressava isso; era cheio de cores e de encanto. Nas suas roupas, ela também revelou o seu gosto requintado; sempre usou lindos vestidos. Estas foram, asseguro-lhe, uma expressão de uma natureza efémera, mas brotaram de uma qualidade da alma. A minha mãe não é uma alma perdida, sabe.”

A expressão dele era imensamente gentil.

“Ela está apenas desencaminhada, desorientada, e ainda se mantém prisioneira na estreita circunferência da suam aneira de pensar.”

“Contudo,” prosseguiu o pensamento do menino, “Nós temos uma pista que nos pode ajudar a alcança-la, um raio de luz no medo tenebroso que existe na mente dela. Talvez possamos apelar para o desejo inconsciente de beleza, ainda vivo dentro dela.”

“Como?” indaguei eu querendo saber, ao relembrar a concha dura desta mulher. O Menino, porém, tinha afastado a sua consciência e eu fiquei a imaginar de que modo o Espírito poderia ser capaz de ressuscitar qualquer coisa harmoniosa um tal conflito de revolta e rancor.

* * *

Eu recobrara de um forte e agudo ataque de gripe. Na fria tarde de Fevereiro, a minha sala de estar mostrava-se cálida e agasalhante e estava envolvida em tal aura de paz que me entreguei a ela. Abateu-se aquela quietude que, para mim, é sinónimo de contacto com o Espírito. Naquele momento, nada tinha *existência* para a minha mente; somente uma grande força de paz, uma quietude luminosa, um abandono voluntário do pensamento, do desejo e da motivação.

“Eu era, eu sou, eu sempre serei.” As palavras deslizaram-me para dentro da consciência será que eu tinha experimentado isto, em algum outro estado de consciência? Contudo, embora mais tarde eu compreendesse que isto tinha acontecido comigo durante a redação dos textos de Frances Banks, para o livro *Testemunho de Luz*, naquela ocasião não apreendi tal facto.

Basta dizer que o chalé, então, estava cheio de fulgor, e que a absorção desse fulgor era tudo o que a minha alma necessitava.

Dentro em breve tornei-me consciente da presença do Irmão de Luz. As suas vestes brilhavam com uma brancura deslumbrante, o cabelo dele era como ouro puro, por efeito da luminosidade que lhe pairava ao redor da cabeça. Ele era luz, beleza, e paz. Quaisquer outras palavras não podem explicar isso. Tão logo tomei consciência da sua Presença, uma única frase ressoou me no cérebro.

Ausência de desejo. Compreendi então o significado daquela quietude. O canal da minha mente tinha recebido o equilíbrio perfeito do meu Visitante celestial.

“O desejo sempre anula a paz,” chegou-me o pensamento “Mas o desejo de bondade. . . de alegria?”, objetei.

“Ainda é desejo. . . e faz parte do ego, da personalidade e da ilusão,” foi a resposta. “A paz perfeita nada pede, não tem desejos nem abriga receios, não se agarra a ilusões.” (agarrar-se a uma ilusão? Estranha metáfora. Não obstante, tão apropriada.)

O meu visitante dirigiu o seu pensamento para mim. Agora ele mostrava-se cheio de propósito; após um breve período compreendi a importância da sua mensagem. Ele explicava que, por habitar agora a orla dos Mundos Astrais inferiores, ou dos mundos do desejo, a mãe do Menino odiava o ambiente que a cercava, e abominava e desprezava os seus companheiros de prisão e consumia o seu espírito o anseio pelos confortos e pela beleza da sua casa terrena, com todos os privilégios que a riqueza material pode proporcionar. Essa era apenas uma saudade egoísta, em memória dos luxos que ela nunca apreciara enquanto eles estiveram em seu poder. Contudo, isso ainda constituía desejo e não uma avaliação sincera da sua própria condição nem dos resultados das ações que praticara. (1)

Não se denotava mudança nos sentimentos dela, nenhum amortecimento do orgulho, nenhum remorso. O desejo ainda a mantinha nos degraus mais inferiores da escada do progresso ali, com os seus grilhões. Até que esse anseio pelas coisas terrenas fosse dissolvido ela não poderia encarar a si própria nem avaliar os seus sucessos e fracassos à luz de uma compreensão mais espiritual; por conseguinte, ela própria estava a atrasar a evolução rumo àquela mesma beleza que era uma qualidade da sua alma.

(1) Por mais que pessoalmente a admire, muito do que a autora tece de mais contundente com respeito à condição da senhora é subjetivo e não deve ser tomada como dado adquirido pelo leitor, pois denota um acentuado cunho de austeridade que brota até mesmo daquilo que ela procurou vencer nela própria e provavelmente não conseguiu. Ela própria denuncia uma ambiguidade que a leva a inferir a dicotomia que descreve em termos tão angulares, e atribui-os de forma sumária ao desejo, o que mostra uma certa ambivalência.

“O livre arbítrio existe,” foram as suas últimas palavras. “Não somos coagidos a revisar as nossas ações, não há interferência, não há punição, exceto na medida em que essa criatura atrai aquilo que ela criou para si própria; não há limite de tempo para a permanência dela nesses mundos para os quais foi levada pelo seu carente estado de graça. Mas sucede que lá existe o Amor, a Lei do Criador. E esse amor vencerá, minha amiga.”

Veio-me à mente a recordação das “fotocópias” de Frances Banks, no seu livro Testemunho de Luz, e a maneira gentil com que foram auxiliados, abençoados e curados aqueles que receavam examiná-las.

Então essa era a explicação. Até que a senhora fosse purificada da sua rebeldia, ela nunca seria capaz de enfrentar os registos das suas experiências terrenas.

Segundo Frances Banks tinha explicado, esses exames eram bastante difíceis para a “boa” gente comum. Quão mais apavorantes não se afigurariam para aqueles cuja consciência estava queimada pela recordação deles. Essa rebeldia não seria uma indicação de profundo temor? A senhora tinha sido separada de tudo quanto desejara e possuía no mundo material. Estava agora despojada e nua. Não tinha nada com que se esconder de si própria. Ela estava a sofrer uma espécie de purgatório. Um sentimento de compaixão cresceu dentro de mim e então eu soube que, a despeito da relutância que eu sentia, terminaria este trabalho se fosse capaz.

Duas ou três semanas mais tarde, numa noite de Sábado, eu estava a remendar meias junto à minha lareira. O rádio estava sintonizado no programa “Aqueles a quem você amou,” e a música propagava-se por todo o meu chalé, enchendo a sala de beleza e alegria. Sentada ali, arrebatada pela beleza e ressonância de vozes famosas e de grandes orquestras, tornei-me consciente de que não me encontrava sozinha. Na poltrona oposta, onde eu estava acostumada a perceber a recatada figura da minha velha aldeã, sentava-se outra visitante vinda de um outro mundo. A senhora!

Ela estava bem quieta; a sua atenção parecia estar concentrada na música que jorrava na sala e absolutamente absorvida na voz adorável de uma cantora mundialmente famosa. Ela pode ouvir! -- falei para mim própria. Contudo, era bastante óbvio que a Senhora não tinha qualquer ideia a respeito da origem da música, e de facto, nem do lugar onde se encontrava.

Ela não me viu e se, pela sua visita anterior, reconheceu a sala de estar do eu chalé, não deu sinal disso. Ela poderá estar de volta à sua própria casa de visitas, na grande casa onde tinha passado a sua vida, ou talvez em algum teatro de ópera ou sala de concertos onde certa vez se deliciara com tal música. O seu “corpo” estava em repouso. Ainda vinha “vestida” com a saia ampla, feita de seda negra e grossa, mencionada pela criada; E sobre o seu busto pendia a linda corrente de prata, com o medalhão. De facto, ela era a mulher bonita que outrora deveria ter sido. Só que agora a expressão do seu rosto era apaixonada, comovida pela beleza e harmonia que enchia o chalé. Ela parecia “viva”, ardente,

elevada. Durante alguns minutos fiquei a observar, querendo saber se a enxergava realmente, até mesmo com os meus olhos mentais. Ela parecia de certo modo diferente, liberta.

Fiquei curiosa por saber se seria possível estabelecermos comunicação num nível mental, e logo os meus pensamentos penetraram-me no cérebro.

“Eu estou a sonhar.” O pensamento foi absolutamente claro. Revelou uma compreensão lúcida a respeito da sua mudança de circunstâncias. “Isto é maravilhoso! Tão maravilhoso! Até que enfim que me vejo longe da imundície e da miséria.” Aqui, a mente dela ficou engasgada de emoção. Eu pude-lhe *sentir* as lágrimas. No meu coração, rezei a pedir auxílio e libertação para ela.

Como se a Senhora tivesse recebido a minha prece na sua consciência, a sua angústia irrompeu por palavras. “Oh, Deus, não me deixe voltar para lá, nunca mais. Deixe-me ficar nesta beleza.”

(E certa vez ela chamara o meu chalé de chiqueiro.)

Dentro em breve tive perceção do filho dela, agora uma fulgente figura de Luz. O Menino postou-se ao lado dela, ansioso pelo reconhecimento. Deliberadamente, tomou posição em todos os ângulos que a visão dela pudesse abranger. A luz da sua fisionomia iluminada fluiu na direção dela e envolveu-a, levando a sua consciência a voltar da absorção em que estava, na música. Ela suspirou e mexeu-se, mas não o viu. Por duas vezes escutei o Menino chamá-la gentilmente, “Mãe!”

Ela não deu qualquer sinal de ter ouvido a sua expressão nem demonstrou qualquer indício de reconhecimento.

Naquele momento o programa terminou. A música silenciou. Começou a apresentação da peça teatral das noites de sábado. Eu não me movi; este era um momento por demais solene para ser interrompido. Se ao menos a Senhora pudesse perceber a presença desta alma amorosa, que ansiava por libertá-la. Ela, porém, continuou sentada, ao que parece estupidificada pelo sonho que pensava estar a viver.

A peça teatral prosseguiu. Ouvindo parcialmente, não percebi o exato momento da partida do Menino. Nem fiquei a saber quando a Senhora desapareceu da minha visão interior. Só soube que antes do fim da peça o meu chalé estava vazio de quaisquer visitantes, vindos dos reinos superiores ou inferiores. Naquele momento tive um sentimento de

frustração. Como é impenetrável a treva da amargura. Como é densa a concha do egoísmo.

E que tristeza sofreria esta pobre alma, quando ela despertasse do seu "sonho."

DOMINGO

A minha visitante tornou a voltar esta noite.

Eu tinha sintonizado o televisor no programa da BBC 2 "Música no 2" e preparei-me para ouvir o grande pianista Húngaro Andor Foldes e apreciar o brilhantismo da sua técnica. Antes que o *Impromptu* de Schubert tivesse terminado, percebi a presença da Senhora. Ela estava de volta na cadeira oposta à minha e todo o seu ser se achava profundamente envolvido na beleza da música. Atrás dela estava o Menino. Ele olhou-me ao longo da sala e, como um relâmpago, enviou-me uma mensagem.

"A minha mãe era uma pianista consumada. Eu gostava de ouvi-la tocar. Mas nunca tinha permissão para entrar na sala quando ela estava ao piano. A minha presença perturbava-a."

Estou maravilhada -- penei -- pois é por causa da sua presença, por causa da sua preocupação, por causa do seu amor, que agora ela aqui está, a ouvir música, longe do inferno do casebre onde agora ela habita, longe do inferno criado por ela própria.

O *Impromptu* de Schubert terminou. Segiu-se um instante de silêncio; depois, um anúncio. Então, os gloriosos acordes da *Sonata em Dó Menor*, a *Patética*, de Beethoven, encheram a casa. A senhora ficou ali sentada, elegantemente vestida como na sua vida terrena (pois por certo não podia imaginar outra roupa) e relaxada. Não se moveu durante toda a execução; estava completamente absorta e a expressão do seu rosto era por demais comovente.

Há beleza na sua alma, pobre criatura! -- pensei. Senti que estava a pedir-lhe que mudasse, que se tornasse sensível ao amor do seu filho indesejado, para então, através do seu remorso, se elevar das trevas para a luz. E durante todo esse tempo o Menino permaneceu de pé ao lado dela, vigilante, à espera, com infinita paciência, pelo momento em que o poder do eu amor a comovesse e lhe dissolvesse a dureza.

Durante a maior parte da sonata profundamente tocante ela continuou sentada, com os olhos fechados. No momento de silêncio que se seguiu

às últimas notas ela pareceu abrir os olhos e a sua atenção foi atraída por uma outra coisa; um vaso de violetas africanas que me tinha sido dado por um amigo. O vaso estava colocado sobre a mesa de café, entre nós as duas. A planta era realmente uma coisa linda e as suas flores de um rosa aveludado brilhavam à luz de uma luminária colocada a um canto. A Senhora fixou os olhos nela com evidente prazer e eu percebi que ela devia ter amado as flores. Então, vi que ela estava intrigada; evidentemente, não tinha conhecido tal planta durante o seu tempo de vida.

No decorrer de toda a execução dos *Preludes* de Debussy ela ficou imóvel, a ouvir a música e a olhar para a beleza das flores, como alguém sequioso dessas coisas, como naturalmente ela estava. O efeito disso era tocante. Eu quase podia ouvi-la dizer para si própria: “Não me deixe despertar deste sonho, nunca.”

A música terminou. Antes da introdução do programa seguinte, a minha visitante tinha desaparecido na sombra e o Menino fora-se com ela. Mas eu senti que aquela noite tinha sido um passo preliminar para a libertação de uma pobre alma, através d partilha entre três da qualidade divina da Beleza.

NO DIA SEGUINTE

À noite, depois que as lâmpadas estavam acesas e as cortinas tinham sido corridas, senti uma enorme necessidade de fazer uma meditação silenciosa. Acomodei-me confortavelmente, relaxei e iniciei a técnica que parece harmonizar-se com a minha personalidade e com as minhas aspirações. Passado algum tempo, conforme eu retornava à perceção da minha realidade quotidiana, vi que a minha velhinha estava de volta. Ela estava sentada no seu lugar habitual, diante de mim, a olhar-me de uma maneira intrigada e inquisitiva. Fiquei tão aliviada por entrar em contacto com ela -- pois um longo intervalo transcorrera desde a sua última visita, e era muito mais fácil trabalhar com ela do que com a patroa -- que enviei um pensamento de boas vindas.

“O que é que está a fazer?” Eu quase pude ouvir a pergunta embora, naturalmente, não houvesse qualquer som oral.

“Eu estava a meditar,” respondi, logo de seguida.

“O que é isso?”

“É tentar ficar em contacto com Deus e com o Espírito,” respondi.

Ela pareceu fazer um gesto, como que a afastar tal tolice com um encolher de ombros.

“Estava a rezar? Eu nunca tive muito tempo para ir à igreja. Nem muito tempo para Deus. Ele nunca fez muita coisa por mim.”

“Ele criou a senhora.”

Ela arreganhou os dentes num sorriso. “Acho que o meu pai e a minha mãe foram quem fez isso.” A seguir, acrescentou: “Somente a classe educada e o pároco têm tempo para coisas assim como rezar e entoar hinos. Eles não trouxeram muito benefício à minha patroa.” (Não, eles não trouxeram -- concordei comigo própria.) “Pelo menos agora estou velha demais para essas patuscadas. Não tenho que a servir nunca mais. Tenho o chalé e tenho mantimentos. Isso basta-me. . . há de durar tanto ou mais do que eu.”

Com determinação, repeti: “Durará tanto ou mais do que a senhora? E o que me diz do fim. . . quando a senhora morrer?”

Ela ficou espantada. “Morrer? Esse é o seu fim, não?”

“Eu não disse isso. O que pensa a senhora a respeito do céu e do inferno?”

“Não acredito neles. Todo o céu que eu quero é ser livre e ter o meu chalé”

Então era isso. Este era o seu céu. Não é de admirar que ela se recusasse a ter consciência de qualquer outra coisa.

A velhinha prosseguiu sentada com um ar solene, a observar-me. “A senhora é esquisita. A pensar em morte e tudo isso.”

“A senhora não pensa?”

“Não, nunca. Caixões e ir para debaixo da terra! Uh!”

“Mas nós todos um dia temos que morrer.”

Ela estava a ficar irritada. “A senhora só fala em morrer.”

“Acredita que alguma parte sua continue a viver?”

“Lá vem a senhora de novo,” disse ela, exasperada. “Não, não acredito.”

“Mas suponhamos que a senhora continue a viver após a morte,” insisti

O seu rosto miúdo fechou-se. “Esperarei até que isso aconteça e então verei.”

Procurando dar maior naturalidade ao meu pensamento, retruquei: “Talvez a senhora não tenha que esperar muito.”

Ela encarou-me e pude sentir um sentimento de raiva. “Bem, essa é bora! Não tenho que esperar muito, hem? Daqui apouco a senhora está a dizer-me que eu estou morta!”

“E a senhora está?”

“Não, não estou. Se eu tivesse morrido não estaria sentada aqui, a conversar com a senhora.”

Isto era um tanto delicado. “Poderia estar,” pensei -- e ela captou-me o pensamento rapidamente. “Sim, na verdade a senhora bem que podia estar.”

Ela ficou estarrecida. “Ora, de todos os. . .” A indignação engasgou-lhe a ideia. Passado um instante ela controlou-se. “Perdoe-me senhora. A senhora deve estar doente. Quer que eu vá chamar um médico?”

“Quero,” concordei, ciente de que ela estava a cair numa cilada. “Faça isso.”

A velhinha permaneceu sentada durante algum tempo, a pensar e a alisar o avental.

“Onde. . . onde encontrarei um?”

“Não conhece nenhum médico por aqui?”

Não vejo um faz muitos anos. Por estes dias não tenho visto muita gente.” Ela hesitou, como se tivesse ficado aprisionada em alguma obscura recordação dos tempos passados.

“Na verdade, a senhora não vê ninguém, não é?, interroguei.

Ela pareceu ficar de pé de um gesto compulsivo e esticou-se me todo o seu metro e meio de altura. “Porque haveria eu? Tenho tudo o que quero.”

“Tudo? A senhora não tem amigos, não tem conhecidos?”

“Não os quero. Tenho o meu chalé,” disse ela, de modo obstinado.

“A senhora nunca se sente solitária?”

“Não. Sou livre. Agora não tenho que trabalhar para ninguém, desde a manhã até à noite.”

“É essa a ideia que faz do céu?”

“A senhora não sabe o que é trabalhar, não sabe o que é fazer. . . trabalho caseiro.”

Concordei com isso. “Mas eu sei que não desejaria estar sozinha num mundo onde não há ninguém para amar n em para cuidar. . .”

O rosto dela enrugou-se, de surpresa. “Sozinha? Nunca pensei sobre isso.”

“Bem, eu sugiro que a senhora pense sobre isso,” transmiti, rapidamente.” E agora quer procurar aquele médico para mim?”

Pude ver que a dificuldade de tal encargo a deixou preocupada. Por fim, lá admitiu: “Eu não sei onde ir. . .”

“À sua patroa. . .”, sugeri.

“Faz dez anos que ela está morta.”

“Voltamos de novo a falar em morte,” adverti.

Desta vez ela pareceu ficar realmente assustada.

“Sim, minha senhora, trarei um médico, se puder.” Por fim, ela não estava tão segura do estado atual em que se encontrava. Tinha infiltrado propositadamente as primeiras dúvidas na mente dela. Fechei os olhos e formulei no meu íntimo uma prece de gratidão. Quando olhei, à procura dela, descobri que se fora.

NA NOITE SEGUINTE

Depois de passar as primeiras horas da noite a escrever cartas, resolvi relaxar e meditar durante uma meia hora. Durante todo o princípio da noite o chalé tinha mantido uma profunda ressonância de paz, aquele silêncio que tanto podia ser ouvido como sentido. Havia uma Presença, disso eu sabia. Mas foi só por volta das onze horas que tive a certeza de que seria estabelecida uma comunicação. Apanhei o meu caderno de notas e a minha caneta e esperei. Não fiquei surpreendida ao descobrir que a minha mente, quase no mesmo instante, entrou em contacto com a mente do Irmão de Luz. Como o pensamento dele era forte e, não obstante, claro, compassivo e sábio.

Ele começou sem qualquer preâmbulo. (Reparo que os Seres Superiores nunca desperdiçam palavras nem pensamentos. As suas ideias são perfeitamente concebidas e perfeitamente comunicadas.

“Nós estamos cientes da troca de ideias que teve com a mulher que trabalhou como criada e que está sob a ilusão de que ainda continua a viver no chalé em que você agora reside. Enviamos pensamentos para a sua mente, colocamos um desafio deliberado nas respostas que lhe deu às convicções negativas que ela alimenta com respeito à Divindade e ao Modelo de evolução humana. Observamos os efeitos da aura que cerca o corpo astral dela.

Até o momento, os resultados são satisfatórios. A conversa que teve com ela provocou os primeiros sinais saudáveis de dúvida, no que concerne às circunstâncias em que ela se encontra atualmente. Até que isso tivesse acontecido ela sentia-se feliz por se agarrar ao seu isolamento dentro do sonho da vida no chalé, no qual ela se convenceu de que está a viver. Finalmente, essa ideia foi perturbada nos pensamentos dela. Agora está a começar a querer saber o que sucedeu e a indagar a razão da ausência dos seus velhos amigos.

“Não que ela aceite, por enquanto, qualquer teoria admissível referente à morte ou à possibilidade de habitar num outro mundo. Essa compreensão deve vir lentamente; e essa mulher deve ser despertada com o seu próprio consentimento. Então, será libertada. Isto porque ela agora está como alguém imerso em modorra, e para ela isso é repouso. Mas a sua alma espera pelo progresso.

Não podemos forçar tal decisão. Ela tem livre arbítrio e os seus olhos espirituais serão abertos somente quando a sua alma estiver suficientemente forte. Se ela preferir, poderá permanecer dentro da sua consciência limitada e mal desenvolvida, ou poderá romper através das ilusões da personalidade, ilusões que ainda a sujeitam, a fim de encontrar Luz e Amor e, desse modo, ser levada a uma união com a sua alma.

“Contudo, ela precisa de ajuda e, mais uma vez, o seu auxílio será necessário para esta colaboração. Haverá outras oportunidades. Tornaremos a trazê-la até você e, pouco a pouco a sua mente fechada será libertada. Nós elaboramos um plano por meio do qual ela verá *por si própria* e perceberá as implicações da mudança que lhe ocorreu. Tenha fé e confie em nós. Trabalhamos somente pelo bem dela e pelo seu bem. Trabalhamos também pela iluminação da humanidade, para dissolver a

ignorância da ilusão, o fascínio do materialismo e o egoísmo que separa a personalidade da integralidade e da unidade com o Espírito. Isto é parte da penetração do Espírito para a vida da nova dispensação, para a Era que se aproxima. Coragem. A paz esteja consigo."

26 DE ABRIL

Passara bastante tempo desde que qualquer comunicação me tivesse chegado, seja dos Mundos Astrais, de emoção, em que a Senhora e a sua criada tinham ficado "fixadas," seja dos Mundos Espirituais, do Menino e do Irmão de Luz. Eu tinha guardado os meus cadernos de anotações e envolvera-me em outros interesses, em palestras, reuniões e discussões com amigos terrenos, assim como também em atividades sociais. Neste dia, porém, eu estava a aparar algumas folhas murchas de uma planta de dentro de casa e pensava, naquele momento, no *menu* que estava a planear para um pequeno jantar festivo que iria oferecer na noite seguinte, quando esta informação atravessou como um raio o meu pensamento: "Ela está aqui."

Não havia necessidade de investigar a implicação do "Ela." Eu sabia. Tratava-se da Senhora. Senti que devia ter tido conhecimento disso antes, por causa do aviso apresentado pela sensação de inquietude que se me infiltrara na mente. Esta, lamentavelmente, era a sintonia característica da Senhora. As suas vibrações eram, e ainda são, potentes.

Na vida terrena ela fora quilo que nós gostamos de chamar "uma personalidade," uma personalidade forte, até mesmo uma personalidade poderosa, porém, não uma personalidade amável ou até mesmo uma personalidade que se pudesse amar. A morte não a transformara nem um pouco; nem, segundo parecia, a sua longa e infeliz estadia nas Terras das Sombras.

Sentei-me equipada de caneta e caderno de anotações. Desta vez não havia nenhum amor suavizante, proveniente da presença ou até mesmo do pensamento concentrado do Menino, filho dela. Por um instante surpreendi-me a querer saber com ela iria conseguir projetar-se, em consciência, até a minha sala de estar, sem a ajuda do Menino. Talvez ela tivesse progredido; talvez ela estivesse a "ver a Luz." Ao mesmo tempo que pensava nisso, percebi que a sua mente se cruzara com a minha; mas o mais excitante é que ela podia-me "ver." Com marcante lucidez, a forma do pensamento dela preencheu-me a mente.

"Conheço este local. Já estive aqui antes."

Agora eu sabia que podia responder. “Correto. E você escutou música, lembra-se?”

Ela voltou-se e fixou-me nos olhos.

“Lembro-me. Quem é você?”

“Vivo aqui. Este chalé serve de casa para mim.”

“Bem, devo admitir,” disse ela, com relutância, “que certamente é um lugar um pouco melhor do que aquele onde tenho estado.”

“Você não gosta do lugar onde tem estado?”

Ela fez um gesto de repugnância. “É horrível! Miserável, desprezível, odioso. E as pessoas que lá vivem são más, estão repletas de malignidade.”

“Você tem estado nas Terras das Sombras, ou melhor, nos subúrbios das Terras das Sombras,” disse-lhe eu.

“Terras das Sombras?” Ela refletiu sobre aquilo. “Tem conhecimento acerca delas?” Também esteve lá?”

Enviei de volta uma resposta negativa. A única coisa que eu estava era jamais veria aquele lugar. Eu aguardei.

Ela caminhou pela sala, a olhar para as minha plantas floridas, a tocá-las com manifesto prazer.

“Tudo isso é apenas um sonho, um pesadelo.” Era evidente que ela tinha captado os meus pensamentos referentes às Terras das Sombras. “Não é real, compreende?”

“Será um pesadelo?”, eu estava a ficar audaciosa. “Mas você está *a viver dentro dele*. Porquê?”

Ela voltou-se para mim. “Supõe-se que eu esteja morta, você não sabia? Pelo menos é isso que eles me dizem.”

“Quem lhe diz isso?” Conforme esperei que, de alguma forma miraculosa, ela tivesse estado em comunicação com o seu filho.

“Oh, aquelas pessoas odiosas que lá vivem. Elas dizem que estamos todos mortos. Eu não acredito nelas.”

“Mas é verdade.” Este pensamento foi projetado através de mim. Eu não poderia tê-lo intercetado, mesmo se tivesse tentado. Agora eu sabia que

uma força espiritual estava a instigar-me. “Você morreu. Este é o mundo do seu além.”

Quase enfadada, ela respondeu. “Você também? Você acredita nisso? Então você também está morta?”

“Não. Ainda estou na terra.”

Diante disto a Senhora ficou em silêncio, obviamente intrigada.

“Mas, eu consigo vê-la. Você consegue ver-me? Não compreendo.”

Esperei, não muita certa sobre a resposta que devia dar. Nesse instante ouvia-se o badalar dos sinos da igreja que ficava localizada atrás do chalé. Os seus ruídos adoráveis rolaram pela sala. Estava curiosa por saber se os novos sentidos da Senhora eram avançados o bastante para que ela pudesse ouvi-los. Mas ela não deu qualquer indicação.

“Isto acontece por eu estar a tentar ajudá-la,” transmiti, dirigindo os meus pensamentos com a maior calma e tranquilidade que me foi possível, “a sair das Terras das Sombras, que você detesta.”

Pude sentir de imediato uma mudança nela. Todo o seu ‘corpo’ parecia reagir com uma nova esperança e alegria que lhe iluminaram toda a aparência. Eu poderia descrever isto como um estremecimento de luz a passar sobre ela.

“Oh, por favor, você fará isso?” insistiu ela. “Eu vou fazer qualquer coisa que disser. Sabe, sinto-me muito infeliz.”

Agora tínhamos chegado ao ponto crucial de toda aquela questão. Eu sabia que esta era a minha deixa; não devia deixá-la escapar.

“Mas, durante o seu tempo na terra, você fez a infelicidade de outras pessoas, não? O seu marido, a sua criada. . . o seu filho.”

A luz que a circundava desapareceu.

“O meu filho era um idiota,” respondeu a Senhora, asperamente, “um menino retardado.”

“O seu filho é uma alma nobre e bela,” corrigi.

“É?” Ela compreendeu-me rapidamente. “Ele morreu por afogamento, no açude. Ele também está no outro mundo?”

“Está.”

“Nas Terras das Sombras? Não o encontrei lá.”

“Não,” tornei o meu pensamento tão positivo quanto me atrevi. “Ele encontra-se nas Esferas Espirituais.”

A Senhora meditou naquilo. Quase conseguia senti-la a debater-se contra a ideia absurda da existência de algum outro lugar além daquele que, até o momento, ela encontrara no outro mundo. “Você quer dizer,” pareceu ressoar uma nova nota de esperança em torno dela, “que existem lugares. . . diferentes. . . daquele onde me encontro?”

“Na casa de meu Pai há muitas moradas,” citei.

“Moradas?”, a ideia deixou-a perturbada. “A minha é um casebre.” Em breve ela pareceu compreender a verdade

“Será que isso é possível? Então, *existirão* céu e inferno?”

“Parece que há alguma coisa mais ou menos assim.” Eu sabia que esta era uma explicação imperfeita, mas agora eu podia sentir-me tremer. A “atmosfera,” ou eu, estava a ficar tensa.

De súbito, a cólera e a amargura recalcadas irromperam, com rudeza.

“Suponho que me está a dizer que eu estou no inferno! Inferno! Sim, essa poderia ser uma resposta para as minhas atribulações. Mas, por que, pergunto-lhe, por que um menino imbecil haveria de estar no céu? E eu, sua mãe, estou condenada àquilo que deve ser o. . . inferno? É verdade, não é? Estarei no inferno?”

“Você. . . foi para o lugar que você mesma preparou.”

Tentei formular a frase com a maior gentileza possível.

“Eu. . . preparei este lugar?” A senhora encarou-me fixamente e a esperança que raiara nela pareceu esmorecer. O rosto como que se desintegrou e para o meu sentido interior de perceção foi como se ela estremecesse, pois a desesperação no seu pensamento abalou-lhe todo o ser.

“Eu fui assim tão ruim?” Este era o momento da verdade; a autorrevelação e o confronto com o ego egoísta.

“Você não tinha amor.” Era uma agonia perfurar a alma desta miserável criatura. Não me agradava o que me cabia fazer, mas precisava ser feito, e eu era apenas o Canal. (Como tudo era diferente com a minha velha criada! Tinha-se verificado uma “transigência mútua” na nossa peleja por a despertar; e já se manifestavam resultados que prometiam sucesso. Este contacto com a sua patroa tinha sido irritante no princípio e agora

estava a tornar-se angustiante.) Eu era apenas uma intermediária. A inspiração e o impacto vinham de uma Fonte Superior. As respostas que eu tinha que dar estavam a ser-me transmitidas; e eu vi que pensamento doloroso devia ser esta revelação, uma experiência expiatória, necessária para quebrar a dura concha do orgulho dela.

Mais tarde, quando tivesse sido libertada d prisão que ela própria criara, a Senhora estaria entre os Curadores (conforme Frances Banks explicara no seu livro). “Você não sentiu amor por ninguém, exceto por si própria,” respondi com a rapidez do relâmpago. “Você não amou o seu pobre menino nem ao seu marido. Assim, você negou a Deus, pois Deus é Amor.”

Ela pareceu não ter qualquer pensamento, somente uma aceitação da situação.

“Contudo, você amou a Beleza,” vieram as palavras ao meu cérebro. “E deus também é Beleza.”

Ela agarrou-se a esta esperança. “A Beleza foi tudo para mim.” Agora havia tristeza na recordação. “Música. Flores. Coisas lindas. Elas foram a minha vida. O jardim, as terras ao redor da minha casa. Criei beleza nelas.”

“Para outros, menos afortunados, apreciarem?” As palavras foram-me sugeridas.

“Não. O meu jardim era meu. Privado.” A verdade estava a ser-lhe extraída. Fiquei em silêncio, recostada na minha poltrona, com os olhos fechados. Não havia necessidade de os abrir! Eu podia “ver” com a minha visão interior. Além do mais, tinha que afastar de mim o cálido conforto e o prazer do meu pequenino chalé. Senti um aperto na garganta e engoli a emoção que se acumulava á medida que era forçada a ver esta pobre alma suportar o Getsemani dos seus fracassos.

“Por favor, ajudem,” foi a prece que enviei.

O aposento pareceu encher-se de fulgor. O Irmão de Luz, o Luminoso, estava a projetar amor, compaixão e doçura curativa, da sua consciência para nós.

A senhora moveu-se. Ela também devia estar a receber essa Luz. Uma ideia repentina penetrou-lhe na mente. “Beleza?”, refletiu ela. “Eu fui pianista; intérprete de música. Isso não será Beleza?”

“Para si própria ou para os outros?” Como este Irmão de Luz era minucioso no seu exame! Desta vez ela encarou-me de frente e agora notava-se um reflexo de luz ao seu redor. “Mais para mim própria, suponho,” admitiu. “Mas muitas vezes também convidei pessoas para ouvirem. Havia um velhinho, um vizinho meu, um cavalheiro, porém, pobre e solitário. Ele costumava entrar sorrateiramente na minha sala de música toda vez que eu praticava. Nunca me importei com a sua presença. Ele disse que a minha música o deixava feliz. Eu ficava contente por isso. Sim, é verdade, eu quis *partilhar* essa beleza com o velho, meu vizinho. “Pela primeira vez notava-se suavidade ao seu redor.

Quase pude sentir a elevação que se verificou na “atmosfera” da sala. Aqui reinava a esperança. Aqui estava a alma a falar, sem medo. De facto, o nosso Luminoso estava a cumprir a sua missão.

A minha visitante permaneceu sentada, à espera. Ela parecia estar em paz, por fim.

“Estou contente,” acudiram-me as palavras, com o *“partilhar.”*

A Senhora relaxou no primeiro sorriso que jamais lhe vira no rosto. Após um instante ela enviou-me um pensamento: “Aqui é lindo. Posso ficar?”

“Você pode voltar de novo,” foi o único encorajamento que pude transmitir. Ela, porém, pareceu achar suficiente esta esperança. Começou a caminhar pela sala. Imaginei que agora ela já pudesse ver o aposento conforme ele realmente era e não a pocilga, como lhe tinha chamado.

Durante alguns instantes ela ficou parada ao lado das minhas plantas floridas, que eram conservadas dentro da sala. “São adoráveis. Creio que não conheço estas espécies.” Com reverência, a Senhora inclinou-se e beijou as flores. “Ah, Deus,” murmurou, “deixa-me ir para algum lugar, neste outro mundo, onde haja beleza e sol. . . e música.” Tive a certeza de que esta era a primeira oração que ele formulava; e que era realmente *sincera*.

“Para algum lugar onde Tu estejas,” a citação chegou por meu intermédio. As palavras não tinham lugar nos meus próprios pensamentos. Eu sentia-me plenamente consciente da Presença deste Irmão de Luz. Só podia ficar ali sentada, em silêncio, diante deste grade Ser, em contemplação do Espírito de Beleza no qual ele habitava e que dele emanava.

Quando, mais tarde, me lembrei da minha visitante daas Terras das Sombras, descobri que ela havia partido. De volta -- imaginei -- para o seu turvo ambiente que agora já estava iluminado por um fio de esperança.

O amor transcendente, da grande alma cuja missão era elevar e guiar tais entidades, permaneceu por longo tempo no meu chalé.

DOIS DIAS DEPOIS

Aquele tinha sido um dia tranquilo. Eu não me sentira bem e permanecera o tempo todo junto à minha lareira a repousar. Isso porque, embora o sol brilhasse intensamente, soprava um vento gelado que tornava este mês de Abril tão frio quanto Fevereiro. Quando a tarde chegou, uma sensação de suavidade e de tranquilidade se apossou de mim. A atmosfera da sala de estar irradiou aquela profunda paz de Espírito, que eu conhecia e amava.

Depois do chá eu li, desde o começo até ao fim, a “entrevista” com a Senhora. A minha mente reflexiva mal podia dar crédito. Isso acontecera realmente? Na verdade, estas eram águas desconhecidas. Eu estaria a permitir-me pairar por alguma correnteza da imaginação? Eu estaria a partir para “terras desconhecidas?” Refleti sobre todo o estranho conjunto de acontecimentos, desde a primeira “visão” da velhinha, no meu chalé, até as visitas da patroa dela, os contactos com o Menino e com o Luminoso.

O véu entre os Mundos estava a dissolver-se realmente? Esta comunicação mental, entre encarnado e desencarnado, tornar-se-ia a realidade do futuro? Isto era algo que causava vertigens. Procurei racionalizar todos aqueles acontecimentos, mas isso não me levou a lugar nenhum. Isto porque, se eu julgasse que toda a “história” era pura fantasia, então teria que me considerar dotada de uma imaginação que eu sabia não possuir.

Antes do mais, nunca tentara sonhar o ato seguinte deste drama astral incomum. A cena “em movimento” sempre tomava de surpresa a minha mente e a minha caneta. Eu nunca estava preparada para o que acontecia depois da cena inicial, de abertura. É verdade que me tinha sido dado um vago esboço da missão para a qual estava a ser convocada a participar? Mas jamais me tinha permitido ter um vislumbre prévio do ato seguinte. Se tudo isto era imaginação, de onde vinha então? Do inconsciente profundo? Estas eram figuras arquetípicas, como C.G. Jung certa vez afirmara? Como, então, justificar a *vida*, a vitalidade,

que havia nelas? Como explicar as características distintivas, tão subtis, existentes em cada uma?

Características? A personalidade da Senhora era tão definida, tão decisiva; o Irmão estava envolvido num tal poder de Amor. Como era possível que eu pudesse ter perceção da presença de ambos antes que a minha mente tivesse registado até mesmo qualquer pensamento emitido por eles?

Então, analisei de novo os “diálogos.” Eles tinham sido grafados sem uma pausa e, certamente, sem que eu tivesse tido tempo para pôr em ordem, no meu cérebro, as ideias e as respostas adequadas. Além disso -- decidi, na minha mente racional -- ter-me-ia atrevido a falar com a Senhora da maneira como falei se a tivesse conhecido na sua vida terrena? Eu sabia que não. Nós as duas teríamos sentido uma intensa antipatia recíproca.

Entre nós teria existido uma barreira inamovível. Agora ela estava em aflição e eu tinha, por força, que superar a minha antipatia e a minha avaliação crítica, sobre a sua personalidade, e sentir compaixão pelo seu estado. Compaixão? Esta ideia conduziu-me para a vastidão e profundidade do amor que caracterizava o filho não reconhecido, daquela mulher, e para o poder infinito do Amor Divino, que irradiava do Irmão. Se estas qualidades pertenciam ao Espírito se estas qualidades pertenciam ao espírito, então, quão infinito deveria ser o Amor do Espírito Pai de todos, e quão distante da nossa compreensão!

Aqui a minha mente reflexiva chegou a uma parada; isso achava-se fora da sua penetração. Eu não raciocinaria mais. A única coisa de que estava certa naquele momento é que podia considerar-me realmente feliz pelo facto de que até mesmo um reflexo daquele Raio do Espírito viesse santificar o meu lar e iluminar a minha alma.

“Esta é uma operação dupla,” as palavras deslizaram para a minha consciência e no mesmo instante tive perceção do Luminoso. “Mas ligada a muitos vínculos de emoção e muitas dívidas, provenientes de experiências passadas, a serem pagas. A criada que está amarrada à terra e a Senhora que definha nas Sombras foram unidas por uma relação deita de ódio e amor, forjado em outras vidas. Poderíamos descrever isto como ‘cicatrizes no tecido das almas delas.’ As cicatrizes no corpo físico são o produto final de feridas na carne. O meso sucede nas almas cauterizadas em conflitos passados e jamais curadas

totalmente, pelo amor. Daí a ’doença’ vagamente relembrada, que as mantém afastadas da Luz.

“Aqui eu talvez possa fazer um desvio e explicar que o Concelho das Almas Sábias, que dirige esta operação de libertação, escolheu propositadamente estes exemplos vindos de vidas estéreis, para serem reconstruídos em ‘acontecimentos’ e modelados em palavras que serão lidas por centenas de mentes de consciência finita limitada. Confiamos em que isso possa, pelo menos, servir para iluminar o que diz respeito ao estado que as aguarda depois que a morte física tenha separado o coro da alma. Também oramos para que elas possam, até mesmo com tão pequenino vislumbre de conhecimento, começar a sua migração dos conceitos materialistas, para a descoberta daquele Centro do Espírito Santo que impregna toda a espécie de vida. O caminho dirige-se para dentro, para a Luz profundamente oculta no coração do homem.”

NO DIA SEGUINTE

Neste ponto fui interrompida por uma chamada telefónica que depois não consegui retomar o contacto a fim de terminar o texto. Por conseguinte, desisti e fui para a cama, onde dormi profundamente para despertar com torturantes lembranças de sonhos. O dia estava tempestuoso e húmido e, depois de ter cumprido a tarefa de fazer as compras domésticas, acomodei-me para descansar.

Uma sensação de contentamento invadiu-me e tornei-me jubilosamente consciente da presença daqueles com quem mantinha estreita comunhão no Mundo do Espírito. A noite fez surgir na minha mente a impressão de que uma comunicação estava prestes a ser feita; e mal tive tempo para encontrar o papel e a caneta antes que o Irmão de Luz começasse a projetar pensamentos no meu cérebro.

“Cara amiga, vocês está atónita ante certas ideias que têm fluído na sua mente com respeito à verdadeira explicação acerca do desenvolvimento do Modelo de Amor. Não fique surpreendida. E não duvide do Espírito Divino e do Plano. Amplie a extensão do pensamento. Liberte-se das limitações do tempo. Milhares de anos da terra passam como um nada. O tempo não existe. Ele é apenas a tentativa, das almas encarnadas, de consolidar aquilo que é somente uma ilusão. Ele é a limitação da consciência, que aceita o nascimento, a morte e a separação como se fossem realidades, enquanto estas coisas são apenas invenções de uma visão cega.

“Quando a visão interior do homem estiver aberta, o tempo perderá o seu poder e a sua premência. Até que seja alcançada essa nova perceção da florescência do espírito, a destruição e a decadência continuarão a ser dogmas admitidos, dos habitantes do planeta terreno; e o erro e a doença serão o quinhão do homem.

“São esses mesmos erros da personalidade desunida que têm que ser conduzidos ao seu fim e isto poderá levar centenas, infelizmente milhares dos vossos anos-luz. No presente estágio de progresso (isto é, o início de um novo derrame de Luz sobre o vosso planeta que coincide com aquilo que vocês chamam de ‘Nova Era’, correspondente à Era de Aquário), estão a ser cobradas dívidas e lançados encargos que podem ter sido contraídos há séculos atrás, até mesmo durante a Era de Touro do domínio Egípcio.

Antes do advento deste novo avanço no espírito do homem, as suas dívidas devem ser saldadas, a nível individual e nacional. Tais avanços já estão a ser indicados pelas mudanças que operam na vida social, industrial e nacional; eles também são pronunciados pelas descobertas da ciência, descobertas que estão a estreitar a dicotomia existente entre a matéria e a Energia (espírito).

“Modelos estão a ser elaborados, peças estão a ser encaixadas, coo num quebra-cabeças, a unir vidas, experiências, reconciliações e harmonia, no modelo de evolução, de acordo com o Plano Divino. Almas com cicatrizes estão a ser curadas das suas terríveis lembranças pela Luz do Amor e da Sabedoria.

“Portanto, cara amiga, não fique curiosa com respeito ao lapso do tempo (assim chamado) durante o qual a criada e a patroa dela têm estado aprisionadas na sua própria consciência limitada, e acorrentadas pela separatividade das suas emoções negativas. Nos vossos anos-luz isso representa um período composto por mais de oitenta anos, desde o final do século passado até os vossos dias atuais. Para elas esse espaço de tempo não é mais do que ‘uma noite que passou’, segundo as palavras de um hino Cristão muito apreciado.

O Grupo de Luz, aqui, cujo dever e alegria passa por ajudar a evolução, está sempre pronto para reforçar o poder do Amor, até mesmo nas mais humildes circunstâncias. Desse modo, os membros do grupo estão a cooperar com o amor que o Menino tem pela sua mãe e pela criada. Esta libertação, das trevas do erro, é a dissolução final das lembranças que a alma conserva das tragédias provocadas pela rendição e forças

negativas. Sagas tais como esta estão a ser incessantemente representadas nos mundos Espiritual, Astral e material.

“A vida progride; a evolução avança em todos os níveis. Quanto mais ampla e completa for a expansão da tolerância, da compreensão e do perdão, mais fortes e mais poderosos serão os Raios do progresso espiritual, Raios esses que intensificarão a evolução do homem. Quanto maior for a propagação do conhecimento espiritual, mais rapidamente os humanos serão esclarecidos e elevados para a harmonia e a paz.

“A Divina Energia da Vida é a Unidade, e cada partícula de consciência desunida deve ser trazida de volta para o centro de tudo, para a própria luz da criação, para Deus.”

* * *

Durante os meses de Maio e Julho estive intensamente atarefada com questões materiais, viagens e palestras; e o caderno de notas ficou guardado numa gaveta. Não foram recebidas novas comunicações, principalmente porque eu não podia concentrar-me por longos períodos de tempo. O trabalho parecia estar completamente parado. Todavia, enquanto me encontrava fora, nas minhas férias de Julho, surpreendi-me a pensar sobre o ser luminoso que era chamado de Irmão de Luz. Uma manhã, após um período de meditação, os seguintes pensamentos pareceram ser-me despejados na mente e eu anotei:

“Nós somos apenas uma subdivisão daqueles grupos de Irmãos que atingiram algum grau de luz e sabedoria. Existem muitas dessas subdivisões em operação em diferentes esferas, de conformidade com a sua classificação, o seu progresso e as suas linhas especiais de evolução. Eles variam de acordo com os interesses e deveres que têm; alguns são muito cultos, outros são peritos em ciência, uns são grandes artistas, outros hábeis músicos, e alguns são Grandes Seres que trabalham no Raio Curativo.

Todos, porém, se acham unidos pela lei do serviço; servir um ao outro; servir os grandes seres, de alta competência; servir às almas menos desenvolvidas e servir aos que se encontram perdidos e em luta, mas todos dedicados, em amor, pensamento e atividade, ao perfeito ideal da Vida Divina. Para almas como essas, equilibradas como elas estão, nas espirais de luz ascendentes, servir sem o desejo de reconhecimento é o motivo perfeito. Para eles a ‘rosa branca do trabalho, humildade usada’ é maior tributo e maior honra do que a Ordem humana da Jarreteira foi

para aqueles cavaleiros do mundo material, que a usavam em reconhecimento do seu valor.

“A nossa subdivisão, em especial, é apenas um ponto infinitesimal no Raio da Compaixão, e nós progredimos conforme as nossas tarefas vão sendo concluídas. Isso porque tudo é progresso; seja na esfera da matéria, sobre o plano terreno, seja nas lúgubres regiões das Terras das Sombras, na Paz dos Mundos Celestes, ou na intensa atividade e beleza das esferas Espirituais mais avançadas, tudo progride rumo á suprema perfeição.

“Através da compaixão podemos sentir as necessidades dos nossos semelhantes e podemos estender uma mão caritativa para os levar para a frente, para a vida radiante. Os nossos concelhos, aqui, sentam-se em conclave e são distribuídas tarefas. A minha, conforme você já sabe, é trabalhar para libertar prisioneiros da ilusão, neste mundo, e guiá-los no seu caminho para a Luz.

“Apresentando este ‘Drama Astral’ ao plano terreno, esperamos que u conhecimento mais amplo, da Lei Divina que abrange todas as criaturas, seja engendrado no coração da humanidade. O nosso propósito é tentar demonstrar a unidade da vida a toda a criação, pois esse é o desenvolvimento da Lei.”

16 de Agosto

Nesse dia, ao entardecer, eu estava a regar o meu minúsculo jardim, que era praticamente coberto pela sombra da igreja da aldeia, quando as notas profundas e solenes dos sinos do templo se espalharam pelo ar. Era noite de ensaio e eu tinha ouvido dizer que os jovens acorriam com entusiasmo, a aprender a técnica de tocar os sinos. Eu gosto da sonoridade dos sinos; assim, enquanto irrigava a minhas petúnias, fiquei envolvida e absorvida pelo glorioso conjunto de sons. Fiquei, pois, mais do que surpreendida quando, de repente, tive a perceção da minha velhinha e “ouvi” as palavras dela.

“Esses sinos são lindos. Há anos que não os ouvia.”

Prossegui na minha tarefa de regar as plantas. Agora, porém, uma nova ideia me atravessava a minha mente e preenchia os meus pensamentos. Ela consegue escutar os sinos! A nossa mulher amarrada à terra pode

ouvir os sinos — falei, para mim própria, cheia de júbilo. — Isto indicará que ela está a despertar?

Todavia, foi somente mais tarde, quando eu estava a descansar dentro de casa, que tornei a tomar conhecimento da presença da velhinha. Ela parecia estar pois, positivamente a bater à porta da minha mente e após um instante surpreendi-me ao ver-me a colocar de lado o jornal diário e a procurar a caneta e o caderno de notas.

“Os sinos da igreja,” começou ela, de imediato. “Já faz muitos anos que eles não tocam assim. Costumavam tocar quando a patroa ia à igreja, nas manhãs de Domingo. Depois eles
pararam. Talvez lá não houvesse ninguém para os tocar.”

“O que você quer dizer é que nunca mais os ouviu tocar?”, perguntei.

“Eu quero dizer que eles não tocaram mais.”

“Os sinos sempre têm tocado,” retruquei, “do mesmo modo que costumavam fazer. Talvez você não os tenha escutado.”

Ela mostrou-se muito irritada diante da minha aparente estupidez.

“Como haveria eu de deixar de os ouvir, se moro aqui, junto à igreja?”, perguntou, zangada.

Esta era uma pergunta embaraçosa. Eu não me sentia suficientemente confiante para enfrentar a velhinha com a resposta correta. Assim sendo, mudei a minha linha de raciocínio e iniciei outro assunto.

“Você encontrou aquele médico para mim?”, perguntei.

“Médico?” A zanga dela evaporou-se. A sua mente pareceu ficar muito confusa. “Não, minha senhora, não conseguir encontrar um médico.”

“O quê? Não há médicos nesta aldeia?”, reclamei, mantendo o meu desafio num nível positivamente suave.

Verificou-se uma pausa. Eu pude sentir que ela estava a debater-se com aquilo.

“Aldeia?” Ela estava a defender obstinadamente a sua posição.

“Bem, não tenho visto médicos.”

“E aldeia?”

“Talvez eu não tenha procurado.”

“Mas onde é que você compra a sua comida?”, sondei. “Deve haver casas comerciais.”

Ela meditou sobre isto. Então, irritada, explicou: “Eu arranjo a minha comida.”

Não era fácil apanhá-la. Tentei outra manobra. Era preciso tornar claro para ela, de algum modo, o seu estado de aprisionamento no seu próprio mundo-pensamento.

“Você gosta dos seus vizinhos?”

“Vizinhos! Eu não me misturo muito com vizinhos. Eles só querem saber dos seus negócios. Os vizinhos são assim.”

“Então, você não os visita?”

“Não, minha senhora. Já disse que não gosto de me misturar com pessoas.”

Era óbvio que ela estava a ficar agitada. Senti que tinha que consolidar a minha pequena vantagem.

“Talvez seus vizinhos tenham morrido todos, não?” sugeri.

A apreensão começou a deixá-la agitada.

“Mortos? Eles não podem estar mortos. Eu não estaria a viver aqui sozinha, estaria?”

“Você parece ter estado muito solitária, creio eu.”

“Eu sempre me meti comigo própria, pois, não estou solitária,” defendeu-se ela. Depois de pensar durante alguns instantes, ela alegrou-se:

“Mas eu conheço a senhora, não conheço?”

Agora eu precisava ser cuidadosa. Estávamos a chegar ao momento do confronto.

“Ah, mas eu sou diferente,” disse, interiormente. Ela captou este pensamento, bem depressa.

“Como. . . diferente?”

Tive que escolher as minhas palavras: “Bem, a senhora vê, eu estou viva.”

Isto deixou-a confusa. “Eu também estou. . . Não estou?”

“Você está?”

Agora ela estava realmente inquieta. “Eu devo estar! Pois não ouvi os sinos?”

“Isso foi somente porque eu estava aqui, minha cara.”

“Somente porque. . .” Ela estancou. O medo gelou-lhe as ideias.

Ora, eu tinha que dizer isso. Pobre almazinha, este despertar não ia ser muito fácil para ela. Sentira-se segura durante tanto tempo e eu tinha que destruir essa segurança. . . destruir toda esta ilusão na qual ela se escondera durante aqueles longos anos. Precisava fazer um esforço por manter os meus pensamentos tão calmos e amáveis quanto pudesse. Com toda a sinceridade desejei que de algum modo o Menino estivesse em contacto connosco, embora eu não pudesse sentir-lhe o pensamento.

“Você vê”, comecei, refletindo sobre a melhor maneira de entrar no assunto, “eu também moro aqui e posso ver os vizinhos e as casas comerciais. . . e posso consigo um médico.”

Houve um longo silêncio, durante o qual nenhum pensamento se cruzou entre nós. Eu mantive-me muito quieta, com os olhos fechados, concentrando-me na verdade para libertar a sua alma.

Passado um tempo, começou a perguntar: “Por que eu não os vejo? Diga-me. Por que eu não os vejo?”

“Talvez porque a senhora já não esteja a viver aqui, como certa vez viveu.”

Eu sabia que essa era uma explicação imperfeita, mas sob a tensão do momento e percebendo o medo que se avolumava nela isto era o máximo que podia dizer.

Um instante mais tarde a veemência da reação dela golpeou-me.

“A senhora não está a tentar dizer-me que estou morta, está? Morta? Eu estou viva! Estou a falar com a senhora, não estou?” Ela pareceu tremer, de modo que a sua imagem, na minha mente, estremeceu e se tornou indistinta.

“Agora eu me lembro. Da outra vez a senhora falou em morte.”

O terror envolveu-a; para a minha visão interior, ela pareceu sumir dentro de um nevoeiro.

“É isso! A senhora está morta! A senhora deve ser um fantasma. Ah, Deus, estou a ver um fantasma! Estou a ver um fantasma!” A velhinha estava aterrada.

“Não, minha cara.” Mantive o meu pensamento o mais amável que pude.

“Pode ser que seja. . . ao contrário.”
Imediatamente percebi que estava a falar para mim própria. Não havia ninguém que recebesse os pensamentos. Eu tinha perdido o contacto. A velha criada tinha ido embora. Fugira da assustadora necessidade de enfrentar a realidade. Eu sentia-me vazia e cansada.

18 de Agosto

Eu estivera a escutar a Quinta Sinfonia de Beethoven, irradiada do Albert Hall Prom. Concert e durante a execução tive consciência de um intenso "som de escuta," na sala. Não posso explicar isso de outra maneira. Apanhei a caneta e o bloco de notas e fiquei à espera, pois sabia que os pensamentos do Menino já estavam a materializar-se na minha mente. É estranho como conhecemos as diferentes vibrações das almas; mas por que será isso tão estranho? Na vida terrena podemos dizer, com frequência, sem olhar ao nosso redor, quem é que entrou numa sala. Por que deveria essa faculdade ser alterada entre os níveis de perceção? Eu seria uma "sensitiva" bastante medíocre se confundisse a minha velha amiga, ocupante do chalé, com a alma evoluída que tinha sido o filho da patroa dela.

"Foi conseguido um progresso," chegou a comunicação do Menino. "Nós estamos muito contentes. A querida alma fechou-se por tanto tempo num mundo do pensamento criado por ela própria, um mundo que não tem realidade nem substância. Durante a maior parte da sua vida no plano terreno esta alma foi obrigada a submeter-se aos outros; assim, ela criou uma "vida" de liberdade, como o seu céu, e recusou-se a admitir a morte. Poder-se-á culpá-la por isso? Naturalmente que não. Contudo, ela tem que descobrir a realidade, E, lentamente, ela já está a ser levada para aquela linha divisória que separa a verdade da ilusão. Pouco a pouco ela está a despertar."

"Mas a despertar para o quê?"

"Ela não tem noção da sobrevivência após a morte, nem de um mundo de pensamento, embora, paradoxalmente, ela tenha criado um "mundo" desses: uma aconchegante ilusão de escapar de todas as cadeias de servidão, acompanhada pela continuação da satisfação terrena do comer, do dormir e do levantar.

"Agora, por fim, ela está a começar a duvidar desse "mundo." Isto é saudável e é assim que tem de ser. Todavia, quando ela vier a compreender que está absolutamente sozinha, qual será o estado da sua pobre mente inculta e fechada? Medo, naturalmente, e pavor daquilo que virá em seguida. Dor pela perda do "céu que projetou."

"E não obstante ficaremos à espera, em Amor e Luz, para a receber.

“Na vida terrena ela foi boa para mim e com frequência protegeu-me contra a atitude de desprezo da minha mãe. A nossa velha criada não é uma alma “perdida,” como certa vez você pensou, mas apenas uma ovelha desgarrada que tem vagueado pelos tortuosos matagais da sua própria mente, que a separa daqueles Pastores que a socorreriam e guiariam.

“A nossa tarefa é abrir a mente dela para a receção cordial que a aguarda. Por enquanto ela não me pode ver nem pode visualizar o amado Irmão que derrama a Luz do Espírito sobre ela. Ela só pode concentrar-se e só se concentrará naquilo que considera como a perda da sua “liberdade” e o colapso do seu “mundo.” Mas você tanto pode ver como comunicar, conforme já provou.

Os pensamentos que você transferiu para a mente dela já começaram a pôr em movimento uma reversão de ideias. Isto, porque de momento ela está certa de que foi você quem deixou a vida terrena; mas, a despeito disso ela sente curiosidade. Isto é um começo, finalmente. Quando ela tornar a “descobri-la na sua consciência, a sua função será instruí-la acerca do verdadeiro estado do seu caso.”

Aqui o Menino interrompeu e comecei a censurar-me por ter permitido que a minha disposição de servir me colocasse nesta situação, das menos invejáveis. Pois agora como é que eu, que nada sabia acerca da experiência de um mundo além, convenceria alguém que já estava dentro dele? Toda a operação estava visivelmente além da minha capacidade.

O Menino, porém, já lera os meus pensamentos.

“De facto, nós estamos a exigir demais de si.” Os seus pensamentos penetraram na minha mente como se fossem setas. Lembre-se, porém, de que você tem o Ouvido Aberto, um dom do Espírito, e que muito é esperado daqueles a quem tanto é dado.”

Logo de imediato senti como se estivesse sendo repreendida, embora houvesse compreensão e gentileza em tudo o que ele comunicara.

“Naturalmente cabe à sua livre vontade pôr um fim às “sessões” com esta alma aprisionada.”

Mas eu sabia que não tinha escolha. Na minha alma eu já aceitara a tarefa; somente a personalidade é que se rebelava. E já tivera um sentimento de parentesco com a velhinha que amava o meu chalé com o mesmo amor que eu.

“Você não está a trabalhar sozinha, querida amiga,” continuou o Menino. “Nós estaremos sempre por perto para lhe guiar os pensamentos, para influenciar a sua escolha da linguagem. Derramaremos continuamente a Luz da compreensão sobre ambas, enquanto você conversa, a fim de suavizar o “medo do desconhecido,” que ela sente. Através de nós jorrarão a Força e o amor do Cristo pela Sua “ovelha perdida,” mas você precisa ser o “canal” entre nós e ela. Você ficará surpreendida com a maneira como este caso se resolverá por si só. Mas você poderá realmente duvidar do resultado?”

Eu sabia que não podia. À medida que a certeza se estabelecia, uma grande onda de paz, de força e de poder curativo, rolou sobre mim e as minhas ansiedades foram aliviadas.

“Então chegará um ponto onde ela poderá “ver-me na sua própria consciência,” prosseguiu ele. “Contudo, isso não acontecerá até que algum grau de convicção tenha sido aplicado. Seja paciente com ela e tenha fé no Plano. Lembre-se de que o Amor no fim supera todos os obstáculos.”

Então, ele retirou o pensamento. Agora eu sabia que estava a ser realmente compreendida, mas senti uma fé e confiança renovadas. Durante alguns momentos meditei sobre como o desenvolvimento positivo seria conseguido, porém mais tarde compreendi que teria que “esperar para ver.” Desliguei-me dos meus pensamentos interiores e liguei o televisor.

O PLANO, PRIMEIRA PARTE

Uma certa tarde, no final de agosto, levantei os olhos do livro que estava a ler e vi que havia uma visita. A velha criada estava de volta. Recordando que o nosso último contato a deixara aterrada por causa da ideia de estar a ver um fantasma — a mim! — fiquei curiosa por saber que rumo a comunicação iria tomar agora.

Ela estava a olhar-me com um ar muito sério e tentei imaginar quais seria o que pensava. Não tive que esperar muito. Os pensamentos dela fluíram para mim. Apanhei o meu bloco de apontamentos e preparei-me para ouvir e anotar.

“Eu já não sinto medo,” a telepatia agora acontecia com absoluta simplicidade. “Se a senhora é um fantasma, parece bastante real.”

“Eu não sou um fantasma; sou real,” respondi, discordando, gentilmente.

“Esperava que dissesse isso.” Ela estava muito calma. “Acho que todos os fantasmas dizem isso. Mas a senhora não está a fazer barulho de correntes nem nada que se pareça com isso, não é?”

“Não,” concordei. “Mas, veja você, eu não vim do inferno.”

“Ooh!” Isto deixou-a sobressaltada, como eu desejava que ficasse.

“A senhora quer dizer que o inferno existe mesmo?”

“Ele não é chamado: assim,” corrigi, “e também não é como você poderia pensar — quer dizer, inferno de fogo e tudo o mais.”

Hesitei, escolhendo minhas ideias com muito cuidado.

“O inferno pode ser uma Terra de Sombras.”

“Terra de Sombras? Porquê?”

“Porque ali é escuro. É encardido. Ali as almas vivem em ruas sujas, em meio à angústia, sem amor nem alegria. São infelizes. Na terra foram

egoístas e cruéis. Ou então cometeram algum crime contra o seu semelhante."

"Crime?" Ela observava-me atentamente, fascinada com o que eu estava a pensar, mas suficientemente equilibrada para compreender o significado. "Que espécie de crime?"

"Ações abomináveis, que ferem os outros."

"Como assassinato?"

Fiquei surpreendida ante o tipo de crime que ela escolhera.

"Sim, naturalmente, assassínio, tirar a vida a uma outra pessoa," disse eu, hesitante. "Mas o assassínio não é o único crime. Há a crueldade, a falta de compaixão, até mesmo contra aqueles que são da nossa própria carne e sangue."

"A senhora quer dizer, os nossos próprios filhos?"

"É claro. Até mesmo mães que foram cruéis para com os seus próprios filhos e não tiveram amor por eles."

Os pensamentos dela pareceram explodir. "Foi isso que ela fez. A minha patroa. Ela odiava o menino. Era cruel para com ele. Realmente não se importou quando ele morreu, não se importou." O ressentimento estava a vir à tona, borbulhante. Então, a velha criada guardava ódio, assim como uma furtiva admiração pela sua antiga patroa. Um breve instante se escoou antes que os pensamentos da velhinha tornassem a tocar os meus. Depois, ela perguntou-me: "Com que ela está nas Sombras?"

Pedi ajuda a fim de responder corretamente a essa pergunta.

As palavras foram projetadas na minha consciência.

"Sim, disseram-me que a sua patroa está nas Terras das Sombras."

Eu quase poderia ter descrito a mudança que se processou nela. O riso, porém, de satisfação, foi mais humano do que nunca. "Ela merece estar! Era cruel para com ele e arrogante para comigo. Mesquinha, também. E

desconfiada daquilo que eu sabia a seu respeito. Nunca me deu nem sequer um agradecimento por cuidar do Menino, nem dinheiro a mais, também.

E não me deu dias nenhuns de folga. Oh, ela era uma beleza, lá isso ela era! Tratava-nos como escravos e tratava o menino como um fardo. Portanto, se ela vai ficar a arder no inferno, conforme o pároco costumava dizer-nos quando eu ia à catequese, então ela está a perder-se nas Sombras, hein?"

"Ela perdeu-se. . . pobre alma," acrescentei.

"Pobre alma? Ela, com todos os seus encantos e ares de grandeza? Ela, a viver num buraco encardido? Perdida nas Sombras, hein? Para sempre?"

"Não, não para sempre," retroquei. "Apenas até que tenha aprendido a arrepender-se daquilo que fez. E até que perdoe e aprenda a perdoar aos outros."

Fiquei atónita ante a veemência da reação da velha criada.

"Perdoar aos outros. Ela? O que ela tem para perdoar?"

"Isso eu não saberia dizer," admiti.

A velha pareceu transformar-se numa criatura pequenina muito parecida com um macaco, com os braços estreitamente dobrados sobre o peito do seu corpo astral. Balançou-se de um lado para o outro, com uma sinistra energia rítmica.

"Ela está nas Terras das Sombras,", dizia, cheia de prazer, a velhinha com os próprios botões. "A minha patroa está nas Sombras! Nas Sombras, é onde ela está. Espero que fique ali para sempre."

"Isso não é ser bondosa," admoestei, alarmada ante a inesperada mudança que se manifestara nela.

"Bondosa?" Os braços dela abriram-se num gesto brusco e ela esticou-se em todo o seu metro e meio de altura. "Então, eu devia ser bondosa

para ela, hein? Eu. . . depois de tudo o que ela me fez passar? Bondosa para os iguais a ela?" A velhinha balançou-se de um lado para o outro, com raiva.

"Disseram-me" (eu sabia que estes pensamentos eram a projeção de outra mente que não a minha) "que você também terá que aprender a perdoar, ou então você poderá ver-se nas Sombras."

Isto silenciou-a. Ela sentou-se, alisou o avental e pareceu trancar-se num ressentimento mal-humorado.

"A falar com os mortos," foram os pensamentos que lhe encheram a mente. Ela esquecera-se por completo de mim.

"A falar com os mortos. Isso não é possível. Eu estou a sonhar. É isso mesmo. E eu nas Terras das Sombras, com a minha patroa? Oh, Deus, isso não. Tenho vivido tão sossegada no meu chalé. Por que não poderei ficar onde estou?" Durante uns instantes ela ruminou essa ideia. "Ela diz," e eu sabia que a velhinha se referia a mim, "ela diz que é real, que não está morta.

Ela parece saber uma porção de coisas, acho eu. E ela está sempre a falar a respeito de estar morta. Isso é estranho. E eu gostava de saber o que significa tudo isso, a sério que gostava. Quem é que está morto? Oh, eu sei que a patroa está. Lembro-me dela a finar-se com aquele ataque de coração. Mas, quem mais? Isso é que eu quero saber. E toda essa conversa sobre perdoar. Por que eu a deveria perdoar?"

A velhinha envolvera-se no seu próprio casulo de 'pensamento." Agora ela era inacessível ao meu padrão de pensamento. Em seguida evaporou-se, desaparecendo no seu próprio mundo ilusório, e eu fiquei a achar que ia ser difícil fazer a minha 'inquilina" transformar-se. Contudo, ela já começara a fazer perguntas. Mas seria era suficiente? Ela é teimosa — pensei — e até mesmo maldosa. Comecei a especular e a imaginar como ela iria agir se jamais. . .

De repente, eu soube. Bem — falei para mim própria, consolando-me — pelo menos o meu papel de intermediária vai ser no mínimo excitante. Com este pensamento, deixei de lado todo o assunto e saí para dar um passeio a pé.

* * *

Aquele outono foi um longo período de dor e de depressão, para mim. A dor de um quadril artrítico e também o sofrimento emocional provocado por uma mágoa pessoal impediram que eu tivesse qualquer possibilidade de uma restauração da sensitividade. Esse foi um período absolutamente estéril; um daqueles momentos sombrios, no tempo, em que estamos afastados do fenómeno da perceção ampliada e inteiramente avassalados por uma absorção do sofrimento profundamente enraizado na personalidade.

É algo que nos acontece a todos, quer se dê o caso de estarmos abertos ao contato com um outro mundo, um mundo de almas, quer não. Talvez essa esterilidade, este desespero, seja mais devastador no artista, no místico ou no sensitivo, do que no homem ou na mulher que passa sua vida na "orla de si própria," fechada atrás da cortina de separação.

É bem sabido e reconhecido que tais 'noites da alma' antecedem, com frequência, um período de fecunda inspiração e atividade. Isto poderia explicar por que todos os sofrimentos acontecem através da personalidade e iniciam aquele desespero que brota da enganosa aceitação da separação. Pode muito bem ser que a personalidade, que nos agarra de volta para a vida material, já esteja a começar a protestar contra aquilo que a alma está a tentar transmitir — que o sofrimento existe somente no reino da personalidade.

A psique, ou a alma, não se comove com o desespero por habitar num mundo onde não há dor. Pode muito bem ser que estas mágoas e tragédias nos sejam concedidas para elevar a verdadeira natureza do ego, para abrir o caminho para um contato mais íntimo com a alma, e para nos ajudar a nos libertarmos da sujeição limitativa da personalidade transitória.

Pois esta perceção ampliada, que é a alegria do artista e a inspiração do génio, e que, para o sensitivo, é a manifestação do contato com os mundos superiores, é inerente à alma que habita o reino da consciência universal e está mais perto da Unidade eterna do Criador.

Essa perceção, pois, só pode surgir quando a alma está menos contaminada pelos desejos, temores e emoções associados ao eu inferior. Para mim essa perceção ampliada é a alegria da minha existência; sinto-me estéril sem ela. Sinto-me apenas parcialmente viva, como realmente estou!

Assim sendo, com a ajuda de bons amigos e de bons conselhos finalmente pude sair desse atoleiro de acabrunhamento. Comecei a pensar, de novo, no trabalho que tinha sido posto diante de mim, para que eu o executasse, e na condição difícil destas pobres entidades ainda mergulhadas na consciência do medo, do ódio e do ressentimento que estava a persistir por tão longo tempo depois de ocorrida a separação entre a mente e o corpo.

O que teria acontecido com elas durante estes meses estéreis? Eu tinha-me fechado por causa das minhas próprias experiências; também tinha vivido trancada no meu pequeno ego, encerrada numa teia de sofrimento que me tinha toldado a capacidade de comunicação. Esses contatos jamais retornariam? Senti-me culpada, até que me lembrei de que nada pode impedir que essas almas avancem em direção à luz e à liberdade, nada além delas próprias. Também tive que compreender, mais uma vez, que tudo isso estava a acontecer fora do tempo e do espaço e sob a jurisdição de Seres avançados em sabedoria.

Dessa forma, aguardei o retorno da inspiração, e ela veio. Comecei a perceber que a jornada dessas duas prisioneiras já tinha começado nos nossos últimos contatos e, sem dúvida, tinham prosseguido de conformidade com o Plano. Isto encorajou-me. A comunicação aconteceria quando eu estivesse preparada para responder.

E assim foi. Uma noite, em novembro, fui dominada por um forte desejo de pôr a tocar discos de ópera no meu gira-discos recentemente adquirido. As vozes adoráveis de Joan Sutherland, Renata Tibaldi e de outros, avolumaram-se e encheram a sala de harmonia. Sentei-me em silêncio, a beber a beleza da música, quando a vibração de uma presença se imiscuiu na minha concentração.

“Ela está aqui! A Senhora.” Tomada de espanto diante da inesperada e repentina chegada dela, formulei as palavras em voz alta. Fechei os olhos e deixei que a minha sensitividade interior registasse. No mesmo

instante tornei-me agudamente consciente da presença dela. A Senhora estava a dançar. Eu mal pude acreditar naquilo e durante alguns instantes fiquei sentada ali, fascinada ante a mudança ocorrida na entidade que tinha estado tão mergulhada na depressão nos nossos últimos encontros.

A senhora movia-se com extrema graça, ao ritmo das melodias dançantes da La Traviata, a sua figura esbelta a ondular na cadência da música; no seu vestido de seda grossa, ela era uma elegante e encantadora figura. Parecia “mais jovem” do que na última vez em que eu tivera perceção da sua presença. Pensei para comigo própria — supondo que ela pudesse criar a aparência que desejava ter, agora que é um espírito.

Diante dessa ideia os meus pensamentos detiveram-se repentinamente. Deseja parecer jovem e atraente, como certa vez deve ter desejado. Quer dançar e ser feliz. A Senhora está diferente. Ela mudou. O que aconteceu? Imediatamente fiquei animada e alerta.

A música prosseguiu. A senhora valsou; inclinou-se num cumprimento. Eu tinha a certeza de que ela estava inteiramente inconsciente da minha presença ou do ambiente que a cercava.

Fui assaltada pela perceção de uma nova vibração procedente dela. Esta não era a visitante da última vez, cheia de queixas e rancores. Senti que ela estava liberta e sentia alegria pela primeira vez, desde que cruzara o rio da morte. Isto era emocionante e excitante; desejei que algum contato fosse estabelecido entre nós.

Finalmente, o meu L.P. terminou e desligou-se automaticamente. Não me mexi. Permaneci com os olhos fechados e os sentidos interiores à espera de colher impressões. O que acontecerá agora? — perguntei a mim própria.

Não tive muito que esperar. A Senhora parou de dançar, mas continuou equilibrada, elevada na sua nova felicidade. Ela parecia estar totalmente absorvida neste inusitado mundo de êxtase; e é claro que parecia muito bonita. Devagar, como se estivesse a suspirar por o momento terminar, ela deixou os braços caírem e a cabeça inclinar-se. Depois endireitou-se e começou a olhar em torno de si, desta vez com um olhar mais

penetrante e interessado do que quando visitara anteriormente o meu "pobre casebre."

"Como aquilo foi lindo. Que beleza!"? captei o pensamento da Senhora com absoluta clareza. "Ouvir música novamente. Estar de volta. . ." A mente dela foi subitamente silenciada. Com mais sobriedade, ela recomeçou: "Mas eu não estou de volta à minha casa!" Pôs-se a caminhar pela sala. "Estou aqui, de novo."

"Você está no meu chalé," fiz-lhe recordar, ansiosa para que ela comunicasse comigo.

"Seu chalé?" Então, o meu pensamento atingira-a. "Quem é você?"

"Ah, sou apenas uma amiga. Você veio me visitar antes. Não se lembra? Você disse que eu morava num chiqueiro."

Ela voltou-se para mim. "Eu disse isso? Não podia estar a enxergar a sua casa. Desculpe. Foi imperdoável da minha parte dizer tal coisa. A sua casa é linda. . . encantadora!"

A Senhora a pedir desculpas! Devia ter acontecido um milagre.

"Obrigada," transmiti rapidamente à mente dela e ela sorriu quando recebeu o meu pensamento. "Estou contente que tenha vindo."

"Eu também," foi a resposta ligeira que deu. "Estar livre daquele lugar horrível. Você vê, deram-me permissão para vir aqui outra vez."

"Vir aqui?" ecoei, a repetir o pensamento dela.

Ela confirmou com um movimento nítido de cabeça e um sorriso encantador. "Sim. Para ouvir a sua música. Veja," acrescentou melancolicamente, "amei tanto a música quando. . ."
Ela pareceu recolher de volta o pensamento da sua vida material.

"Quando você estava na terra?"

Ela balançou a cabeça, concordando. "Sim. Eu gostaria de ter sabido, daquela ocasião, tudo o que sei agora."

“Porquê?” perguntei, interrompendo-a.

“Acho que é porque teria vivido de maneira diferente. Quer dizer, teria sido mais bondosa. Como eu poderia saber que iria para um lugar tão horrível, que ficaria entre pessoas tão horríveis, que viveria num ambiente tão sórdido? Eu tenho sofrido.” Ela mal podia controlar as emoções. “Mas agora tive permissão para vir aqui de novo. Eles disseram que isto era apenas um começo.”

“Eles?” repeti.

A Senhora pareceu ficar surpreendida por eu não saber a respeito deles.

“Eles são Mestres e Auxiliares,” explicou ela. “E são bondosos. Durante um longo tempo pensei que eles fossem visitantes da igreja e não conseguia entender o que é que tinham a ver comigo. Nós costumávamos fazer visitas aos pobres, a serviço da igreja; e eu nunca me julguei pobre. Pelo menos até que soube que tinha que ficar naquele casebre, que aquilo era o meu lar. Disseram-me que eu era “pobre de espírito”. . .”

Isso abalou-a — foi o meu pensamento impulsivo; e logo de imediato tive um sobressalto quando ela me respondeu. Eu tinha esquecido de que esta telepatia era um “contato bilateral.”

“Fiquei abalada até o âmago do meu ser,” prosseguiu ela.

“E não pude saltar levianamente por cima de tais implicações. Isso também me tinha sido dito por uma mulher de rosto meigo, uma que me tinha visitado anteriormente e que me deixara a impressão de ser feliz, encantadora e sincera. Ela era tão diferente das criaturas que viviam em casebres iguais ao meu! Pensei sobre isso muito profundamente e quando ela tornou a voltar adiantei-me para falar-lhe.” A Senhora fez uma pausa.

“Eu não consigo recordar muito bem do que falamos, somente que eu implorei para deixar a minha sombria habitação. Penso que lhe falei da música que tinha escutado aqui e das flores que você tem. Ela pareceu compreender. Então, ela disse que eu podia voltar aqui novamente se...”

“Se, o quê?” disse eu, instigando-a.

“Se eu parasse de me indignar contra o lugar onde estava. Lembro-me de lhe ter dito que ali só havia fealdade; que ninguém podia deixar de indignar-se contra a fealdade. Ela concordou com isso e perguntou-me se eu amava a beleza. Falei-lhe do meu jardim, da minha estufa e de todas as plantas adoráveis que certa vez tive; e da minha música. Ela compreendeu-me imediatamente. Disse que me ajudaria a voltar aqui de novo, para ouvir música, se eu aceitasse o meu lugar atual.”

“E você aceitou?”

Agora a Senhora andava a vaguear pela sala. Parou diante de um vaso de ciclames e acariciou as flores brancas com uma ternura que era surpreendente numa personalidade de tal dureza e arrogância.

Ela não se voltou para mim quando o seu pensamento transmitiu a resposta velozmente, como um relâmpago.

“Estou a tentar,” admitiu; e depois, com tristeza: “Não é fácil. Aquelas pessoas não são o meu tipo. Pelo menos pensei que não fossem. Mas agora devo lembrar que também sou pobre de espírito.”

Pela primeira vez senti-me dominada pela piedade e pela compaixão por esta alma sofredora. Realmente, era uma tragédia que, com todas as vantagens que lhe tinham sido dadas na sua permanência neste plano, ela tivesse deixado de ouvir os ensinamentos da igreja que favorecera como *lady* da aldeia.

“Amai-vos uns aos outros” e “Ama o teu próximo como a ti mesmo.” Ela nem mesmo: amara o seu filho.

A Senhora ficou por ali durante algum tempo, mas não tornou a comunicar comigo. Ela parecia feliz apenas por estar no meu chalé. Coloquei outro disco na vitrola e ela sentou-se a ouvir, enlevada. Depois sumiu, mas desta vez deixou uma impressão cálida e uma aura de prazer que eu antes jamais teria associado com a Senhora. De facto, ela estava a mudar.

Três dias depois

O dia estava frio e cheio de neblina. Depois do almoço abriguei-me junto ao aquecedor elétrico e sintonizei a B.B.C., no Terceiro Programa. Um concerto estava a ser executado; uma apresentação da Quinta Sinfonia de Tchaikovsky estava a ser transmitida. Relaxando naquela sensação cálida e naquela paz, entreguei-me à beleza das melodias e passado algum tempo tive a impressão de deslizar para um outro mundo.

Ela está aqui — chegou a informação surpreendente — a Senhora; só que desta vez a identificação da sua presença foi agradável. Os meus sentidos interiores alongaram-se. Sim, aqui estava ela sentada numa das poltronas da sala, absolutamente envolvida na música gloriosa que enchia o chalé. Observei-a; ela parecia calma e contente.

Quando a sinfonia finalmente chegou ao seu grandioso final, enviei-lhe um pensamento:

“Seja bem-vinda. É bom tê-la de volta!”

Ela saiu do seu mundo de harmonia. “Foi magnífico!” E eu compreendi que ela se referia à música. Como a sua alma deve ter ansiado por aquilo. “Obrigada por me deixar entrar em sua casa. Eu gosto de ficar aqui!”

Agradecimentos da Senhora! E a primeira vez que usara a palavra *gostar*. Fui dominada pela emoção.

Durante alguns minutos ela permaneceu relaxada e tranquila, sem nenhum pensamento. Desliguei o rádio e preparei a caneta e o bloco de notas, pois sabia que mais cedo ou mais tarde ela comunicaria. Não tardou muito. Dentro em pouco captei-lhe os pensamentos. Eles e deram-me a impressão de pairar silenciosamente pela minha mente, muito diferentes dos primeiros contatos explosivos que eu tivera com ela.

“Agora sei porque estou naquele lugar de semi-escuridão,” começou ela, com uma certa timidez. “Eles disseram-me.”

“Eles?” De novo, repeti o seu pensamento estimulando mais informação.

“Sim. A Irmã de rosto suave tornou a voltar. Ela trouxe consigo um espírito maravilhoso, um homem com um rosto de anjo de olhos tão belos, tão azuis, como se houvesse Luz a brilhar por trás deles. Eu não sei quem ele era nem de onde ele veio. Não o tinha visto antes e estou certa de que teria reparado naquele rosto se esse homem nos tivesse visitado. Toda a figura dele resplandecia. Ele trouxe luz até mesmo ao meu casebre escuro. Foi o primeiro raio de luz verdadeiro que eu vi desde que. . . desde que. . .”

“Desde que você morreu para o mundo terreno e veio para a vida no mundo real?” sugeri.

Ela aquiesceu. “Correto. . . se é que você pode chamar isto de vida! Mas agora fui informada de que esta era toda a vida que eu tinha preparado para mim própria. Esta ideia foi tão completamente estranha. . . ainda é.” Ela interrompeu os pensamentos e ficou a cismar, mergulhada em si própria. Depois:

“Foi aquele homem, parecido com um anjo, que me disse isso. No princípio fiquei dominada por ele e pela espécie de força que havia ao seu redor. Ele tem grande autoridade, suponho. Senti acanhamento.”

A Senhora a sentir acanhamento? Fiquei pasmada. Ela prosseguiu:

“Você vê, ele era tão diferente das horríveis criaturas que habitam no meu mundo atual; não obstante, tinha vindo ali, entre elas. E falou comigo. Tinha uma voz bondosa e gentil, mas as palavras que disse foram terríveis, assustadoras!”

A Senhora hesitou. Pude sentir que ela estava a debater-se com uma onda de emoção, mas desta vez não era uma onda de ira nem de ressentimento; continha toda a tragédia do reconhecimento da oportunidade perdida.

“Eu nunca teria acreditado em tais palavras se não tivessem vindo de alguém como ele. Elas representavam a Verdade. Eu sabia que elas eram a Verdade; isso não as tornou menos acusadoras. Ele disse que eu tinha deixado a minha alma morrer à míngua. Disse que eu tinha alimentado somente as emoções e desejos da minha personalidade! Palavras terríveis, terríveis. Que denúncia! E pensar em ter que ouvir tal

acusação. Deixei a minha alma morrer à mingua? Alimentei as minhas emoções? Eu mal pude suportar isso: no entanto, ainda assim não pude negar o facto. Era verdade! Repentinamente, tive a impressão de ver através dos olhos dele. Olhei para mim própria. Isso foi devastador."

Esperei, mantendo a mente quieta porque este era o momento de ficar em silêncio. Era o momento da verdade. Eu estava tomada de espanto e muito comovida.

"Ele disse outras coisas, mas não consigo recordá-las. Então, foi-se embora. Eu senti-me como se tivesse sido espremida na calandra que as minhas criadas da cozinha usavam nos dias em que lavavam roupa. Toda a esperança me abandonara. Eu sabia que estava no inferno e a ideia de que ficaria ali para sempre deixou-me aterrada. Estou a dizer aterrada? Talvez não. . . isso tudo foi muito confuso. Mas a Irmã ficou comigo.

"Ela deve ter permanecido ao meu lado durante todo aquele momento de pânico. Não estou muito certa disso, sabe; foi um choque tão grande. . . quero dizer, aquelas palavras serem verdadeiras! Era a indicação de fracasso e o motivo da punição que eu impusera a mim própria. Nunca tinha pensado desse modo a meu respeito. Talvez eu nunca tivesse pensado nem um pouco a meu respeito e nunca tivesse acreditado realmente numa vida após a morte, apenas ouvido vagamente os sermões sobre o céu e o inferno. Mas agora eu sei. Eu estava no inferno, era isso. Mas teria eu que ficar lá para sempre?"

Os pensamentos dela foram inundados e interrompidos pela emoção.

"Não para sempre," murmurei. "Não para sempre."

Ela voltou-se para mim.

"Foi o que a irmã disse! Acredita nisso, também?"

Os pensamentos da Senhora correram para a frente, sem esperar por uma resposta.

"Ela disse que eu não estava realmente no inferno, somente nos arredores do que ela chamou de Terras das Sombras. Imagino que

aquilo deve ser o inferno verdadeiro, um lugar que criminosos e pessoas profundamente perversas criaram para si próprias. Eu não fui uma criminosa, ou fui? Eu odiei o meu filho, mas nunca o magoei fisicamente. A irmã disse que eu não estava no inferno verdadeiro; somente perto dele! Perto demais! Perto demais! A irmã, porém, foi muito bondosa. Disse que tinha certeza de que eu não precisava permanecer ali. Você acredita nisso? No princípio eu não pude (acreditar nisso, quero dizer), mas ela convenceu-me. Esse foi o meu primeiro vislumbre de esperança, após todo o meu tormento. Eu senti a compaixão dela. Foi demais. Não ter que permanecer no inferno? Eu, que sempre fui tão orgulhosa, chorei."

A Senhora ficou sentada, em silêncio, durante um longo tempo.

"Eu estava envergonhada," admitiu, finalmente.
"Envergonhada por perder o meu controlo diante dela; humilhada porque ela sabia tudo a meu respeito. Não obstante, sentia-me reconfortada pelo que ela me dizia. O amor que havia nela jorrava sobre mim; era como a luz do sol. Creio que adormeci; no entanto, quando acordei ela ainda estava ali; e eu senti-me repousada e calma. Estava então suficientemente fortalecida para ouvir o que ela precisava explicar-me. Foi quase como uma mãe a falar com uma filha. Fico a imaginar, caso tivesse dado à luz uma criança normal, se poderia tê-la amado! Ela fez-me sentir assim! Ela fez-me desejar ter sido mais bondosa."

Eu podia ouvir o ruído do tráfego lá fora, na rua. Tinha perceção da chuva a bater contra as janelas, mas estava presa dentro de um outro mundo de consciência. Estava tensa por ter de partilhar das emoções desta pobre alma. Eu também estava a aprender, como jamais aprendera antes!

Pareceu arrastar-se um longo período de vacuidade antes que a minha visitante prosseguisse.

"Esta foi a minha primeira experiência da bondade. A irmã ficou comigo. Nós conversamos. Ela foi gentil. Eu fiquei até mesmo com vontade de saber se ela já estivera na terra.
Estava certa de que ela tinha sido uma senhora de posição; a sua aparência era a de alguém de boa linhagem. É estranho carregarmos, para esta outra vida, aquilo que fomos. Esse foi um aspeto que ela me

explicou. A princípio tive dificuldade em compreender. Eu fui, disse ela, exatamente aquilo que eu tinha sido. Por causa das minhas falhas na terra, agora eu estava nessa situação.

“Ela até mesmo me citou a Bíblia. Antes eu teria ficado muito zangada com qualquer um que tomasse tal liberdade, mas agora era diferente. Ela estava no comando. Eu tinha que escutar. ‘Assim como semeamos, assim colheremos,’ citou ela. Olhei para a sua face calma.
“Com que então eu estou a colher?” perguntei, embora soubesse. A resposta dela foi a que eu tinha esperado. ‘Você não semeou amor e harmonia; você negou compaixão ao seu filho; você desprezou o seu marido; você tratou as suas criadas com dureza.’ Eu não podia suportar mais. ‘Pare!’, supliquei. ‘Você é um anjo vingador?’ Ela sacudiu a cabeça e sorriu. ‘Não, apenas sou igual a si. . . uma peregrina no Caminho.’ Ela, uma peregrina no Caminho? O que seria eu, então?. . . Um grão de poeira?”

A Senhora inclinou a cabeça. Já não estava a chorar nem mostrava qualquer sinal de ressentimento. O remorso que havia nela era por demais profundo para lágrimas, por demais real para rebelião.

“Eu estava me vendo conforme fora,” os pensamentos dela prosseguiram, “e fiquei aterrada. Aterrada! Fiquei aturdida com a revelação. Então compreendi que essa era a razão porque tinha que viver entre aquelas pessoas repugnantes, aquelas criaturas odiosas; pois eu era igual a elas! Eu era uma delas; eu também semeara o mesmo que elas deviam ter semeado.”

O que poderia eu transmitir à Senhora? Ficamos impotentes diante de tais revelações. “Mas a irmã,” sugeri, “ela transmitiu-lhe esperança?”

A resposta a esta pergunta foi de causar pasmo. A Senhora ficou de pé; parecia alguém que estivesse a jogar fora um fardo. Surpreendi-me a pensar num ramo de árvore curvado sob o peso da neve; e quando o sol surgiu a neve desapareceu e o ramo ergueu-se e ficou ereto e livre. Isso foi o que ela me pareceu.

“Ah, sim. Ela transmitiu-me mais do que esperança. Ela perguntou se eu jamais amara alguma coisa. E — ah, que alegria! — pude responder-lhe com a verdade. Tive a impressão de que estava bradar. ‘Sim, eu amei,

eu amei a beleza. Eu amei as flores, as cores e a música. Acredite-me, eu amei, eu ainda amo. É por isso que este lugar descolorido é tão horrível. . .' Alguma vez poderei tornar a ver beleza?"

"E a irmã?" transmiti rapidamente a pergunta, pois ela parecia ter entrado num estado de devaneio.

A Senhora ficou agitada. "Aquela face adorável *resplandeceu!* Resplandeceu positivamente! Foi como se uma Luz se acendesse ao redor da irmã. E eu nunca esquecerei o que ela disse. 'Deus é Beleza. Portanto, você amou a Deus, embora nunca soubesse disso. Querida Alma, desse modo você conquistou o Passaporte para Ele. Esse Passaporte a tirará daqui e da escuridão e a levará para a Luz e a Beleza.'

"Eu poderia ter-me ajoelhado aos pés dela. 'Agora, porém,' recomendou a irmã, 'você deve aprender a amar as criaturas, seus semelhantes, seus companheiros, o seu filho.' O meu filho? Ele também está aqui? A irmã acenou com a cabeça na afirmativa e sorriu. 'Você pode auxiliar estas almas. Você pode ser bondosa e compreensiva para com elas.' Então eu soube que essa ia ser uma lição tenebrosa, mas eu não podia fracassar. Depois a irmã perguntou-me se havia algo que eu gostasse de fazer para me ajudar durante esta espécie de prova. E eu pensei em si, nas suas flores, nas suas plantas. . . e na sua música. Pensei que se pudesse vir aqui de vez em quando, como já tinha feito; isso me daria forças para vencer e seria uma espécie de consolo."

Eu estava profundamente comovida. "Deus a abençoe!" Transmiti a nova emoção que sentira em mim, maravilhada ante a mudança sofrida por meus próprios sentimentos para com esta alma. "Venha quantas vezes puder!"

A gratidão que evidenciou foi de causar dó. "Obrigada. Agradeço, sinceramente!" Timidamente, ela deixou que o seu pensamento se aventurasse mais além. "Tenho a feliz sensação de que este é o meu primeiro passo para fora das Sombras, sim, o meu primeiro passo. Estou agradecida. . . profundamente agradecida."

Antes de que a impressão que ela criara em mim se esmaecesse, a Senhora já se fora.

* * *

Cerca de catorze dias depois do último registo, a minha velhinha retornou, e desta vez exigindo a minha atenção. Eu tinha passado uma manhã atarefada, a fazer compras, passar a ferro a roupa e a cozinhar; e, como o meu quadril artrítico estivesse a incomodar-me a fazer-me sofrer muita dor, decidi descansar, com os pés elevados, durante toda a tarde. Além do mais, eu tinha dois livros interessantíssimos, de uma coleção, que pedira emprestado recentemente, e estava ansiosa para lê-los depois do almoço.

Quando terminei o almoço, fiz o café e estava a lavar a louça quando a minha mente supraconsciente teve perceção da velha servidora. Isto é estranho — pensei comigo própria — geralmente ela entra em contato comigo quando estou sentada em silêncio a ler ou a ouvir rádio, ou a assistir à televisão. Contudo, ela agora parecia muito imperativa na ânsia que manifestava por "atenção." Enquanto lavava os pratos pude sentir, distintamente, que ela procurava forçar a sua entrada na minha consciência. Isto era algo novo, especialmente porque talvez eu a tivesse assustado na sua última visita.

Então, de súbito, compreendi que a velhinha tinha alguma coisa emocionante a comunicar. Tornei-me claramente consciente de uma vibração de urgência e excitação. Mas, primeiro vou terminar as minhas tarefas domésticas — decidi — e então vou descansar um pouco e dar uma olhada nos livros novos. A velha senhora terá que esperar. Assim sendo, refastelei-me na minha poltrona favorita, perto da janela, relaxei e comecei a ler.

Contudo, eu não tinha contado com a determinação da minha visitante. De novo e de novo, a perceção da mente dela se interpôs entre o livro e a minha concentração.

"Estou emocionada," o sinal parecia cintilar. "Descobri uma coisa!"

Por volta das três horas comecei a ficar com sono; estava a reler as sentenças e assim mesmo não conseguia apanhar o sentido da matéria impressa. Decidindo dar um cochilo, pus o livro de lado e fechei os olhos. Tão logo fiz isso as "comunicações" começaram a derramar-se na minha

mente; durante pelo menos meia hora elas prosseguiram, clara e vividamente. Eu estava inteiramente despreparada e teria que remexer numa gaveta à procura da caneta e do caderno de anotações, e isso interromperia o fluxo. Este diálogo entre mim e a minha visitante fantasmagórica foi tão veloz, tão emocionante, e absorveu-me com tal intensidade que naquele momento não percebi que mais tarde precisaria tentar relembrá-lo todinho, para o livro. Isto foi realmente assustador.

Não obstante, decidi escrevê-lo mais tarde. Mas depois do chá vieram os chamados telefónicos e as conversas com amigas. Foi só perto das sete horas da noite que pude dedicar-me ao trabalho e então percebi muito bem as dificuldades. Isto porque a velha senhora tinha ido embora. Depois da nossa conversa, que, infelizmente, eu não tinha registado, ela desaparecera. Agora eu precisava escrever de memória. Não era tarefa fácil. Sentei-me e comecei a trabalhar.

Relembrei o ar de excitação e o intenso desejo, da velhinha, de me contar as novidades. Relembrei o choque causado pelas suas primeiras palavras.

“Agora eu sei,” começara ela, atirando os seus pensamentos no meu cérebro. “Eu sei o que significa tudo isto! A senhora se lembra da última conversa que tivemos? Eu pensei que a senhora estava morta, não foi? Isso deixou-me apavorada. Posso garantir que deixou! E desejei nunca mais tornar a ver a senhora. Mas eu estava errada, minha senhora, eu estava errada. Uma de nós estava morta, isso é certo, só que não era a senhora! Era eu. . . sou eu! Estou morta, ou aquilo que a senhora chama de *morta*, não estou? Eu descobri que a senhora está na terra, como eu costumava estar, e que eu estou. . . bem, eu não sei muito bem onde estou, mas não estou viva; pelo menos não como costumava estar.”

Bem, algum progresso fora feito — pensei comigo própria; e tentei estimulá-la a prosseguir a comunicação.

“Então a senhora descobriu isso?” emiti, rapidamente, em resposta. “Como foi que aconteceu?”

Ela pareceu recordar, durante alguns instantes. “Aconteceu assim,” começou a pensar, finalmente. “Foi toda a sua conversa a respeito de médico, minha senhora. “Vá chamar um médico,” disse a senhora. E

onde poderei eu arranjar um médico? — pergunto eu. Faz tanto tempo que não vejo um médico. Fiquei a pensar nesse assunto e então isso levou-me a uma outra coisa. Com respeito a isso, também não tenho visto ninguém mais — digo eu para mim própria. E então começo a afligir-me. Por que não tenho visto ninguém? Por que não saberei onde a senhora pode arranjar um médico? Onde estava eu? Eu parecia estar sempre sozinha, ninguém jamais me vinha visitar.

Séculos deviam ter passado e, no entanto, não parecia tanto tempo. Eu ainda estava no meu chalé, mas, de algum modo, ele não era como o meu chalé. Então, faço outra pergunta: o que é que a senhora estava a fazer lá? Parecia estar a morar nele, mas eu também estava. E jamais tivera o costume de hospedar quem quer que fosse, muito menos uma inquilina."

Com que então, eu era uma inquilina, não era? Pobre almazinha confusa; para ela, esta perda do lar que tanto amara e ao qual se agarrara, imaginando-se num permanente céu na terra, devia ser uma descoberta dolorosa. Aqueles pensamentos da velhinha prosseguiram e não foi difícil perceber que ela devia estar num sério conflito.

"Sentei-me e fiquei a pensar muito sobre isso. Estava a querer apurar se tinha ficado louca. Posso dizer-lhe que cheguei até a sentir-me mal. Médicos —digo a mim própria — quando foi que vi médicos pela última vez? E porquê? E onde? Sabe, senti que tinha perdido igualmente a memória. Então, tudo retornou. Foi depois que a patroa morreu, muito tempo depois. Eu tenho que apurar isso muito bem. . ." Ela calou-se.

"Sim. Sim. Continue," insisti. "Qual foi o último facto de que a senhora se lembre a respeito de médicos?"

Ela ficou imóvel, em silêncio e, por ter ficado tanto tempo sem pensar em nada, percebi que ela devia estar completamente confusa. O que mais poderia fazer para a ajudar? Enviei um pedido de auxílio Àqueles que estavam a observar e à espera.

Dentro em pouco a mente da velha criada pareceu ter alcançado clareza como que por milagre. "A última lembrança que tenho?" repetiu ela, lentamente. "A senhora quer que eu conte aquilo que recordei? Ah, minha senhora, não foi coisa de me deixar alegre, não foi mesmo! Foi um

verdadeiro choque. Eu chorei por causa disso, eu chorei.” Ela fez uma pausa, engasgada pela emoção. Aguardei.

“Foi num hospital, minha senhora, na enfermaria. Eu caí no soalho do meu chalé. . . agora lembro-me muito bem disso; mas o que aconteceu depois? Eu não sei, só sei que acordei na enfermaria. Sabia que era uma enfermaria porque havia médicos e enfermeiras. Sim, minha senhora, foi lá que vi um médico pela última vez. E eu não pude suportar aquilo porque comecei a entender que devia estar morta.”

“Mas se você morreu,” sugeri, “ainda está “viva,” não está? Você pode pensar e você ainda existe. Isso foi tudo o que descobriu?”

“Não, minha senhora, na verdade não foi tudo. Tive um outro choque, e foi esse que me fez perceber. . . eu vim aqui para ver a senhora.”

“Mas você vive aqui,” interrompi. “Onde tem estado?”

A velhinha pareceu agitar-se. “Isso, na verdade eu não sei muito bem,” admitiu, um pouco envergonhada. Depois, controlando os sentimentos, prosseguiu: “Mas a senhora não estava aqui. Fiquei sentada muito tempo, azucrinando minha cabeça com tudo isso. E então. . . então eu 'vi” que o fogão já não estava mais aqui. O meu fogão tinha sumido, os meus móveis também; todas as minhas coisas tinham desaparecido.

O lugar estava mudado, não era mais como o meu chalé. Ele estava de um jeito que a patroa costumava chamar de “elegante.” Isso deu-me uma vontade terrível de chorar. Tinha perdido o meu lar. Senti que não tinha nenhum lugar que me pertencesse. E não sabia onde estava.”

Senti um nó na garganta. Isso era muito real e comovente.

“E. . . de repente eu soube. Eu soube que estava morta. Não havia dúvidas a respeito disso. Eu tinha morrido naquele hospital. Eu tinha morrido. Deus me ajude, eu ainda não estava enterrada, não tinha nenhuma sepultura, que eu soubesse. E a senhora tinha o meu chalé. A senhora estava viva. Eu estava morta. Não tinha direito de ficar aqui. Eu estava apavorada.
Saí e andei por aí.”

“Pobre querida! Você encontrará um novo lar, sabe que encontrará. Agora, alguém virá buscá-la,” disse eu, tentando alegrá-la.

A velhinha sacudiu a cabeça. “Não, senhorita, eu, estou perdida. De qualquer modo, tenho que encontrar a minha sepultura.”

“Você não precisa da sua sepultura,” transmiti, rapidamente. “Lá está o seu velho corpo. Mas agora você tem um corpo novo. Vai viver em alguma morada agradável.”

Pela primeira vez ela me encarou diretamente e fiquei estranhamente tocada pela confusão que revelava na sua expressão. Que coisa triste é a ignorância — pensei. Se ao menos as pessoas soubessem. Havia tantas que não tinham nem mesmo religião; havia inúmeras que levavam existências puramente materiais, físicas, sem esperança ou conhecimento de um futuro. Tanta ignorância. Céu ou inferno — ou o Nada. Essas eram as crenças.

Refleti sobre isso com tristeza, esquecendo a minha visitante. Quando retomei os meus pensamentos e a minha consciência, descobri que a velhinha tinha ido embora. Mas, para onde? Eu só podia enviar uma prece a pedir que ela fosse guiada. Finalmente, agora ela despertara. O que viria em seguida?

* * *

Alguns dias depois, aconteceu; eu tinha ficado algum tempo afastada do meu chalé e agora estava de novo em casa. Tinha alimentado a esperança de poder terminar este livro antes de dar entrada no hospital para uma operação ao quadril. Agora achava a ideia inútil. Eu sabia que havia muito a fazer e pouco tempo para trabalhar. Talvez tenha sido esta ideia que me levou a examinar o manuscrito e ler algumas das últimas sentenças. Deve ter sido este contato de pensamento que trouxe a velhinha de volta ao chalé; pois ali estava ela, sentada à minha frente a sorrir. Ocorreu-me, pois, que nunca a vira sorrir de alegria antes. Portanto, alguma coisa tinha acontecido. Não precisei concentrar-me em esperar porque tão logo me sentei e ela começou a “passar-me as notícias” da maneira mais confiante e excitada.

“Olá, minha senhora,” disse ela, cumprimentando-me, “tenho estado à sua procura. A senhora não estava aqui. Mas eu encontrei-a, com uma porção de outras pessoas. Sim, eu encontrei-a. A senhora sabe, eu tenho que seguir em breve e quis contar-lhe o que me aconteceu. Sim, eu quis que a senhora soubesse.”

“Parece que aconteceu algo bastante emocionante. Conte-me,” disse, encorajando-a e deixando de lado o facto de eu estar cansada e ter preferido ir para a cama ou ler um livro interessante. Peguei no meu caderno e na caneta e acomodei-me para escrever. Então, ela começou a transmitir-me pensamentos de forma tão decidida e arrebatada que tive enorme trabalho em acompanhá-la. A minha caneta simplesmente voou pelas páginas; a minha mente ficou fascinada; a concentração foi total. Ela parecia ter-se ligado a mim tão estreitamente que quando o texto terminou e ela foi embora eu senti-me vazia.

“Ah, foi emocionante,” começou ela. “Após um pouco de tempo. No princípio, conforme já contei à senhora, eu estava assustada. Achei que tinha de procurar a minha sepultura, conforme já disse. Comecei a vaguear por aí e não sabia onde estava nem que caminho tomar. Continuei a repetir para mim própria — eu estou morta. Mas eu devia estar de ida para algum lugar. Eu devia estar de ida para algum lugar! Onde? Gostava de encontrar um polícia, como aqueles de Londres — pensei.

Mas não havia polícias, pelo menos não vi nenhum. E lembrei-me do que a senhora disse. Eu tinha um corpo novo. Só que ele não parecia diferente. E, algumas vezes, pensei na patroa que estava no inferno, mas não senti pena dela. Somente fiquei com medo de ter que ir para lá também e de ter que a ver de novo. Eu sabia que desta vez não faria o que ela mandasse, nem mesmo no inferno. Eu senti-me mais segura de mim própria, ou algo assim.

“E a senhora disse que eu ia encontrar uma morada agradável; portanto, imaginei que não devia ser no inferno, onde ela está. E andei e andei; depois comecei a chamar em altos brados: ‘Alguém venha aqui ao meu encontro’. . . como a senhora falou. . . ‘Venha ao meu encontro, estou aqui.’ Ah, aquilo pareceu uma caminhada longa e muito solitária. E então vi aquele homem, um velhinho sentado na encosta de uma colina.

“’Quem é o senhor?’ perguntei. ‘Eu sou eu,’ disse ele. ‘Eu também sou eu,’ disse eu. ‘Só que estou morta.’ ‘Eu também estou,’ disse ele. Nós não estávamos a ir longe demais, estávamos? Então, eu disse: ‘Estou com medo. Acabo de descobrir que estou morta.’

“Ah, não precisa ter medo,” disse ele. ‘Para onde está a dirigir-se agora?’ Eu disse que não sei, talvez para o ‘céu ou para o inferno.’ Então perguntei-lhe pelo caminho para um dos dois. 'Eu não sei muito bem onde é o inferno,” disse ele, ‘mas não fica assim tão terrivelmente distante do céu.’ Ah, como fiquei contente quando ouvi aquilo! Pensei: ‘Talvez ele seja um polícia. . . um polícia do céu.’ E a senhora sabe, ele pareceu ler o que eu estava a pensar. ‘Não, eu não sou um polícia,’ disse ele. Fiquei um pouco desanimada por causa daquilo. ‘Bem, como é que eu chego ao céu?’ perguntei-lhe. ‘O senhor pode me indicar o caminho?’”

Houve uma pausa e ela como que riu, com um risinho espremido.

“Sabe, senhora, ele deu-me uma resposta tão estranha! Fez-me sentir completamente confusa. ‘O Caminho?’ disse ele. ‘O Caminho? É simples. Você apenas reza as suas orações. Isso é tudo.’ ‘Tudo?’ respondi eu, vendo desaparecerem todas as minhas esperanças de chegar até lá. ‘Eu não sei nenhuma oração, não sei.’ ‘Naturalmente que sabe,’ disse ele. ‘A sua mãe ensinou-lhe o Doce Jesus e o Pai Nosso.’ Não perguntei como é que ele sabia disso; acho que nem pensei em perguntar. De qualquer modo, fiquei um pouco mais animada porque não precisava dizer nada de extravagante. *Pai nosso. . .* Sim, eu lembro-me dessa oração.

“Só que eu não estava muito certa de me lembrar. Havia passado imenso tempo desde que eu tinha rezado aquela oração. Ele também deve ter sabido dessas coisas a meu respeito porque disse, como que a falar depressa: ‘Então vamos lá. Vamos dizê-la juntos. Essa oração poderá trazer alguém, você sabe.’ E eu ajoelhei-me como costumava fazer na catequese, quando era pequena, e nós rezamos juntos. Pai nosso, que estais no céu, Santificado seja o Vosso Nome. . .

Eu estava a chorar quando terminei, a chorar como que de coração destroçado, e não conseguia enxergar direito por ter os meus olhos como que encharcados. Então, senti que o velhinho estava a pegar na minha mão e pensei que ele me levaria para o caminho certo. Virei-me para

agradecer e para olhar para ele. . . e ele tinha desaparecido. E ali estava o meu pai, o meu velho pai, exatamente como ele costumava ser. Ah, minha senhora, é claro que fiquei com os olhos presos nele e disse: 'Pai? Oh, papai, o senhor também está morto?' E ele riu. O meu velho pai riu. 'Eu já estou morto faz muito tempo, minha menina," disse ele. 'E tu também. Ficamos esperando que despertasses. Ficamos à espera, a tua mãe e eu.'

Eu podia sentir as lágrimas a arder nos olhos. Mas não havia tempo para as enxugar. A minha visitante prosseguia impetuosamente e eu não podia perder uma única palavra.

"Eles estavam à espera, minha senhora. À minha espera. E eu chorei e chorei, tão maravilhoso era isso. A minha mãe e o meu pai. Eu mal podia acreditar. Tudo era tão novo, tão diferente. Bem, então o meu pai pegou-me na mão e nós subimos aquela colina. Mas eu não podia andar. Estava tão cansada. Disse ao meu pai que estava muito cansada para andar até o céu, naquele momento. E ele disse para eu sentar um pouco e descansar. Assim o fiz, e devo ter adormecido. E acordei num lugar tão lindo e lá estavam o meu pai e a minha mãe. Eles pareciam tão felizes. . . e muito mais jovens. Mas disseram que aquilo ainda não era realmente o céu. Mas era tão lindo que eu pensei que devesse ser."

Finalmente, a velhinha silenciou. Tinha o rosto radiante. Ela ainda usava a sua velha vestimenta de criada, só que agora, de algum modo, parecia diferente, mais alta e mais serena. Eu estava tão comovida! A única coisa que podia fazer era transmitir-lhe a minha alegria e felicidade. "Deus a abençoe — tentei dizer — você está no seu caminho, está no seu caminho."

"'Sim, minha senhora. Sim, minha senhora,' veio a resposta dela, como um relâmpago. 'Foi por me ter dito que estou morta, falado da morte e de um médico. Isso fez-me pensar. Ah, agora estou tão contente por o ter feito, e estou feliz com a minha mãe, o meu pai e os outros. Foi por isso que pedi para voltar, só para dizer que está tudo bem, está tudo bem. E lamento ter pensado que o seu chalé era o meu, porque não é. Ah, minha senhora, estou tão contente por saber que agora estou morta. Tudo é tão diferente daquilo que pensava. E já não tenho medo. Estou feliz, minha senhora, estou feliz. E obrigada por ter me ajudado. Aqui está o meu pai. Sim, já vou, pai. . . já vou.'"

E ela desapareceu. A minha velhinha fora-se, de volta para o seu caminho. Fiquei a imaginar se tornaria a vê-la de novo, se ainda voltaria a perceber a sua presença.

O PLANO, SEGUNDA PARTE

Mas, é claro, eu sabia interiormente que tornaria a encontrar novamente a minha velha “inquilina.” A saga ainda não havia terminado. Este estranho drama astral devia desenrolar-se até o clímax do seu fim designado. Havia muito por acontecer, muito para ser realizado. A Parte I foi concluída; Parte II já começara. O Plano e o Padrão estavam a ser seguidos com precisão. Uma alma fora libertada da ignorância e da separação autoimposta e conduzida a uma consciência pelo menos parcial; outra alma encontrara uma grande Verdade — a de que Deus é Beleza; e essa Verdade, como a irmã nas Regiões Sombrias lhe dissera, era o seu passaporte para o progresso.

Ao escrever estas palavras, tomei consciência dos pensamentos concentrados do Menino, e senti-me encerrada no amor que fluía dele. Relaxei, e logo a Presença do seu avançado Irmão de Luz elevou a atmosfera do meu quarto para uma atmosfera de harmonia e paz que eram como um lago calmo sob a lua cheia. Fiquei sentada em silêncio. A aura de luz encheu o chalé; o silêncio quase podia ser “escutado.”

Os pensamentos do Irmão filtraram-se na minha contemplação. A sua mente estendeu-se e tocou a minha. Para mim, aquilo foi como uma música a ecoar de forma indistinta através da minha própria alma; um coro de anjos não poderia ter criado harmonia dotada de mais doçura. Então, lentamente e sem esforço, as palavras fluíram para dentro de mim. Através do Canal desta Luz, Eu estava a receber a mensagem do Espírito.’

“’Cara amiga,' chegou a comunicação telepática, 'A nossa visita é de alegria e de gratidão. Uma entidade foi liberta das correntes escravizantes da ignorância. A névoa da ilusão que persistira em virtude da sua profunda imersão no mundo materialista do conceito de vida no plano terreno foi disperso. Agora aceitou a separação da personalidade sobrevivente do personalidade-corpo. Agora ela está pronta para ser conduzida para a Luz e para aquela união consciente com a alma que é

o início do Caminho do Espírito. É uma ovelha desgarrada encontrada; e por isso há júbilo nas Esferas.'

"'Mas uma personalidade triste e fechada também começou a apreender a grande lição e a verdade do amor. A essa entidade foi revelado, mesmo que apenas um mero vislumbre, algo da natureza da Divindade. A beleza é o amor em ação; e o amor é a beleza realizada. O amor criativo é nosso Pai, e por meio da Sua Palavra Ele produziu beleza. Assim, sem verdadeira compaixão e amor sinceros, não existe nada para além da fealdade; sem a luz do Espírito não existe nada além das trevas. E sem luz não há visão, e a alma definha.'

"'Não obstante, o amor nunca tem fim, por jorrar eternamente do Criador, da Fonte; e a luz nunca pode ser completamente extinta, pois é da própria natureza e essência da própria vida.'

"'Cada alma, criada por Deus, deve retornar a Deus, uma vez que é uma luz encarnada à procura de luz, da luz eterna, do mesmo modo que um rio busca o mar. Não está escrito que "Nele não há sombra"? Só as sombras só são lançadas pelos obstáculos que impedem a luz do sol, pela crença na separação do sol, pelo conceito ilusório de divisão existente entre Espírito e matéria. Tais sombras infligem dor e sofrimento que chegam até mesmo ao desespero. Mas liberte a matéria pela luz do Espírito, e a longa evolução do homem terá sido alcançada. Esta é a verdadeira interpretação da Redenção, da qual o exemplo supremo foi dado na ascensão do Cristo.'

"'Contudo, pelo facto do homem gozar de livre-arbítrio para criar o seu próprio progresso, ele muitas vezes escolhe sombra e separação, até que aos poucos ele aprenda pelo sofrimento. Isto porque sempre há nele luz por detrás da sua escuridão autoimposta; e sempre há amor a envolver a sua própria separação absorvente.'

"'E muitos são, de facto, os canais para a luz; e inúmeros os caminhos do espírito para poderem ser contados. Isto porque nenhum indivíduo é abandonado; nenhuma alma é deixada a estiolar. Desespero e sofrimento são apenas passos no Caminho, pois tudo está a evoluir na direção da luz. O Pai de todos é o amor. O Seu Espírito é luz e a Sua criação é Beleza.'

“'Os meus irmãos e eu observamos jubilosos enquanto a beleza recria o amor e o amor traz luz para esta entidade desesperada que, nesta última existência, foi escolhida para ser a mãe do Menino; e que, finalmente, está agora a emergir de uma crisálida de matéria e a transformar-se na alegria alada de um novo nascimento.'”

A mensagem terminou. Pus de lado minha caneta. Não pude fazer mais nada naquela noite. Contudo, amor e a beleza permaneceram no meu chalé; e tive a impressão de que isso era uma bênção para o Ano Novo que estava a chegar. Se ao menos esta “comunhão de amor” pudesse sair junto com este livro, então a ‘partilha’ do amor estaria completa; no entanto, se apenas alguns que o lerem, se sintonizarem com o Espírito, a luz terá penetrado ‘até nas nossas trevas’. Mais ou menos uma semana antes desta última série de textos, tive a sorte de comparecer e falar numa conferência sobre a Vida após a Morte, realizada num mosteiro Anglicano.

Havia uma audiência bastante representativa; algumas pessoas já convencidas da sobrevivência a personalidade após a morte do corpo; outras que tinham vindo sem qualquer conhecimento prévio ou experiência no assunto; e outras ainda, ortodoxas e eruditas que estavam prontas para debater (e alguns até mesmo para discutir) os prós e contras de tais crenças dentro dos dogmas consagrados da fé cristã. Foi uma audiência animada e interessada; entre eles contavam-se muitas freiras e alguns irmãos de diversas ordens Anglicanas; Irmãs de rosto meigo, para muitas das quais esta abordagem da outra vida era completamente nova, mas que já tinham a mente aberta o suficiente para buscarem o conhecimento.

Menciono esta conferência porque acredito que ela desempenhou um papel muito real no desenvolvimento do Plano para despertar e libertar as duas entidades que eu conhecia como 'a velhinha do chalé’ e a sua patroa. Incluo igualmente uma referência a ela por os seus efeitos parecerem ter provado tanto a eficácia da oração quanto o poder do amor, *aquele* altruísmo e dádiva que pertence unicamente ao Espírito, no trabalho divino de cura, benefício e iluminação.

Certa noite, durante a conferência, quando toda a audiência estava reunida no

salão de palestras, o assunto iniciado pelo presidente dizia respeito a experiências específicas de “comunicação com os mortos.” Ele lembrou e contou muitos exemplos de perceção extrassensorial em que os chamados mortos se comunicaram com ele através de sensitivos famosos, muitos dos quais já haviam passado para a outra vida. Um exemplo dado foi o do espírito do seu próprio pai, que apresentou as mais conclusivas evidências da identidade. Então uma escritora e a sensitiva que estava presente foi solicitada a contribuir com as suas experiências; e todos ouviram com grande e profundo interesse.

De repente o presidente chamou-me. Eu não estava à espera daquilo, pois a minha palestra já havia sido feita naquela manhã. Fui apanhada de surpresa e completamente desprevenida. Sem perceber o que estava a fazer, comecei a contar a história deste livro. Falei da “aparição” da velhinha que era minha inquilina invisível; referi a Senhora que detestara o filho e que era odiada pela empregada, a triste situação de ambas e do que senti ser a minha tarefa de as ajudar e escrever sobre esse drama astral. Eu podia ouvir-me a falando sobre um assunto que dificilmente desejaria transmitir antes de terminar o livro. Mas as pessoas mostraram-se tão interessadas que revelei muito do que havia acontecido até então. As palavras pareciam fluem de mim sem restrições, como se eu estivesse destinada a enunciá-las.

E de facto agora acredito que estava!

Isto porque, após a palestra, muitas freiras vieram ter comigo para dizer que iam rezar pelas minha 'visitas' nas suas próprias comunidades, tão reais já eram aqueles espíritos para elas. Fiquei muito comovida. Após a conferência, recebi cartas de outras pessoas que haviam estado presentes que iam enviar pedidos para que graça e luz fossem concedidas a elas.

'A prece realiza mais coisas do que este mundo suspeita,' é uma citação muito conhecida. Se eu precisasse de uma prova disso, eu obtive-a. Pois menos de uma semana depois que eu voltei para casa, para o meu chalé, foi estabelecido o contato que já descrevi no último capítulo. A velha criada havia ‘despertado. Embora ainda confusa, ela aceitou o facto da morte do seu corpo e da sobrevivência da sua mente. Ela ainda *existia*. Ela havia escapado da névoa da ignorância e caminhava às cegas ao longo do caminho para a luz. Então, alguns dias depois (no

nosso tempo), ela voltara para transmitir as suas boas novas. As escamas finalmente haviam caído dos seus olhos espirituais e ela tinha visto e reconhecido o seu próprio pai, que havia sido enviado para guiá-la no seu caminho. E essa revelação tinha ocorrido depois que ela própria repetira a oração da sua infância há muito esquecida, o Pai Nosso, que estais no Céu. . .

As orações e bênçãos daquelas mulheres dedicadas foram ouvidas e atendidas! Uma alma avançara para uma nova vida e houve júbilo nas 'cortes celestiais.'

Quão fielmente o Irmão de Luz fala do poder do amor! Quão pouco sabemos da influência para o bem que as nossas orações podem trazer, tanto para os vivos quanto para os chamados mortos. Lembro-me que que isso fora enfatizado por Frances Banks (ela própria ex-freira que sabia daquilo de que ela falava) no livro *Testemunho de Luz*. Orações, bênçãos e amor -- sugeriu ela -- são “recebidos” pelos nossos entes queridos que partiram, e são, para eles, como um bordão no Caminho.'

Contudo, quão mais maravilhosa é o auxílio da oração pelos infelizes “presos à terra,” para os impenitentes, os vagabundos e acorrentados por si próprios aos subúrbios das sombras! Não podemos recordar isto e agir com respeito ao amor, conforme a religião nos ensinou?

Apenas dois dias tinham se passado depois da última anotação, quando me vi a dar prosseguimento ao trabalho, como se nunca o tivesse abandonado, a partir da última visita da Senhora. Eu tinha acabado de ligar o televisor, para ouvir o noticiário antes das seis da tarde, quando dei por mim a conversar em voz alta, e com a minha visitante das Terras das Sombras! Então, ela retornara? Agarrei a caneta e o caderno e deixei as palavras fluírem através de mim. Este foi um desenvolvimento inédito, porque logo no início eu não tive consciência de uma visita.

Mas pude "ouvir" e responder aos pensamentos; e havia tal urgência neles que eu mal pude escrever com velocidade suficiente para manter o passo com o seu fluxo. Isto foi uma verdadeira inspiração; pelo menos, esses pensamentos não tinham ocupado a minha consciência. Na verdade, eu nunca visualizara a possibilidade da situação que agora estava a surgir para a habitante das Terras das Sombras. Para mim esta era uma reviravolta, completamente nova, nos acontecimentos. Escrevi quase que como se as palavras me fossem ditadas, mais ou menos do

mesmo modo como tinham sido transcritos os textos de Testemunho de Luz. Eu poderia ter ficado intrigada se tivesse tido tempo para fazer uma pausa e avaliar a substância da minha transcrição, mas não tive. Escrevi quase como que em estado febril.

Antes que a minha visitante "aparecesse" na sala, e me permitisse perceber a sua presença, eu já estivera a escrever durante algum tempo, a registar o que poderia ter sido um diálogo imaginário. Por conseguinte, os pensamentos dela devem ter viajado até mim. Se a Senhora era capaz de fazer isso, ela estava realmente a progredir no seu ajustamento.

Tudo começou com um fragmento de conversa que foi pronunciado em voz alta, sem que eu compreendesse o que estava a ser dito. Era um tópico deveras interessante.

"Descobri que há reencontro depois da morte", veio a surpreendente abertura do discurso. "Até mesmo aqui, neste lugar medonho, tem havido reencontros entre amigos e parentes. Sim, eu testemunhei isso; talvez seja por me ter interessado mais pelos meus companheiros. Estas reuniões nem sempre são afortunadas ou bem recebidas, o que parece estranho até que nos lembramos da espécie de lugar que é este.

Eu estava a falar sobre isto com a Irmã e perguntei se teria que ser colocada frente a frente com alguém que tivesse conhecido na terra. Estremeci um pouco quando ela disse que isso podia acontecer. Mas ela foi tão reconfortante; ela sempre é! Disse que, se eu progredisse em compaixão e se auxiliasse os meus companheiros, daqui eu passaria para a Luz. Pensei que talvez não fosse obrigada a encontrar gente como aquela que não apreciara na terra."

"Aquelas que não apreciou?", surpreendi-me, a pensar. "Não teve alguém que você tenha estimado ou amado?"

A Senhora deve ter recebido os meus pensamentos pois a resposta da sua parte chegou-me sem nenhum preâmbulo. "Não", disse ela. "Ninguém que valha a pena recordar."

Arriscando-me demasiado, remeti de volta o pensamento: "Mas você teve um filho, não?"

"Se é que se podia chamar-lhe filho!"

"Ele foi carne e sangue do seu sangue. Não tem vontade de ver o seu filho de novo?"

"Não. Não tenho."

A reação que movi a essa resposta deve tê-la espantado. "Eu sei que eu quereria!" concluí.

Enquanto escrevia, senti uma mudança na sala. Ela estava aqui, comigo. O choque causado pela minha pergunta deve ter sido tão grande que a ânsia de se defender fez com que ela se precipitasse na minha consciência e desse modo eu percebi a presença dela.

Ela estava sentada na cadeira oposta à minha. Houve uma pausa enquanto eu me acostumava à sua presença. Então, as palavras dela chegaram até mim que nem relâmpagos. "Eu poderia, se ele tivesse sido como qualquer outro menino."

"O que quer dizer com isso?" Perguntei, embora soubesse.

Houve um período de silêncio. Depois ela tornou a comunicar.

"O meu filho era um idiota. Ele não conseguia pensar com clareza e mal podia proferir duas palavras inteligentemente."

"Pobre menino!" Enviei o pensamento de piedade de volta, mas não obstante, enquanto o emitia, só podia pensar no espírito brilhante daquela alma avançada que ela desprezava. "Como deve ter sido terrível para ele!"

Isso tocou-a. "Terrível? Para ele? Ele não sabia de nada. O constrangimento foi para a sua mãe."

Tentei de novo. "Mas o seu filho deve ter morrido, certo?"

"Sim. O pobre tolo afogou-se."

"Então", sugeri, tentando persuadi-la, "ele terá mudado com toda a certeza. Não pode ser um ente ainda sem inteligência!"

"Mudado? Seira possível? Nós não mudamos depois da morte. Eu não mudei, não é?"

"Não, você não mudou", desejei acrescentar "infelizmente". A mente ágil dela captou o meu pensamento. "Eu devia ter mudado?"

"Não sei", transmiti, em resposta, e ela pareceu aliviada. "Mas você falou-me a respeito do Ser de Luz e da Irmã de rosto suave. Eles sugeriram que você devia modificar-se."

Ela desprezou as minhas palavras, com um encolher de ombros. "Oh, isso é diferente. Elas quiseram dizer que eu devia mudar as ideias que tinha a respeito dos outros; eles disseram-me para tentar aceitar as criaturas com quem agora estou em contato. Sim, eu estou a tentar fazer isso, pelo menos espero que esteja."

Ela continuou sentada, passiva, durante algum tempo; depois, sorriu. Foi a primeira expressão de prazer verdadeiramente autêntico que eu tinha visto nela, e que lhe alterou por completo a aparência. A arrogância desapareceu.

"Estou a tentar ter mais compaixão. E acho que estou a conseguir."

"O Ser de Luz vai ficar contente", transmiti velozmente, vendo uma imagem mental naquele belo rosto. "O que a leva a pensar que está a consegui-lo?"

"O facto de ainda ter permissão para vir aqui. Isso é um grande privilégio; uma alegria; um dia de festa, para mim. é penetração na luz, mesmo conquanto seja apenas uma breve fuga da melancolia."

Sorri para mim própria. Ela estava a aprender, e depressa. Observei-a, a rezar para que aquela expressão gentil permanecesse. Então, enviei uma pergunta oportuna. "O que imagina que aconteceu ao seu menino? Acredita que ele esteja trancado em algum lugar, com outros meninos desajustados?"

"Você quer dizer... com outros idiotas?" A dureza retornara. Mais uma vez, os lábios tinham-se fechado numa linha estreita.

"Sim, suponho que seja isso que quero dizer."

Ela ficou sem ideia quanto ao que dizer. A possibilidade de um tal destino para o seu filho, deixou-a vazia e sem qualquer preocupação.

"O que mais poderia estar-lhe reservado?"

Agora foi a minha vez de ficar realmente abalada.

"Mas ele deixou o corpo físico. Ele está vivo no seu corpo espiritual. E apenas o seu cérebro era deficiente, não a sua alma."

A Senhora ficou tão obviamente surpreendida com a teoria que eu fiquei surpreendida como é que ela, uma pessoa tão inteligente, nunca ter imaginado a possibilidade de qualquer transformação.

"Você quer sugerir (ela agora estava a aventurar-se cautelosamente em tal ideia antes nunca experimentada) que o meu filho poderia estar lúcido, agora?"

"De facto estou", respondi, procurando dar ênfase ao que dissera. "Tão lúcido quanto você ou eu. Por que não?"

Ela ficara muito quieta.

"Lúcido, disse você? Quer dizer, capaz de pensar?"

"Sim, naturalmente. Capaz de pensar, raciocinar e (deliberadamente) recordar."

Agora eu sabia que as palavras estavam a ser-me pingadas na minha consciência, pelo Irmão da Luz, em pessoa, ou pelo Menino. A expressão dela mudou. O sorriso desapareceu; até mesmo a dureza desvaneceu-se. No princípio ficou incrédula; depois, a ansiedade nublou-lhe as feições e intensificou-se, transformando-se em medo.

"Ele poderia lembrar-se da vida que teve na terra?"

Fiz um sinal de assentimento. Ela ficou ali sentada, imóvel, durante algum tempo. Por fim, apenas a sua apreensão foi revelada pelo torcer nervoso dos seus dedos longos e finos.

"Ele lembrar-se-ia da sua mãe, de mim?"

"Naturalmente que ele se lembraria de você", apressei-me a confirmar. "Ele amou-a."

As mãos ficaram subitamente imobilizadas. "Como poderia ele ter-me amado? Eu odiei-o. Ele era uma censura para mim, um constrangimento."

Mais uma vez, fiquei sem saber o que responder. A única coisa a fazer era deixá-la sozinha com as suas ideias e com o horror dos seus temores. Pouco depois a mente dela alongou-se à procura da minha, novamente.

"Eu não consigo entender", disse ela. Pôs-se de pé e começou a caminhar pela sala, mantendo o rosto desviado do meu.

"Se eu perguntar à Irmã, se eu descobrir que isso é verdade... Um momento mais tarde a emoção dominou-a. "Suponha que seja verdade? Suponha que agora ele saiba. Quero dizer, tenha conhecimento a meu

respeito, saiba de tudo." As mãos dela ergueram-se a esconder o rosto que já não estava mais oculto pela máscara de arrogância e do orgulho.

"Ah, Deus, não permita que isso aconteça! Eu mal acabo de passar por uma provação. Não me coloque outra diante de mim! Não o meu filho! Não ainda, ah, não ainda. Tenha piedade..."

Eu estava calada, a compaixão a intensificar-se dentro de mim. Esta pobre criatura e os seus fracassos. Comecei a pensar nas minhas próprias omissões de compaixão. Eu também tinha falhado tantas vezes, talvez não da mesma forma que ela, mas de outros modos e às vezes de forma lamentável. O confronto jamais seria fácil para todos nós. Esta aplicação pessoal da verdade deixou-me visivelmente abalada. Enquanto humilde escrevente desta saga de vida e morte, quanto eu não estava igualmente a aprender!

A compreensão foi esmagadora. A verdade - eu vi era universal, não particular. Cada um de nós deve carregar uma folha corrida enodoada, que num determinado momento é apresentada para verificação. Agradeço a Deus pela luz e pelo amor que me tinham sido mostrados na evoluída alma Cristocêntrica do Irmão. Tentei orar por esta pobre criatura transviada, por mim mesma e por aqueles que amei. Quando, por fim, recobrei a calma, vi que a Senhora se fora.

Alguns dias mais tarde

Naquela noite o pianista André Tchaikovsky, polaco de nascimento, estava a tocar Fantasias no programa "Música no 2", na televisão B.B.C. 2. As três Fantasias eram de Mozart, Schumann e Chopin. Sintonizei o programa, apaguei as luzes e acomodei-me para apreciar a beleza da execução. Foi uma experiência maravilhosa; a beleza da música arrebatou-me e os enfoques do teclado e das mãos do pianista deixaram-me perplexa. Era fascinante observar a concentração total do executante e a unidade que tinha com o instrumento e fiquei tão envolvida que foi só perto do final do programa que percebi que tinha uma visitante e que aquela tinha sido uma assistência composta por duas ouvintes.

Isto por ter percebido que a Senhora estava sentada na cadeira em frente à minha. Apresentava-se trajando o estilo de vestido de seda grossa; ainda tinha uma aparência altiva e pitoresca igual à anterior, só que agora a postura traía a profunda tensão dos seus pensamentos. Tinha os olhos fechados, o corpo ligeiramente curvado e chorava.

É a música disse a mim própria. A música tinha sido executada com tal sentimento e beleza tão extrema que a comovera até às lágrimas. Pobre alma – pensei – ela deve sentir-se no céu ao escutar de novo a harmonia dos sons, uma vez que está condenada, pelo seu próprio ego, a viver num ambiente sórdido, entre a balbúrdia de entidades infelizes e rancorosas, ainda em luta consigo próprias e com as misérias que mereceram. Como a sua fora uma alma sensível, de musicista, devia recuar diante da falta de harmonia lá existente, em contraste com a maravilhosa harmonia daqui. Tinha deixado que as emoções ficassem tão ligadas à minha infeliz visitante que só escutei parcialmente o final da Fantasia de Chopin.

Quando o programa terminou, desliguei o aparelho com um gesto automático, tornei a sentar-me e esperei pelo que pudesse suceder em seguida. "Ajudem-na", orei, sem palavras. "Ajudem-na. Por favor, ajudem-na."

Ela ficou calada durante algum tempo; depois, sempre a conservar as mãos diante do rosto, rompeu num pranto incontrolado.

"Ah, Deus", os pensamentos dela inundaram-me clara e tristemente a consciência.

"Ele sabe! O meu filho sabe!"

A Senhora começou a balançar-se de um lado para o outro, num paroxismo de dor.

"Não consigo suportar isso! Jamais poderei encará-lo de novo! O que foi que eu fiz? Que crime terrível cometi contra esse menino, esta criatura indefesa que foi o meu filho, que eu dei à luz. Estou tão envergonhada. E como será quando nos encontrarmos? Pois a minha Irmã de Luz já me disse que nós nos encontraremos! E ele já não está doido. Ele está perfeito e lúcido e está na Luz, enquanto eu me encontro na escuridão. O que haverá ele de pensar de mim? Censurar-me-á? Odiar-me-á? Ah, Deus, porque não fui avisada? Contudo, teria eu dado ouvidos? Eu jamais acreditaria!"

Ela ficou em silêncio, a chorar mais no seu íntimo do que exteriormente, mergulhada na mais absoluta desolação, sem esperança ou conhecimento, afogada nas grandes ondas de emoção que a submergiam.

"Se ao menos eu tivesse sabido. Ah, Deus, se eu pudesse ter sabido que a Tua Lei não escolhe ninguém. Se ao menos eu tivesse sido compassiva."

Eu estava muito comovida. A mulher imperiosa e arrogante desaparecera; aqui estava a alma despertada para o seu próprio julgamento; aqui estava o remorso, mas aqui estava igualmente o medo. O que poderia eu fazer em face de tal tragédia? Eu, que ainda estava encarnada e que era falível? Tentei pensar por palavras, numa prece, num hino, num salmo, mas no princípio nada me veio à mente.

Eu estava a começar a ficar envolvida pelo pesar dela e carregada pela sua onda de emoção. Eu sabia que esse não era o meu papel, mas não tinha mais forças para me livrar da maré de emoção que nos estava a submergir às duas. Senti-me absolutamente inadequada e embora tentasse conseguir uma imagem da alma avançada que era o filho dela, que sentia somente compaixão, tinha a tela da mente estava nublada pela emoção.

Isto era inútil. A Senhora não tinha perceção da minha presença. Estava isolada no seu remorso, embrulhada numa teia de temor, existindo somente na agonia do espírito. Eu estava a identificar-me com ela de uma forma demasiadamente apaixonada, e também estava a identificar-me com os meus próprios fracassos passados. Estava a deixar-me arrastar para perto demais da sua mágoa e estava a unir-me a ela. E por isso compreendi que estava a fracassar! Não servia para aquela função. Isto porque estava a deixar que a minha personalidade fosse perturbada e, desse modo, tornasse impotente a minha consciência mais elevada. Eu estava a ser arrastada para a obsessão do terror dela e estava a perder o controlo de mim própria.

A compreensão chegou como um choque. Subitamente, a verdade surgiu diante de mim; eu estivera completamente sozinha; tinha-me sentido desligada; a evidente veracidade deste terror era como uma rede que me arrastava para o mundo dela. Eu sabia que precisava orar, mas a minha mente não conseguia pensar nas palavras. Fisicamente, eu tremia.

Muito devagar, uma melodia muito amada, recordação de tempos passados, tremeluziu na minha mente, como se um órgão a tocasse numa igreja muito distante; então, as palavras filtraram-se na minha consciência e eu repeti-as, corretamente ou não isso eu não sabia nem me importava. Mas eram palavras, poderosas palavras de invocação:

Amor Divino, superior a todos os amores
Alegria do Céu, desça à terra
Coloque em nós, Tua humilde morada,
A Coroa da Tua constante misericórdia...

Essas foram palavras de invocação ao Espírito do Cristo, um apelo a toda a profundidade e amplitude do Amor Divino. Fora, na verdade, uma prece, um pedido de ajuda.

E a resposta foi quase imediata. Uma onda de paz pareceu infiltrar-se na sala. Senti uma indescritível vibração no meu plexo solar enquanto era arremessada para fora do tumulto da emoção. De algum modo, retornei para dentro de mim própria; o perigo passara. Conscientemente, relaxei; os nervos e os músculos foram aquietados, a pulsação do meu sangue foi acalmada, o pensamento foi silenciado. Deixei até mesmo de tentar ajudar. Estava de volta a mim própria, a observadora, a amanuense, por vezes o catalisador; estava no meu lugar certo, a salvo e já não mais carregada num torvelinho de emoção, rumo às rochas e escolhos à frente.

Foi então que me tornei consciente da mudança na atmosfera, até mesmo antes que a minha mente interior tivesse perceção da presença do Menino. Ele estava de pé ao lado da sua mãe terrena, uma figura de luz e de amor, e a radiância que emanava dele tremeluzia em torno dela.

A Senhora não conseguia vê-lo, disso estava eu instintivamente certa, mas ela estava tocada pela potência do amor que irradiava dele. A sua alma foi acalmada por ele e pela força imensa que inundava a sala. Enquanto observava, agora segura de mim própria e segura da proteção de Deus, as palavras de um outro hino, que conhecera muito bem quando no Canadá, assomaram à minha mente. Com reverência e completamente despida de qualquer emoção pessoal, surpreendi-me a citá-las de maneira errada:

Abre-me os olhos para que eu possa ver,
Tu reservas-me visões da Verdade...

Aquilo soou inadequado; não era uma prece por mim própria, embora eu sentisse que tinha experimentado alguns aspetos da verdade. Senti que aquelas palavras eram para ela, eram o que aquela pobre criatura necessitava para ter os olhos abertos a fim de poder "ver" de verdade.

Então, em profunda meditação, deixei que todo o problema fosse afastado de mim. Ele seria solucionado nos planos do espírito, planos

muito distantes do meu reconhecimento. Eu era apenas a testemunha e a amanuense.

Quando, mais tarde, retornei à minha consciência quotidiana, a Senhora tinha ido embora. O Menino, porém, permanecera.

"A minha mãe está a progredir", veio o pensamento dele. "A mente dela vai ficar clara e olhos dela abrir-se-ão à medida que ela for tomando consciência do meu amor e já não temer o meu juízo. Pois o amor abre o caminho, minha amiga.. amor e coragem para enfrentar o erro.

Com isto, ele desapareceu.

Dois dias mais tarde liguei o meu aquecedor elétrico durante a tarde monótona e uma face brilhou para mim, por entre os carvões artificiais. O meu aquecedor é um do tipo que apresenta imitações de toros ou pedaços de carvão iluminados por uma lâmpada, que fica por baixo deles, para imitar uma lareira acesa; as barras de aquecimento ficam por baixo dos carvões. Pequeninos dentes de engrenagem, que ficam a girar sob o "combustível" artificial, provocando uma cintilação, como se o fogo estivesse realmente a arder.

Entre os "carvões", porém, havia um rosto. Fiquei com os olhos cravados nele durante muito tempo. Aqui devo admitir que muitos possuem a faculdade de discernir rostos em quadros e, por vezes, em árvores, nas veredas do campo. Por vezes atrevi-me a apontar tais rostos e outros foram igualmente capazes de vê-los. Mas este era um lugar muito incomum para "ver" com outros olhos. Pois entre os pequenos montes de carvões iluminados havia um semblante de tal extrema beleza que, enquanto eu olhava, um estremecimento percorreu-me o corpo.

Era uma face jovem, mas ainda assim tinha uma aparência de eternidade. Os olhos eram profundos e bem separados; os ossos malares eram altos e a testa ampla. Aquele rosto não parecia completamente masculino nem absolutamente feminino; podia pertencer a qualquer dos sexos. A expressão era serena. Como se fosse uma fita, havia uma faixa de luz sobre a testa e no centro, diretamente sobre a raiz do nariz, havia uma esfera dourada que fulgurava até mesmo no esplendor do semblante.

Várias vezes desviei o olhar e depois tornei a dirigi-lo para o fogo; o rosto continuava lá; gradualmente, ele tomou a aparência do rosto idílico de um jovem, embora ainda conservasse a beleza feminina. Os olhos

pareciam fixar-se diretamente em mim, com um interesse profundo e penetrante.

O Irmão de Luz — foi o pensamento que relampeou na minha mente. Sim, decidi, esse é o rosto que foi impresso na minha consciência interior, durante as conversas que tivemos. Esse é o semblante de um ser superior, de um mensageiro do Cristo, de um membro do Grupo de Luz, um rosto que é eterno, angélico e compassivo, apesar de enérgico. A luz sobre a sua testa era mais brilhante do que qualquer lâmpada elétrica e parecia transmitir-me tanta força que, mesmo seguindo este ser até as Terras das Sombras, ainda assim me haveria de sentir tranquila e protegida.

Pois ele é um canal –- chegou-me o pensamento imperioso -- um canal para a luz, e como tal carrega consigo a paz, O Irmão de Luz é um canal para a luz, um pastor de ovelhas, um trabalhador entre os fracos e os pecadores. Como deve ser gloriosa a esfera do espírito, onde ele habita e serve o Mestre Divino! Como deve ter sido longa e árdua, no entanto, como deve ter sido compensadora a sua jornada para cima, para a luz; e que exemplo de esperança, de coragem e de fé, para nós que lutamos ao longo do Caminho.

O rosto permaneceu ali por muito tempo. Depois, ainda consciente da sua presença adorável, tive autorização para anotar a sua mensagem. Assim que ela foi completada, o rosto desvaneceu-se em manchas, sobre os carvões.

"Minha amiga", começou ele, no seu jeito habitual, "embora a sua experiência com a visitante vinda das Sombras tenha sido assustadora, ela serviu para um objetivo útil, no sentido de que pode ser um aviso para si, enquanto transmissora destes acontecimentos, e para aqueles que lerem estes relatos que poderiam ser tentados a fazer tal trabalho de 'salvamento' por sua própria conta. Pois ela ilustrou o facto de que qualquer contacto com aqueles que habitam (mesmo que temporariamente) nas regiões tenebrosas oferece riscos iguais ao que você sofreu.

As paixões e emoções destas entidades são poderosas e, quase sempre, por demais potentes para o experimentador ou até mesmo para o 'fazedor do bem'. Isto porque estas entidades podem, e com frequência o fazem, agarrar-se às mentes dos outros, especialmente daqueles que ainda estão no mundo terreno, arrastando-os para o turbilhão das suas próprias emoções, temores e terrores, assim como para os seus apetites

insaciáveis. Esta é a origem inicial da 'obsessão' e da 'possessão', estados que alteram as personalidades das suas vítimas, tornando-as impotentes para resistir à tentação e ao mal.

"No seu caso, a simpatia e a reação emocional descontrolada diante da mãe do Menino, no seu trágico despertar, arrastaram-na para dentro da aura dessa entidade, onde ela poderia obter forças que extrairia da sua parte. Isto teria significado a perda da sua própria identidade (mesmo que apenas temporariamente), e teria significado desastre não só para o seu próprio progresso mas também para o trabalho que você tem que realizar.

A lição a ser aprendida é dupla. No serviço de cura, a personalidade (e isso subentende as emoções), não têm qualquer papel a desempenhar. Curar é apenas uma extensão do espírito; por conseguinte, o desligamento da emoção astral e da armadilha do sentimentalismo é essencial no futuro curador e auxiliar.

Em segundo lugar (e mais importante no seu caso), esta foi uma rendição ao fascínio, ao deslumbramento de tentar libertar e curar esta pobre entidade. Isto, infelizmente, obscureceu o propósito real do seu trabalho, que é o de registar e testemunhar. Você foi salva pelas palavras de invocação que o hino que foi relembrado através da sua memória continham. É preciso salientar, mais uma vez, que a prece, a meditação e a invocação, formam o canal para todo o tipo de auxílio. A prece é o uso do canal para estabelecer contacto com o Espírito Santo (Deus); quaisquer efeitos resultantes são dependentes do poder desse Espírito, somente.

"Para aqueles que desejam fazer experiências, aqueles que estão deslumbradas pelo fascínio de 'fazer o bem' nos mundos astrais inferiores, os perigos são irresistíveis. Na verdade, estão a aventurar-se numa cova de leões, sem uma guarda de prontidão que neutralize um ataque caso uma das feras se torne malévola.

Nenhum auxiliar que trabalha nesses planos do espírito, por mais experimentado que seja, tem permissão para entrar no Mundo das Sombras sem um Irmão mais evoluído, que seja participante do Grupo de Luz; ou sem o conhecimento da preparação da verdadeira prece e sem técnica de proteção. Reze para que estas pobres criaturas rancorosas possam encontrar paz e ser conduzidas para a luz; mas deixe em mãos mais eminentes os meios para que elas o consigam.

"Hoje, no mundo terreno, um grande perigo se aproxima. A humanidade alcançou um estágio, na sua evolução, em que está a entrar na consciência da Quarta Dimensão.

Isto é evidenciado pelo avanço no alcance da mente dos homens e pelo interesse com respeito ao problema do tempo, à exploração do espaço e às experimentações deitas com a telepatia, a precognição, a perceção extrassensorial e a sobrevivência da personalidade após a morte do corpo físico. A mente do homem agora está a estender-se à exploração do seu corpo de energia, o corpo etérico invisível; e para alguns a consciência além do plano físico será uma consequência natural.

"Mas é aqui que reside o elemento de perigo. Isto porque, na projeção da consciência assim obtida e na primeira arremetida rumo aos Planos Espirituais, o mundo astral dos mortos' tornar-se-á mais acessível ao contato. Isto inclui o mundo astral de ignorância e trevas, com as suas criaturas desprovidas de iluminação, que vagueiam em busca das paixões e dos prazeres da terra, que agora lhes são negados; inclui, também, aquelas regiões mais elevadas de paz e harmonia, onde almas avançadas conduzem peregrinos sempre para a frente e para os planos de progresso intermediários.

O perigo que você desafortunadamente testemunhou, pode ser encontrado nas lamentáveis 'obsessões' daqueles que foram capturados pelo fascínio das visões narcotizantes, daqueles que já se viram furtados das suas personalidades pela aderência parasítica de entidades possessivas, do astral inferior. Não obstante, a evolução progride, Deus seja louvado, e a luz está a jorrar sobre o trabalho de Seres avançados e de Mestres da Sabedoria que estão a preparar grupos de exploradores espirituais para prosseguirem nesta grande aventura.

"Por conseguinte, nesta era que se aproxima é necessário ter cautela. A sua própria experiência e o nosso aviso ilustram a sutileza de tais perigos. Preste atenção e esteja preparada e protegida pela vida interior de prece e de contemplação do Divino Espírito Criativo, ao alinhar os seus esforços dentro da luz de Cristo."

Na noite seguinte, enquanto eu estava sentada a ler a minha concentração foi interrompida por aqueles sinais que agora já me eram familiares. Havia uma "visita" na sala. Ergui os olhos do livro e lá na poltrona, à minha frente, sentava-se a velhinha que tinha sido minha inquilina. Ela estava a sorrir alegremente.

"Olá! Você voltou de novo?", transmiti velozmente, surpreendida com o seu retorno, uma vez que já me tinha convencido de que ela se fora para sempre.

"Voltei", veio o pensamento-resposta célere, "porque tenho uma coisa importante a contar à senhora. Uma coisa importante!"

"Algo bom, espero eu, não?", inquiri.

Esboçou um sorriso muito amplo; de facto, a sua expressão era completamente diferente daquela da velha criada melancólica que tinha habitado o meu chalé durante tanto tempo. Ela mostrava-se serena. Senti que o seu olhar mostrava "satisfação".

"Bom? Mais do que bom!" Ela fez uma pausa para enfatizar a maravilha que estava para revelar. "Eu encontrei o Menino. O nosso Menino!" O seu olhar deixou transparecer o temor respeitoso com que ela se teria defrontado com a Rainha.

"E ele está normal, está mesmo! Normal como a senhora e como eu!"

Isto deixou-me divertida, pois lembrei-me de que certa vez ela me julgara um fantasma. Senti-me deveras aliviada por saber que agora estava "normal".

"Você quer dizer que agora ele está diferente? Que já não é..."

Recolhi o pensamento, remodelando-o numa linguagem que ela entenderia.

"Que ele já não é... bobo?"

"Bobo? Ele?"

Aqui os olhos da velhinha se escancararam e brilharam de felicidade.

"Ora, ele é um príncipe! Isso é o que ele é. Um príncipe! E está lindo! Ah, e pensa e fala como a senhora e como eu!"

Por um instante tive curiosidade de saber o que o Menino sentiria diante desta declaração. Pessoalmente, eu jamais poderia falar como ele falava agora.

"E não reside perto de nós", continuou ela, toda entusiasmada.

"Ouço dizer que ele vive num palácio, em algum lugar."

Ela parecia estar meio confusa.

"Mas ele veio mesmo visitar-me. Ah, meu Deus, eu fiquei tão espantada, embora diga à minha mãe que já não me espanto muito diante das coisas que acontecem. A senhora vê, sucedem muitas coisas parecidas com essa, quando a gente está morta. Coisas assim como encontrar a minha mãe, o meu pai e a minha irmã que morreu quando o bebé dela nasceu; e ver que não existem anjos com asas, conforme aprendi na catequese. Saiba que eu gostaria de ver anjos e harpas... de algum modo, a gente sente falta deles. Interroguei o Menino com respeito a eles e o Menino disse que havia anjos -- ele chamou-os Seres – só que sem asas; de qualquer modo, porém, eles estavam muito longe dali. O Menino disse que Eles brilham como anjos."

A velhinha refreou abruptamente a alegria das reminiscências do seu céu e retornou ao assunto.

"O nosso Menino, ele também brilha como esses tais Seres. Ele é lindo e gentil. Disse-me que sabia que eu o amei e cuidei dele; disse que sempre soube realmente; só que foi somente depois que chegou", a velhinha hesitou, "bem... foi depois que chegou aqui que entendeu; depois que ficou... ficou curado, suponho eu."

Ela calou-se de novo. Tinha o rosto radiante.

"Minha senhora, ele agradeceu-me! O jovem Senhor agradeceu-me! Ele fez isso. E isso deu-me vontade de chorar, embora agora esteja contente por ter cuidado dele da forma que devia. Eu disse que sentia muito por ele ter se afogado, mas ele falou que estava tudo certo, que isso tinha que acontecer. Às vezes ele fala com muito talento e eu não entendo bem o que diz. Mas ele disse que agora tinha esquecido isso e que, de qualquer modo, deste lado era bem melhor. Imagine só, minha senhora! Imagine só, ele estar normal e tudo o mais."

"É maravilhoso", concordei. Estava comovida diante da sua maneira simples de aceitar tais milagres. Querida almazinha, ela de facto "encontrara a sua morada". A ideia desviou-se-me por um momento, enquanto eu refletia sobre o problema, bastante óbvio, que logo deveria surgir -- da Senhora. Quase no mesmo instante, a velhinha captou a minha pergunta.

"E ele sabe tudo sobre a patroa, sua mãe. Sabe que ela tem estado nas Sombras. E tem pena dela, minha senhora... da sua mãe, que o odiou. Eu poderia ter desmaiado ao ouvir isto!"

O Menino é uma alma muito avançada", foi a resposta espontânea que relampeou na minha mente; porém, compreendendo que ela não entenderia o significado disto, formulei a ideia de maneira diferente. Precisava mantê-la em comunicação.

"Então ele perdoou a mãe? Que maravilha!"

A velha criada assumiu uma expressão solene. "Sabe o que mais? Ele ama-a, depois de tudo o que ela lhe fez. Ele ama-a! Imagine!"

A velhinha ficou em silêncio por um instante, ainda assombrada por essa revelação.

"Ele disse-me que tudo estava acabado e esquecido. E que queria ajudá-la. Ajudá-la? Quando ela nunca o ajudou! Imagine só! Ele é um santo ou um anjo, estou certa disso."

Com que então, ela não era tão obtusa; mesmo com a sua perceção limitada, era capaz de apreciar uma alma nobre. Fiquei a aguardar.

"E o que a senhora pensa que ele me disse? Que eu também precisava perdoá-la. Eu? Ele disse que isso a ajudaria a 'prosseguir' e que me ajudaria a mim também!"

Enviei um pensamento forte, desejando que a velhinha fosse capaz de realizar esse ato de amor.

"Se ele é capaz de a perdoar, a senhora também pode", disse, procurando estimulá-la.

"Eu? Depois de tudo o que ela fez? Depois de a odiar anos a fio?"

A velhinha sacudiu a cabeça com tristeza.

"É isso que é engraçado a respeito de estar morta. A senhora tem que perdoar as pessoas."

Refleti sobre isso, pedindo, mentalmente, as palavras certas a empregar. Elas pareceram relampear dentro da minha mente; fiquei uma vez mais a saber que estava em contacto com alguém maior do que eu.

"Sim, você, minha cara, já encontrou o seu caminho. Foi guiada para aqueles que a amam, não foi? Certamente você é capaz demonstrar gratidão perdoando essa pobre criatura, tal como o filho dela o fez. Além do mais, provavelmente agora ela está muito arrependida."

Ter chamado aquela Senhora de "pobre criatura" pareceu divertir a antiga criada. Eu estava a começar a descobrir que a minha "velhinha"

era muito "normal", na nossa aceção terrena da palavra; e que, além disso possuía um senso de humor básico que era por demais gratificante.

"Credo! Isso tê-la-ia levado a arder de cólera se ela ouvisse!", veio a resposta, bem humorada. "Uma pobre criatura? Isso não parece possível; mas há tantas coisas que agora não parecem possíveis. Ela, com as suas roupas luxuosas e as suas maneiras nobres! Mas tem razão, minha senhora. O nosso Menino disse as mesmas coisas. Eu tenho que ser grata, Ah, eu vejo isso."

"Você vai tentar ser bondosa com ela?", perguntei.

A sua decisão veio lentamente, quase com relutância. "Tentarei, senhora. Eu disse isso ao Menino. Eu disse que vou tentar."

Depois, com o mais leve dos sorrisos, acrescentou:

"Afinal de contas, não vou ter de fazer aquilo que ela mandar, nunca mais!"

A velhinha ainda era muito humana! Portanto, a personalidade sobrevive à morte, mas para ser modificada, refinada e suavizada pelo amor.

"E você ajudá-la-á?"

Isso colheu-a de surpresa.

"Eu? Ajudá-la? O que é que eu posso fazer por ela?"

Mais uma vez, as palavras chegaram-me como relâmpagos.

"Você pode mostrar-lhe que o amor é mais forte do que o ódio."

A velha criada observou-me atentamente.

"Isso não vai ser fácil", admitiu, com sinceridade. "Mas eu tentarei, minha senhora. Tenho que fazer isso por amor ao Menino."

E pelo seu próprio e pelo Seu Pai, que é Amor - quis acrescentar. Isto, porém, poderia parecer um sermão. Tudo o que enviei de volta, cheia de contentamento, foi:

"Fico contente. Tudo acabará bem, você verá."

"Sim, minha senhora. O nosso Menino disse que eu tenho que me encontrar com ela, mas disse que agora ela está diferente."

Uma vez mais, o leve sorriso: "Vai valer a pena ver!"

"Estou certa de que isso tornará as coisas mais fáceis", arrisquei. "E você deseja realmente ajudá-la a sair do horrível lugar onde ela está?"

Os lábios finos contraíram-se. "Eu... eu suponho que sim. Tentarei, a senhora sabe, estou agradecida, conforme a senhora disse."

Ela calou-se, embaraçada.

"Esse é o espírito!", aplaudi; então, também sorri para mim própria. Ela percebeu, bem depressa, que eu estava a achar graça.

"É estranho ser um espírito, Senhora. Eu ainda não estou verdadeiramente acostumada com isso. Mas é melhor estar aqui do que na terra. É até melhor do que estar no meu chalé, a senhora que me desculpe."

"Deus a abençoe!" O meu pensamento revestiu-se da maior sinceridade.

"Não sei se vou poder voltar outra vez, minha senhora. Eu só lhe quis falar dele, da patroa e de mim. Estou feliz, minha senhora. Espero que compreenda que agora estou feliz."

"Graças a Deus", murmurei, para mim própria. Mas não sei se a velhinha registou este pensamento. Ela já tinha ido embora.

O OBJETIVO REALIZADO

Em janeiro de 1973 tive que sofrer uma operação no quadril e fiquei num hospital e numa casa de saúde durante cerca de seis semanas. Aquilo foi uma provação, e, embora o meu corpo cicatrizasse rápida e perfeitamente, descobri que não era capaz de me concentrar em nenhum assunto, nem mesmo por pouco tempo. Por conseguinte, descobri que era impossível escrever e por isso este livro de histórias foi posto de lado. Na verdade, à medida que a primavera avançava comecei a pensar que todo o projeto seria arquivado. Talvez eu tivesse interpretado mal o meu papel de anotadora, talvez tudo tivesse sido uma invenção da minha imaginação. Decidi esquecer a história até que estivesse recuperada.

Contudo, não me foi permitido esquecê-la de todo. Isto porque uma noite, no final do mês de março, a "atmosfera" do meu chalé elevou-se para uma luz e uma paz que me fizeram entrar num estado de repouso; e eu soube que a alma superior, que eu conhecia como Irmão de Luz, estava a entrar em contacto com a minha mente. Apanhei um caderno e registrei os pensamentos dele.

"No momento, cara amiga, o canal da sua mente parece estar estrangulado e o seu trabalho como anotadora deste drama astral, do qual você tem sido testemunha, deu-lhe a impressão de ter sido arquivado. Contudo, tal não acontece. O drama de remorso da Senhora está a desenrolar-se num nível de consciência além do tempo conforme você o concebe; e a sua parte mais elevada, a sua alma, tem estado em contacto com esta entidade, até mesmo durante estas semanas em que os esforços aparentemente cessaram.

"Nada pára minha amiga; tudo está em contínuo progresso. Tudo é evolução, no seu mundo terreno de matéria densa, em todos os níveis de consciência e até mesmo no Divino estado de aparente inatividade. Assim sendo, embora para si nós não tivéssemos estado num nível de comunicação, isto é, no seu nível 'consciente', não tem havido perda de esforço, não tem havido cessação de progresso.

Tudo tem continuado a caminhar, em ordem. Com o retorno da força física e da confiança mental, você estará capacitada para reassumir o trabalho e registar como anteriormente. Só que agora, talvez, depois dos seus próprios sofrimentos, você fará isso com uma perceção mais intensa, com um sentimento mais nítido, de dedicação e com uma compreensão maior da utilidade e do objetivo do canal."

Nada mais foi transmitido, mas eu senti-me confortada e elevada. O trabalho ia prosseguir; na verdade, estava a prosseguir. Eu só podia ficar da inatividade, esperar e lembrar-me que o tempo não existia e a evolução era incessante.

18 de abril

Como o meu canal de perceção tivesse sido fechado, muito tempo já se passara desde a última vez que eu acrescentara a este registo o relato de qualquer experiência. Eu não tinha nenhuma perceção de quaisquer "visitas", no meu chalé, vindos de um outro mundo. Estava privada da inspiração tão necessária a um escritor e, consequentemente, a vida (vida criativa) estava morta em mim. Eu tinha-me tornado vítima daquela depressão tão temida pelo escritor, o período de repouso temporário, sem semeadura da terra.

Houve, porém, uma experiência que eu ainda guardo na memória e que se intromete com frequência nos meus pensamentos. Foi a lembrança de um contacto doloroso, que ocorreu apenas dois dias antes da minha entrada no hospital, em janeiro; um contacto que teve lugar à luz do dia, a meio da manhã, e que eu não tivera oportunidade de registar.

Habitualmente, quaisquer "visitas" aconteciam durante as primeiras horas da noite, quando eu estava tranquila e livre das tarefas domésticas. Mas esta estranha "sintonização" acontecera perto das onze horas da manhã, quando eu estava ocupada com as minhas obrigações domésticas.

Repentina e inexplicavelmente, o meu humor tinha caído da paz para a angústia. Inquieta, caminhei de um lado para o outro na minha sala ensolarada, pois o dia era brilhante para um dia de janeiro e a luz pálida do sol entrava e manchava a minha mobília de dourado. Sentia-me infeliz, tão infeliz que as lágrimas brotavam dos olhos. Sentia como se toda a substância do meu mundo tivesse sido apanhada por alguma terrível e monstruosa tempestade e desaparecido de sob os meus pés, de modo que eu já não conhecia o firme conforto da Mãe Terra, mas estava equilibrada em algum ponto do espaço, perdida, perplexa e amedrontada. Dei por mim a dizer:

"Por favor, ajudem-me! Por favor, ajudem-me! Estou com medo. Estou perdida! Não posso mais suportar isto. Tenho remorso de tudo o que fiz. Foi tão horrível e sinto-me miserável. Ah, Deus, se é que existe um Deus, perdoa-me!"

Então soube que este era um contacto com a mente da Senhora. Não que esse conhecimento fizesse muita diferença, mas a tensão relaxou um pouco. A pobre mulher parecia ter-se insinuado até mesmo na minha aura, e eu fora igualmente possuída pelo seu remorso. Foi uma experiência medonha, pela qual não desejo passar novamente. Foi unidade com a alma em tormento; foi miséria partilhada numa extensão tal que eu também confessei as minhas próprias faltas e, junto com ela, pedi perdão a Deus. Ajoelhei-me ao lado da minha cálida lareira e derramei a minha alma, juntamente com a dela, entregando-me à mercê do Criador. Surpreendi-me a rezar por ela, por mim e por todos os pecadores.

Pouco tempo depois ergui-me e, ao ir até a estante de discos, selecionei um que era o meu grande favorito e que me tinha sido emprestado por uma amiga. Era a Música Sagrada, de Elgar, tocada e cantada pelo coro da Catedral de Worcester. Suavemente, as vozes dos meninos, na bela Ave Verum, encheram a sala. Isso acalmou-me e a angústia da última meia hora dissipou-se. Sentei-me, fechei os olhos, e falando em sussurros recitei o salmo vinte e três.

"Ajudem-na", implorei, agora sabendo que estava livre deste pesadelo de remorso. "Ajudem-na a encontrar a Luz."

Tive a impressão de que um longo período de tempo se passou antes que eu recuperasse o suficiente para me levantar e dar prosseguimento às minhas tarefas. Finalmente, porém, a atmosfera clareou, o pobre e inquieto espírito foi-se e eu acendi um cone de incenso. Devo escrever isto, disse a mim própria, enquanto tudo ainda está fresco na minha memória, pois isto é importante. É um passo, de uma alma errante, no retorno para o Pai; é a purificação de uma personalidade, conforme a alma a chama para a luz.

Naquela noite, quando eu mal acabava de me sentar para anotar a minha experiência da manhã, a campainha do telefone soou. O chamado era do hospital. "A senhora pode internar-se daqui a dois dias?", perguntou uma voz agradável. "A sua operação terá lugar um dia depois."

As notícias colocaram um ponto final na minha intenção de escrever. Fiquei por demais atarefada, a telefonar, a escrever bilhetes e a arrumar as minhas malas, para encontrar tempo para colocar as minhas recordações no papel; além do mais, a minha mente estava a enfrentar o seu próprio tumulto. Agora eu estava cara a cara com a minha própria provação.

A agonia da Senhora não foi registada e até este momento, três meses mais tarde, afastei-a resolutamente do meu pensamento. Talvez tenha sido melhor assim; o tempo suavizara o impacto e, conforme o Irmão da Luz me tinha informado, a penitência da Senhora seguira o seu curso e agora, sem dúvida, seria menos dolorosa.

Domingo de Páscoa

Voltei para casa à tarde, depois de uma visita a uma amiga. O tempo mostrava-se frio e húmido e o céu estava escuro. Lá pelas sete horas eu encontrava-me confortavelmente abrigada numa poltrona, diante do aquecedor elétrico, no canto da lareira; tinha as cortinas corridas para esconder o anoitecer tristonho, e tinhas as lâmpadas acolhedoramente acesas.

Apanhei um livro que tinha começado a ler e deixei-me absorver nele. Senti-me relaxada e em paz. Dentro em breve, porém, uma sensação de algo intencional atravessou-me furtivamente a mente, e perturbou-me a concentração. Deixei o livro de lado e entreguei-me à atmosfera de amor

e beleza que inundava o chalé. O Irmão de Luz pensei, com gratidão; e repousei na alegria e na unidade da sua presença.

Não houve comunicação. A minha mente nada registou, nada além da sensação iluminada da sua consciência expandida. O meu caderno de anotações permaneceu intocado. Pensei numa amiga cuja mente estava em confusão e pedi que o conforto deste amor pudesse ser-lhe transmitido. Eu estava imóvel, em silenciosa comunhão.

Lentamente, tive perceção de que um outro visitante se tinha focado na sala de estar do meu chalé. A Senhora! Ela está aqui. Ela voltou.

Estes pensamentos relampearam na minha mente e com alguma agitação, relembrando a agonia do último contacto com ela. Gentilmente, de uma forma quase impercetível, ela tornou-se visível para a minha visão interior. Estava sentada na poltrona oposta à minha, uma aparição muito diferente da entidade perturbada que se tinha ajoelhado comigo, e chorado o seu remorso, naquela memorável manhã de janeiro.

Ela parecia calma e embora ainda desse a impressão de usar um vestido de seda grossa, como era moda no seu tempo, a vestimenta já não era negra e desprovida de quaisquer toques mais claros, tal como as que eu vira antes. Agora ela parecia estar vestida de azul, um profundo azul de meia-noite, que brilhava quando ela se movia, como se estivesse respingado de ouro. Ela é muito bonita pensei, sentindo uma mudança sutil ao redor da Senhora. E aguardei.

Tão logo a minha atenção ficou completamente centralizada nela, a Senhora começou a transmitir-me as suas ideias. "Fui trazida a vê-la," começou ela - e a arrogância tinha abandonado o seu pensamento. "Disseram-me que você compreenderia."

"Compreenderei", transmiti em resposta, velozmente, "pois também passei por uma aflição e por uma purificação."

"Uma purificação?" Ela pareceu saborear o significado da palavra.

"Eu suponho que é assim que você poderia classificar as minhas próprias experiências... uma purificação."

Fiquei em silêncio, a aguardar novas informações. O Irmão de Luz estava agora percetível para a minha visão interior; estava parado atrás da Senhora. Não obstante, era óbvio que ela não tinha nenhum conhecimento de qualquer outra presença na sala, embora a luz que dele emanava irradiasse para a sua forma.

"No entanto," disse a Senhora, meditativa, "a experiência foi mais de aceitação." Ela hesitou.

"Aceitação de quê?", insisti. Eu sabia que devia atraí-la o máximo possível. Veio-me a inexplicável impressão de ser um sacerdote ou, pelo menos, de estar a representar o papel de um sacerdote diante de uma penitente, de modo que fiquei confusa, quase contrafeita, e por isso estive na iminência de romper o contacto. Todavia, a força do Irmão de Luz manteve-me no trabalho que tinha que ser realizado. "Aceitação do quê?", repeti, embora agora tivesse a impressão de saber.

"Aceitação daquilo que fiz durante o tempo em que estive na terra."

As palavras vieram com simplicidade, da mente dela para a minha.

"Aceitação da minha própria culpa. Reconhecimento de que magoei terrivelmente outras pessoas."

"Eu também", respondi, com a tristeza de relembrar passagens difíceis da minha própria vida.

"Você?" O espanto dela era óbvio. "Mas você não está morta. Não está... deste lado. Como pode ver-se como realmente é?"

Senti o pensamento do Irmão ecoar no meu íntimo.

"Nós não temos que esperar pela morte para que os resultados das nossas ações nos sejam mostrados."

Essas foram palavras dele, não minhas; não obstante, eu também podia estremecer ante as cicatrizes da alma, que ainda doíam. Durante uns instantes a Senhora ficou silenciosa e alheada, aparentemente a analisar esta declaração.

"Se ao menos eu tivesse sabido!"

Este pensamento foi sussurrado, mas ainda assim correu pela minha alma como um gemido de aflição e desespero que deve ter ecoado através dos séculos de vagarosa evolução do homem, rumo à compreensão e à verdade.

"Se ao menos eu tivesse sabido! Creio, sinceramente, creio que poderia ter mudado. Eu poderia ter-me transformado..."

"Poderia?" Agora eu estava a seguir conscientemente as instruções do Irmão de Luz.

"Você não estava tão encerrada e envolvida no egoísmo, que nem sequer teve perceção do mal que fez?"

Ela agarrou-se a isso como um homem que está a afogar-se se aferra a um pedaço de madeira.

"Então eu não posso ser inteiramente culpada, posso?"

Esta era uma pergunta difícil. Respondi com cautela.

"Ninguém lançou a culpa sobre si. Você acusou-se, embora somente depois que os seus olhos interiores foram abertos e você 'viu'."

Ela tornou a trancar-se no silêncio e na meditação, dando-me a impressão de suspirar interiormente.

"Com isso você quer dizer... depois que fui obrigada a viver naquele lugar medonho? Você está a dizer-me que o horror de estar em contacto com outros, que nas suas vidas tinham sido duros, cruéis e até mesmo brutais, e ainda continuavam iguais, foi necessário para que eu pudesse ver-me a mim própria?"

"Talvez isso a tenha feito detestar o que viu nos outros, mas que nunca percebeu em si mesma, de modo que você desejou mudar para encontrar paz para a sua mente e a sua alma."

As mãos dela mãos ergueram-se rapidamente, para cobrir o rosto. "Eu orei", confessou ela. "Orei a Deus como nunca tinha feito antes. Pedi perdão por algumas das coisas que fiz. Eu ainda não sei se existe um Deus, ou até mesmo um Salvador, mas ainda assim orei."

Entre nós, estabeleceu-se um silêncio longo e calmo. Eu mal me permitia pensar, sabendo que a minha visitante poderia captar os meus pensamentos e estes, a todo custo, tinham que ser positivos e salutares.

Finalmente, transmiti: "E você recebeu uma resposta de Deus?"

A Senhora sacudiu a cabeça. "Não sei de onde a resposta veio."

"Ele enviou-lhe uma Irmã de Luz, até mesmo quando você acreditava estar no inferno?"

Agora ela chorava.

"Sim, é verdade. A adorável Irmã veio. Ela deu-me esperança, depois de eu ter perdido quase toda. Ajudou-me a deixar aquele lugar horrível e trouxe-me aqui, onde pude tornar a ouvir a música que amei e ver flores... e coisas lindas. E ela conversou comigo muitas vezes. Estou

certa de que ela é um anjo de Deus. Depois conheci o Irmão. Ele encheu-me a minha alma de temor, apesar de ser realmente maravilhoso. Poderá ele ser um mensageiro de Deus? Isso será possível? Ele e a Irmã poderão ter sido a resposta de Deus?"

Refleti durante uns instantes, aguardando inspiração da parte do Irmão de Luz. "Eles devem ter vindo da parte de algum Pai amoroso, para ajudá-la", sugeri. "Mas você precisava de amor e castigo. Não poderíamos dizer que eles seguraram um espelho para que você pudesse ver-se a si própria, como realmente foi, a fim de que fosse inspirada a mudar aquela imagem?"

Ela estremeceu. "Foi isso mesmo que eles fizeram. Aquilo foi como o próprio inferno. Atravessei um inferno de remorso! Nunca mais, por favor, Deus, nunca mais quero voltar para esse inferno, essa agonia de desmascaramento.'

Eu bem que podia concordar, rememorando aquela manhã antes da minha operação, em que a dor e o arrependimento dela se tinha infiltrado na minha alma e nós as duas tínhamos ficado unidas num desespero que queimou até as profundezas do meu ser.

Ela pareceu oscilar para cá e para lá e os pensamentos dela chegaram-me lentamente, com hesitação. Uma ou duas vezes ela chorou à medida que a verdade, avolumando-se dentro dela, enfatizava as suas palavras.

"Eu não sei o quanto fiz os outros sofrerem... contudo, isso talvez também não seja verdade. Isto porque eu criticava e não tinha amor, e a crueldade que existia em mim era alimentada e satisfeita quando eu via as outras pessoas contorcer-se. Conscientemente, porém, eu nunca admitiria isso. Pensava que era maltratada, que o destino estava carregado contra mim; e por isso talvez tenha desabafado o meu despeito nos outros menos aptos para revidar. Eu acreditava que era justa embora severa. Eu não podia ver."

"Nós não queremos ver. Nós recusamo-nos a reconhecer." Descobri que estava a sussurrar as palavras dolorosamente, para mim própria, pois parecia que nesta participação eu também estava em julgamento. Sabia que devia encarar as faltas ainda encobertas sob o manto do egoísmo e do deslumbramento, manto que era a personalidade com a qual eu encarava o mundo. Com esta alma perturbada, eu estava a olhar o espelho do ego.

Como se tivesse conhecimento da nossa unidade neste confronto, a Senhora ergueu a cabeça e olhou diretamente para mim.

"Então, isso pode acontecer tanto antes da morte como depois? Esse é o ensinamento da Igreja, sobre a redenção?"

"O arrependimento sempre tem sido o caminho para o céu."

Senti que esta era uma explicação imperfeita, acerca da religião, e corei, embaraçada. Imediatamente, porém, as palavras do Luminoso, que nos observava, ecoaram através de mim.

"Seria melhor, muito melhor, que o arrependimento e o renascimento viessem a nós antes da nossa libertação do mundo da matéria. Não será mais sábio livrar-se dos fardos do pecado antes que a alma deixe a sua morada de carne? Aproximar-se do estágio de vida seguinte ainda cego pela vaidade é como carrear lixo para um lindo aposento. Você fica atônita porque ao menos uma pequena quantidade da sujeira deve ser reduzida a nada antes que as portas da majestosa residência sejam escancaradas para a sua entrada? Causa-lhe admiração o facto de existirem lugares onde tal purificação deve ser levada a efeito, lugares tais como aquele que você própria ocupou?"

Conforme as palavras do Irmão fluíram por meu intermédio, fui ficando sem fôlego. Como a sua mensagem era apropriada, não somente para a amanuense, cuja mente a registara e para a penitente que a aceitava, mas também para aqueles que, com discernimento, mais tarde a leriam.

"O arrependimento, e um novo começo, há muito tempo têm sido a chave que abre as portas para uma vida mais compensadora e frutífera, no plano terreno. Aqui deveria haver uma contradição a tal lei, aqui, onde os habitantes podem, com muito mais clareza, ver a si próprios conforme são e não conforme fingem ser? Sem o véu da carne não há máscara 'entre tu e eu'."

Conforme o eco destas palavras fenecia na minha mente, fiquei aprisionada dentro da força do seu pensamento. Permaneci sentada, em silêncio, não me atrevendo a pensar ou a falar. Tudo estava imóvel. O próprio ar da sala parecia estar em suspensão. O tempo estava parado. A eternidade existia.

Passaram carros lá fora; uma sirena soou. Uma risada ecoou ao longo da rua, um cão latiu. Todavia, dentro destas velhas paredes existia o silêncio e o temor da verdade. Com uma nova atitude de humildade, a Senhora caiu de joelhos e curvou a cabeça.

"Oh, Cristo de misericórdia", gemeu ela, "perdoa-me por aquilo que fiz ao meu pobre filho demente."

Senti que não podia suportar mais. Fechei os olhos e recostei-me na minha poltrona, debilitada e por demais cansada até mesmo para tomar notas. Quando por fim pude concentrar-me, na minha visão interior, descobri que a Senhora tinha ido embora; e que a luz translúcida, dentro da qual o sábio estivera postado, tinha desaparecido.

No dia seguinte

Naquela noite, depois que me acomodei na cama, com um livro que pretendia ler até cair no sono, sobressaltei-me ao tomar consciência da presença do Menino. Desta vez não pude 'vê-lo', nem mesmo com a minha visão interior, mas reconheci a beleza da sua presença. As palavras da sua mensagem pareceram penetrar gentilmente na minha mente. Não tive tempo para apanhar a caneta e o bloco de notas, razão por que me concentrei com toda a firmeza, sabendo que devia procurar lembrar de tudo o que estava a ser-me comunicado, a fim de escrever essa mensagem mais tarde, para o livro.

"Você recebeu a visita da minha pobre mãe", começou ele. "Na ocasião eu não pude estar presente, mas o meu pensamento e as minhas orações estavam em sintonia com vocês as duas. Eu também sabia que o meu Irmão estava consigo e a minha mãe.

"Pobre alma! Ela sofre. Está desperta e triste. Eu, que a amo, mal posso suportar o tormento de vê-la permanecer entre tais entidades ainda não despertadas e, com frequência, depravadas. E também não posso aceitar, para alguém que sempre foi elegante, refinada e amante da beleza, o casebre sombrio onde ela acredita que agora habita. Anseio vê-la mudar-se para a Luz. A minha oração é sempre dirigida para a paz da sua alma. Reze por ela também, minha amiga; reze para que a visão interior da minha mãe seja clareada. Reze para que os erros da sua existência terrena possam ser transformados, da transgressão para os degraus do progresso. Reze comigo, para que a alma dela possa erguer-se, triunfante, dos dilacerados e torturados remanescentes da sua personalidade, que ainda se mantêm colados em torno dela. De facto, ela já começou a jogar fora estas 'vestimentas sujas', com as quais veio para este lado da vida. Contudo, há mais para ser feito. Ela própria deve reunir estes resíduos de fracassos emocionais e com a chama do amor, recentemente despertado, queimá-las da sua consciência.

"Ela já sente remorsos no que concerne ao tratamento que deu à criança que eu fui, aquando na terra. Remorso e aceitação! Sim, minha amiga, poderosos gravetos para o fogo do Amor. Mas a chama em si só pode brotar da Divindade que tem dentro da alma. Essa Divindade está lá, embora sufocada pelas pedras da amargura e pelas cinzas das paixões mortas, pois está em toda entidade, não importa quão depravada, egoísta e cega pelo materialismo e pelo deslumbramento esta possa estar. A luz da Divindade brilha através da máscara da personalidade, quando aqueles conceitos materialistas, da existência humana, são reconhecidos pelo que são; uma ilusão. Para dar tal exemplo à raça humana, santos, sábios e mestres sacrificaram-se em todas as eras, até mesmo o maior dos Mestres, em pessoa.

"Trazer a compreensão divina para a humanidade é o objetivo e o desejo de todos os que estão aqui neste mundo espiritual, de todos os que progrediram para a luz. Despertar a luz nas almas sombrias, já libertadas da carne mas não das emoções e dos erros carnais, é a tarefa de muitos peregrinos avançados, que aqui se encontram. A chama da luz é ateada pelo amor, aquele amor que precisa ser despertado em minha pobre mãe. Para isso pedimos a sua ajuda e as suas preces; e não somente para esta pobre alma, mas também para outras que ainda habitam nas trevas, encarceradas naquelas celas de prisão que elas próprias criaram.

Neste ponto descobri que os meus pensamentos se desviavam para a estranha declaração concernente à "queima das vestimentas sujas, da alma recém-despertada". Uma pergunta formou-se na minha mente e a resposta veio no mesmo instante.

"No caso da minha mãe, e na verdade em todos os casos", foi a explicação do Menino, "verificar-se-á o confronto. A minha mãe será posta frente a frente com aqueles contra quem cometeu injustiças ou causou mágoa, aqueles que ela odiou; o seu marido terreno, o filho que desprezou, a criada que ela tiranizou e esmagou, assim como outros; e somente pelo amor é que ela poderá transformar o mal que fez.'

Pobre criatura, pensei. E a minha alma estremeceu pelos seus próprios erros passados.

"Sim, de facto, porém a lei é justa."

O Menino conhecia os meus pensamentos.

"Você testemunhará como o Amor cura as feridas, mesmo enquanto queima e elimina as lembranças das emoções sombrias."

A concentração enfraqueceu e a mensagem terminou. Não recebi mais nada, porém, antes de adormecer, fiquei a pensar, com curiosidade, a respeito da questão da inocência e da ignorância, no mundo; e embora me sentisse mais do que hesitante com respeito às reações que este livro poderia provocar no público em geral, percebi que não tinha o direito de ocultar a sua verdade. Eu não pedira para fazer este trabalho nem solicitara estas revelações. O conhecimento não tinha sido meu. Por conseguinte, eu não tinha nenhuma jurisdição sobre o livro. Se, conforme eu acreditava, ele dizia a verdade e me tinha sido comunicado no seu momento certo, então, no seu momento certo ele devia ser publicado para ser aceite ou rejeitado e, conforme eu esperava, para trazer compreensão, luz e esperança para aqueles que o lessem.

Maio

Aquele mesmo estranho silêncio "de escuta" penetrou tão fortemente através da minha concentração no livro novo que eu estava a ler, que fui forçada a abandoná-lo. As palavras impressas já não faziam sentido. Havia força, a força do Espírito, na minha pequenina sala de estar, e desta vez percebi apreensão e temor dentro de mim. Quase como um autómato, atravessei a sala e selecionei o meu disco favorito, a Música Sagrada, de Elgar, cantada pelo coro da Catedral de Worcester. Fi-lo rodar no prato giratório da minha vitrola e fiquei de pé, a escutá-lo, enquanto as vozes claras dos meninos enchiam o aposento. Subitamente estremeci, embora estivéssemos no princípio de maio e a luz do sol penetrasse através das cortinas de renda.

Postei-me junto ao calorífero para me aquecer, mesmo sabendo que não era o meu corpo que estava a registar a friagem, mas a minha mente, que tinha sido suficientemente treinada por meio da intimidade com essas emoções astrais. Isto porque eu tinha conhecimento do objetivo desta visita; eu seria o escriba e a participante no clímax que agora mesmo estava a ser representado além do tempo e espaço -- tempo e espaço tais como a minha mente aceitava -- por criaturas de um outro mundo, de uma outra aceitava consciência. Tentei afastar os pensamentos insistentes, concentrando-os na música e ancorando a minha perceção mais firmemente neste mundo material; mas foi inútil.

Eu sabia que o meu ser interior estava aberto e que eu já estava a funcionar fora do tempo e do espaço. Imediatamente, palavras, fragmentos de conversa foram derramadas na minha consciência; reconhecendo esta mudança de perceção, voltei para a minha poltrona

com a caneta e o bloco de anotações já preparados e todas as apreensões interiores dissolvidas. A cena tinha começado.

Primeiro, tive perceção da presença da Senhora. Ela estava sentada na poltrona à minha frente, exatamente como se a tivesse ocupado durante o dia inteiro. Na verdade, como se a poltrona e a casa fossem suas. Ela era diferente da criatura perturbada que vagueara por ali, a tocar a minha mobília; isto porque agora parecia tranquila e permanecia imóvel. Pela primeira vez percebi uma aura de meiguice ao seu redor. Atrás dela, junto à parede, estava o seu filho, o Menino. Ele usava o hábito escuro e grosseiro de um frade, com uma faixa branca ao redor da cintura. De dentro dele saía uma luz pura, branca e trêmula, que brilhava também ao seu redor. Essa luz irradiou e tocou a forma da mãe, na poltrona; contudo, ela não percebeu. Quão maravilhoso era este amor que abençoava a mãe, e lhe dava forças para enfrentar as suas provações!

Subitamente, a minha atenção pareceu ser capturada pelo ondular de um movimento no outro lado da sala. Outra entidade estava presente e, quando isso foi registado pelos meus pensamentos, para minha surpresa e consternação, eu vi a forma da minha antiga inquilina, a velha criada. Ela parecia estar completamente à vontade e, à exceção do facto de não usar mais o seu avental (e eu concluí que isto devia ter sido por sua própria opção) mostrava a mesma figurinha muito asseada, no seu vestido de saia longa; só que agora ela já não remexia com as mãos, porém permanecia relaxada e em paz.

A velhinha não teve qualquer perceção da minha presença, obviamente concentrada que estava na tarefa que voltara para realizar; tinha o olhar estava fixo na Senhora. O seu rosto mostrava uma expressão de agradável surpresa, mais do que de qualquer outra emoção; então, quando se voltou para o Menino, uma expressão de intenso amor e júbilo cintilou-lhe nos olhos. O Menino olhou para ela com um sorriso cálido e encorajador. Eu, que observava, podia ter jurado que um dardo de luz dourada partiu dele para ela e foi devolvido pela mulher, intensificado pelas brilhantes cores do amor.

Senti os nervos enrijecerem e a profundidade da minha concentração era tal que se um incêndio tivesse iniciado na estrutura material do chalé, creio que teria ficado absolutamente insensível a qualquer perigo ou possível prejuízo. Tudo o que podia fazer era manter-me num estado de suspensão, a aguardar os acontecimentos. Estas duas entidades antagônicas ver-se-iam uma à outra? A nova serenidade que havia em

ambas desapareceria quando velhos ódios, velhos temores e velhas zangas surgissem novamente, para confrontá-las? Seria este, geralmente, o confronto do qual eu tinha sido prevenida? Eu só podia esperar e observar, por demais comprometida para rezar ou para enviar uma irradiação de paz. Não que agora sentisse que os meus esforços eram necessários. Eu estava fora deste triângulo de amor e ódio; eu era apenas uma espectadora deste drama, e toda a força necessária pulsava entre os personagens; esta Divina Força do Amor-Sabedoria, muito distante da nossa conceção terrena. Uma cálida onda de contentamento envolveu-me. Tudo estava bem. Tudo acabaria bem. Comecei a fazer as minhas anotações a descrever a cena.

A Senhora voltou-se ao perceber o movimento de uma outra forma e encarou a sua antiga criada, a moça que ela escravizara e tiranizara desde a adolescência, agora uma mulher velha e, evidentemente, numa condição similar à sua, isto é, morta para o mundo da matéria.

"Tu?" Os pensamentos voaram dela como centelhas. "O que estás a fazer aqui?"

A velha senhora pareceu encolher-se ainda mais. Durante o espaço de um segundo do meu tempo, senti, mais do que vi, o medo surgir-lhe nos olhos.

"Eu costumava morar aqui, minha senhora."

"Moraste aqui?", perguntou a patroa a olhar para ela, estupefacta.

"Sim, senhora, durante muito tempo."

Agora a criada estava mais controlada.

"Se a senhora se lembra, vim para cá depois... depois que a senhora... morreu!"

O último pensamento foi acompanhado por um arquejo de emoção.

Houve um momento de calma. O rosto da Senhora expressou súbito terror quando as lembranças das Sombras retornaram.

"Depois que eu... morri?"

Com esforço, ela pareceu tentar controlar-se.

"É claro. E tu..."

Agora ela olhava com franca curiosidade para a sua antiga criada.

"Também morreste?"

"Sim, minha senhora, eu também morri. A Senhora vê, eu estava velha."

"Estavas velha? E depois? Foste... para onde?"

"Bem... eu não fui para o inferno, senhora!"

Haveria uma certa satisfação em expressar a sua posição para alguém que ela sabia que tinha estado no inferno? Eu não podia garantir. A velhinha prosseguiu:

"Fiquei aqui, no chalé."

Agora as palavras e pensamentos começaram a eclodir com rapidez. Talvez ela estivesse com remorso daquele pequeno lapso.

"Fiquei aqui durante muito tempo, segundo eles me disseram; anos e anos. Eu estava perdida, senhora. Perdida."

Um clarão pareceu refletir-se no semblante da Senhora.

"Isso não me surpreende. Nunca me pareceste muito esperta."

Para mim, que observava, uma luz pareceu flamejar do Menino, no canto da sala; essa luz envolveu o espírito-forma da mãe e ficou parada em torno dela. A Senhora calou-se. Talvez estivesse a recordar a sua própria posição. Depois, ela estremeceu.

"Mas, pelo menos nunca conheceste o horror absoluto daquilo que eu tenho atravessado."

"Não, senhora."

Agora havia evidente simpatia no rosto da velhinha.

"Ouvi dizer qua a senhora estava nas Terras das Sombras."

Ressentimento e arrogância flamejaram novamente na mulher mais moça. Bateu com o pé no chão, impaciente.

"Terras das Sombras? É assim que chamas àquele lugar? Aquilo era o inferno, garanto-te, o inferno!"

A luz fulgurou ao redor dela.

Num gesto súbito, ela ergueu as mãos e escondeu o rosto.

"Eu estive no inferno."

Houve um longo silêncio. Escrevi sem parar. A Senhora soluçou. Agora ela estava a completar o ciclo da sua humilhação; era quase inacreditável que a sua estúpida escrava de outrora pudesse ter escapado de um destino igual ao seu, mesmo que a criada tivesse ficado perdida, conforme dissera. Numa explosão de remorso, ela exclamou, revoltada:

"Eu fui, realmente, tão má assim? Eu mereci tal sorte? Diz-me, mereci?"

Com instintiva confiança, o olhar da velhinha voltou-se para o Menino. Fixou-se no rosto dele e eu tive certeza de que um pensamento telepático foi transmitido do Menino para ela. Seria a resposta a ser dada?

"A senhora não foi assim tão má. Pelo menos agora não parece que foi tão ruim."

A Senhora ficou em silêncio, a ruminar essa resposta na sua mente.

"Talvez não pareça tão ruim agora que estamos mortas."

Então, ela virou-se para o lado, evitando os olhos perscrutadores da criada.

"Mas tu odiaste-me, não é? Eu fui cruel para ti. Fu gostava de ter poder sobre as pessoas e tu sempre tinhas tanto medo de mim."

Com crescente apreensão, aguardei a resposta da criada, esperando, na minha ignorância, que a sombria emoção de uma vida inteira irrompesse novamente. Nada aconteceu. Olhei de relance para o Menino. Ele estava parado, impassível, envolto em luz. Nesse momento, então, ele estendeu a mão em direção à humilde criatura que o tratara com bondade. Senti mais do que vi o raio de luz que saiu dos seus dedos e dardejou através da sala; então, conforme me pareceu, da palma da sua mão partiu um grande calor, como um brilhante fogo de amor, que se estendeu à sala do chalé e iluminou a figura da criada.

"Agora eu não a odeio, minha senhora", transmitiu a velhinha, e eu fiquei atônita ante a nova serenidade que havia nela.

"Eu nunca mais a odiarei, senhora."

A Senhora soluçou sem constrangimento. Depois, ergueu a cabeça. Voltou-se lentamente e olhou para a sua velha criada.

"Porquê?", perguntou. "Por que é que não me odeias?"

A minha velha inquilina pareceu intrigada.

"Eu não sei muito bem, senhora, não sei muito bem, não sei. Somente que agora isso parece não ter mais nenhuma importância... agora que encontrei o meu caminho."

"O teu caminho?" A patroa pareceu esgotada. "Para quê?"

"Para o meu pai e a minha mãe, senhora. Estou com eles agora. O lugar onde estou é uma espécie de céu. Tão lindo, com flores e árvores... e luz. E as pessoas são boas umas para com as outras. Quero dizer, os espíritos são bondosos..."

Ela calou-se, embaraçada.

"Espíritos?"

"Sim, minha senhora", a velhinha estava ansiosa para exibir o seu conhecimento.

"Espíritos. Pelo menos é isso que eles me dizem que nós somos. Nós já não somos pessoas."

"Espíritos?" A patroa dela repetiu o pensamento. "Eu nunca acreditei em espíritos quando estava... viva."

Os dedos dela retorceram-se e entrecruzaram-se.

"Pensar que me tornei um espírito."

Ela ficou quieta durante uns instantes. Subitamente, o pensamento dela relampeou até a outra visita.

"Por que vieste aqui?"

A criada hesitou, olhando de súplica para o Menino. "Porque", agora ela parecia estar a repetir palavras que eram velozmente projetadas por ele, "a senhora me chamou.

"Eu chamei-te?"

"Sim, minha senhora", no princípio a explicação veio lentamente, mas depois, à medida que a confiança foi crescendo, os pensamentos passaram a ser emitidos com impressionante sinceridade.

"Tudo isso aconteceu de um jeito muito estranho. Eu... eu vi o seu rosto, minha senhora, vi-o de forma muito distinta, e a senhora parecia infeliz. Contei à minha mãe. A minha mãe disse 'Vai e fala com ela. Diz o quanto lamentas por ela....e por a teres odiado'."

"Lamentas? Tens pena de mim?" Isto era demais.

"De mim? Depois do tratamento que lhe dispensei? Nunca pensei com bondade a teu respeito. Nunca me ocorreu que pudesses ter sentimentos, ou que eu te devesse alguma coisa."

A Senhora demonstrou irritação. Talvez ela tivesse consciência de estar a dizer a verdade absoluta pela primeira vez. Agora, porém, era como se ela não conseguisse parar.

"Trabalhaste para mim. Tratei-te pior do que teria tratado um cão. E tu tens pena de mim? Por eu ter estado no inferno? Ah, Deus, onde estou? O que foi que nos aconteceu às duas? Que lugar é este, onde não posso ocultar a minha vergonha? Deverei também ser humilhada pela sua piedade?" Ela chorou.

A criada pareceu confusa e cheia de medo; a intenção dela não tinha sido essa.

"Não fique zangada comigo, minha senhora. Eu só estou com pena porque a senhora está a sofrer. E... e eu sou feliz demais para querer que a senhora sofra. Eu não quero que ninguém seja magoado; sinceramente, não quero. Nunca mais. Olhe, eu digo que lamento ter odiado a senhora antigamente porque odiei. Mas agora está tudo terminado. Nós deixamos tudo isso para trás, não deixamos? Quero dizer, agora que estamos mortas."

A Senhora sacudiu a cabeça.

"Eu não deixei isso para trás. Tu podes tê-lo conseguido. Eu tenho que viver em meio ao que fiz; estar com outros que são grosseiros, cruéis e ainda odeiam." Ela estremeceu.

De novo, vi a criada implorar ao Menino que lhe desse inspiração. Desta vez ele sorriu, parecendo dar a entender que a conversa estava a ser encaminhada inteiramente de acordo com o seu desejo. O olhar que passou entre ambos foi de compreensão e compaixão e os pensamentos deles pareceram tocar-se e mesclar-se como cores num caleidoscópio. Imediatamente, a velhinha foi amparada e fortalecida.

"Mas a senhora não tem que ficar lá, não se realmente não quiser ficar. É o que a minha mãe diz e ela está aqui faz já muito tempo; portanto, deve saber... que se a senhora está realmente arrependida... e se a senhora se modificar então poderão mostrar-lhe o caminho para um lugar melhor, como me mostraram a mim. A velhinha fez uma pausa e depois retrucou,

com bravura. "Quero dizer, mudar o seu pensar com respeito a... às pessoas e perdoá-las, como elas a perdoam. Isso está na oração, não está?... sobre o Reino do Céu. A senhora tem que pensar diferente, aqui. Quero dizer, a respeito do seu marido, o patrão, e... do seu filho."

A Senhora virou-se de frente para o Menino; contudo, era óbvio que ainda não conseguia vê-lo.

"O meu filho? Aquele pobre tolo?"

"Ele não é um pobre tolo, minha senhora. Aquele Menino é um anjo. Ele é lindo e ama-a."

"Ele ama-me? Depois...?"

"Sim, minha senhora, ele ama-a e quer ajudá-la; quer tirá-la do... do..."

"Do inferno? O meu filho quer me ajudar? Como sabes disso?"

Agora a criada estava quase triunfante.

"Por eu o ver, senhora. Eu vejo-o com frequência, e ele falou-me."

"Tens visto o meu filho?"

"Tenho", confirmou a criada com um vigoroso movimento de cabeça.

"E ele está..."

"Eu já disse que ele é um anjo, senhora, e está tão normal quanto a senhora e eu."

"O meu filho demente está normal? Isso é impossível."

A criada enviou um rápido olhar de puro júbilo para o Espírito evoluído que estava parado ali, em silêncio, a observar.

"Veja por si mesma, minha senhora. Ele está aqui. O seu filho está aqui. Ele está aqui, agora."

A velhinha apontou para o canto da sala, onde a luz fulgurava com um brilho extraterreno.

Lentamente a Senhora voltou-se e olhou na direção que a velha criada indicava. Durante alguns minutos ela olhou fixamente, aterrorizada; eu parei de escrever e contive a respiração.

"Aqui?" Aquele foi um grito mental de medo, mas também de esperança. "Aqui... agora?" A Senhora ficou a olhar durante um período de tempo prolongado e depois, como se a sua visão tivesse clareado e mal

pudesse suportar o que estava a ver, colocou as mãos no rosto e cobriu os olhos.

"Aquele é meu filho? Mas aquele é um anjo, um anjo de Luz!"

Quase não pude suportar o amor e a compaixão que transpareceram na expressão do Menino. Fechei igualmente os olhos, e recostei-me na poltrona, esmagada por esse vislumbre dentro de um outro mundo, fora do tempo e do espaço; e por este exemplo de Amor na sua forma mais elevada.

"Mãe!" O Menino estendeu as mãos e a luz envolveu ambos, enquanto a mulher olhava fixamente para ele, com remorso e temor reverente.

Veio um momento de absoluto silêncio e quietude e a sala de estar encheu-se de força; a força do Espírito. Lentamente, a mulher caiu de joelhos ante o portador de luz que tinha sido o seu filho terreno, desprezado e rejeitado. Fechando os olhos, ela juntou as mãos no fervor da primeira prece que jamais formulara propositalmente.

"Pai Nosso…" as palavras atravessaram-me a mente, claras e potentes. "Que estais no Céu, Santificado Seja o Vosso Nome, Venha a Nós o Vosso Reino..." Aqui ela gaguejou, engasgada pelo remorso e pela emoção. "Perdoai as nossas dívidas assim como perdoamos aos nossos devedores..."

De novo, um silêncio cheio de significado.

"Assim como nos perdoam aqueles contra quem pecamos... Livrai-nos do mal... do mal das Sombras. Ah, Deus... do mal que existe em nós próprios... do mal que fizemos... Pois Vosso é o Reino do Céu..."

Agora ela estava a chorar copiosamente. "Na Tua misericórdia, perdoai- -me Pai e deixai-me entrar no Teu Reino. Amém."

Mal podia respirar. A sala estava tão quieta; parecia cheia de uma luz translúcida. Eu também me sentia comovida até às lágrimas. O Menino adiantou-se e tomou as mãos da mãe entre as suas, enquanto a velha criada, com um gesto amável, tocava gentilmente os ombros curvados da Senhora. Então, a velhinha caminhou até a porta e, de algum modo, desapareceu.

Fechei os olhos e por um curto instante, fora-do-tempo, encontrei-me a vivenciar a agonia do arrependimento daquela mulher, juntamente com ela. Sem perceber o que estava a dizer, surpreendi-me a recitar o

vigésimo terceiro salmo, usando uma versão da minha própria autoria, para combinar com a ocasião.

O Senhor é seu pastor,
Portanto, nada lhe faltará.
Ele a conduzirá através das águas calmas,
Ele restaurar-lhe-á a alma.

Quando por fim retornei à consciência do mundo material que habitava, vi que a sala estava vazia; os meus visitantes, vindos de além da morte, tinham ido embora. O chalé me pareceu estranhamente vazio.

O amor nos visitara.

O amor tinha descido até nós.

E o amor estava a eliminar e a curar, para sempre, as feridas do ódio. Eu e o chalé tínhamos sido verdadeiramente abençoados.

No dia seguinte

O Irmão de Luz trouxe a bênção da sua presença.

"Minha amiga", começou ele, e a minha mente saltou pressurosa, para atender às palavras dele. "Você testemunhou o milagre do poder do Amor, a limpeza e a purificação das mais baixas emoções pela força que é o poder criativo por meio do qual e no qual todos nós somos Um.

"Mas testemunhou muito mais e desejamos que isto seja enfatizado nos seus registos, pois é algo de suma importância, que poderá trazer muita compreensão àqueles que lerem esta narrativa com os olhos abertos. O Céu e o Inferno são estados de consciência, tanto aqui como no seu planeta terreno; e cada entidade, depois de ter passado pela experiência da morte do corpo físico, traz consigo, para cá, aquele estado de consciência que criou para si própria enquanto esteve encarnada na matéria; e, aqui, ela habitará nessa consciência por tanto tempo quanto tal nível persistir.

"Não obstante, a evolução ainda é uma lei aqui, do mesmo modo que é no seu mundo. A alma está continuamente a evoluir. Na sua consciência material, limitada, a evolução caminha por meio da criação de formas-pensamento, às vezes para elevação do indivíduo ou da raça, às vezes para registar a beleza, e outras vezes para o desenvolvimento da compaixão pelos nossos semelhantes; mas por vezes, infelizmente,

formas-pensamento destrutivas são fortalecidas por meio do emprego negativo das emoções. O pensamento traz energia, que, por sua vez, constrói a forma. A evolução usa a forma, trabalha para ela, vive nela e manifesta-se através dela até que as suas normas sejam estabelecidas. Então, a forma deve ser rompida. Isto é essencial, pois o seu trabalho está terminado e uma nova forma tem que ser desenvolvida. 'Destrua e construa'; esta tem sido uma lei constante da evolução, conforme você compreenderá se olhar para trás e pesquisar os registos da história do seu planeta. Destrua a forma gasta para criar uma nova.

"Neste drama você também teve permissão para ver como duas entidades, depois de as suas almas terem deixado os seus corpos físicos, permaneceram encerradas nas formas-pensamento que tinham criado. E enquanto persistiram em agarrar-se a essas formas-pensamento, ficaram alheias ao novo estado de consciência requerido para a verdadeira vida, aqui; e por isso elas não podiam caminhar para frente.

"Veja a sua 'inquilina', a moradora do seu chalé, uma pobre alma totalmente presa a um materialismo num nível tão inferior que chega a receber as 'migalhas' da mesa da mulher rica. Ela era uma criatura que desejava avidamente apenas o bem-estar físico que a vida lhe negara; e ela derramou o precioso dom do pensamento a invejar e odiar a patroa a quem tinha servido. Se, no caso dela, esta escravidão era cármica, isso não interessa; a energia deliberada, gasta em invejar e odiar, manteve-a prisioneira, acorrentando-a exatamente à pessoa que tinha sido forçada a servir.

"Depois da morte do seu corpo, na velhice, a forma que ela criara ainda permaneceu tão estreitamente agarrada à sua alma que ela continuou a habitar dentro dela, isolada de tudo, exceto da sua própria imaginação limitada. O patético chalé desmantelado como então ele estava foi tudo o que ela conheceu, ou quis conhecer. E este nível de aspiração persistiu por muitos dos seus anos da terra.

"Contudo, era essencial romper aquela forma e libertá-la, a fim de que ela pudesse aprender um novo estado de perceção e dar os seus primeiros passos hesitantes neste novo mundo no qual tinha sido introduzida pela desintegração da forma física que abrigara a sua alma. Nós sabíamos que os seus pensamentos e a sua experiência eram tão limitados que o 'despertar' seria doloroso. Confiança e amor, tão necessários para a cura da sua alma, deviam vir até ela através daqueles

em que ela confiara... o Menino, o seu pai e a sua mãe terrenos, e através da conversa com uma pessoa estranha (você) que tivesse desenvolvido a faculdade de estabelecer contacto fora das três dimensões do espaço e do tempo.

Realmente, conforme você sabe, isto agora está realizado; e uma 'ovelha' que estava perdida foi trazida novamente para o Caminho.

"De forma semelhante, a Senhora tinha-se aprisionado por meio da arrogância, do ódio e da crueldade, desperdiçando a preciosa substância da mente para modelar uma forma concreta que lhe aprisionou a alma. É importante salientar agora que a alma desta criatura é nobre e sensível à beleza, pronta para aceitar o Divino como Beleza. Não obstante, ela entrou na sua nova existência com esta negra sombra de uma concha que ela própria criara. Trouxe o seu inferno consigo, um inferno tão cheio do poder do mal que a fuga parecia impossível; e ali ela permaneceu a definhar em tormento.

"Contudo, o amor que havia na alma do filho, que ela desprezara, procurou quebrar a concha que a envolvia; e após muito esforço, ele obteve sucesso. Esta forma de negação finalmente foi destruída, conforme devia ser, e as feridas serão apagadas pelo amor. Agora a entidade pode entrar neste mundo-pensamento e criar, por meio do amor, aquela beleza que ainda vive na sua alma.

"Esta é uma história comovente que, lamentavelmente, apesar de desnecessária, foi repetida com tanta frequência. A frase escrita por um poeta 'o mal que os homens praticam, vive depois deles e o bem fica muitas vezes enterrado nos seus ossos' tem algum significado aqui, pois o mal continua a existir até que a sua forma seja destruída, enquanto que o bem, profundamente arraigado, cria, por si só, uma forma mais gloriosa.

"Se os leitores apreenderam as lições que poderão ser colhidas nestes exemplos de prisioneiros de formas-pensamento, a história não terá sido em vão. O homem é corpo, alma e espírito. O corpo, com todas as suas emoções egoístas, não pode existir aqui, onde o progresso é conduzido na mente e se dirige para a reunião com a alma. O momento para despedaçar estas ilusões de separação da vida terrena, para superar a desarmonia do pensamento e da emoção, e durante a permanência no plano terreno, não depois da transição para os mundos Astral e Espiritual, transição produzida por aquilo que se chama de morte.

Meados de maio

A primavera tinha chegado bem depressa e enchera o chalé de luz e de sol. No meu pequeno jardim, eu abri a espreguiçadeira e vaguei contente a tarde inteira, a ler. No fim da tarde, ao entrar na minha sala de estar, usando a porta dos fundos, imediatamente percebi a presença da Senhora, parada, muito quieta, junto à janela; ao seu lado estava o filho que ela rejeitara na terra. Detive-me. De algum modo, senti-me uma intrusa, pois a profunda paz que havia em torno de ambos era tal que a minha presença de escriba agora era desnecessária e inteiramente inoportuna.

Não havia mais nada a escrever. A história estava terminada. A prisioneira das Sombras estava livre. Tudo estava em ordem, como devia estar. De agora em diante as minhas visitas iam sair da minha vida, e permanecer apenas como lembranças e como personagens num livro. Contudo, enquanto estava parada ali, a desejar-lhe um rápido progresso para a luz, senti-me feliz e agradecida por tudo o que tinha sido realizado e pelas rápidas visões, que me proporcionara o trabalho do amor na vida além da morte.

Devagarinho, com um estremecimento nas suas cintilações, um raio de luz penetrou furtivamente pela janela; e enquanto eu olhava, as figuras desapareceram naquela luz e eu fiquei sozinha.

Mas no chalé a atmosfera estava em movimento, como se alguma presença a tivesse santificado... conforme de facto acontecera!

* * *

O livro está terminado; o registo dos factos foi completado; a história foi contada; os prisioneiros do ego foram libertados e eu estou livre da minha tarefa. Foi necessário um ano e meio, em tempo terreno, para ouvir, registar e viver com estas entidades; e durante esse espaço de tempo muito foi exigido da minha vida emocional e espiritual.

Agora, conforme vou emergindo e avaliando estes acontecimentos, fico com a estranha sensação de ter permanecido muito tempo "no deserto". Este foi um período muito difícil, com muitas provações a muitos níveis. Compreendo, com gratidão, que agora a paz foi restaurada no meu chalé assim como na minha mente e na minha alma, trazendo uma nova alegria e uma perceção mais ampla. Isto porque, sempre que estou a ouvir música, a assistir à televisão ou a ler, o meu ser é penetrado por um sentimento de unidade com o Espírito e tomo consciência de um

amor que me ampara, que se torna eu própria, de modo que o Eu que existe em mim é arrebatado para o Eterno. Nada acontece. Há apenas silêncio e comunhão. Contudo, isso é mais grandioso do que um discurso, mais profundo do que conforto, mais elevado do que aspiração. É a chama viva no coração do homem, a chama do Espírito imortal que existe no homem, Espírito no qual todos nós estamos unidos, aqui e no Além. É a realidade da Unidade; unidade com todos aqui nesta terra e nos mundos que virão; tanto nas Terras das Sombras como no Mundo da Consciência Astral ou nos luminosos Reinos do Espírito.

Nota do editor:

Por mais que me esforçasse por fazer valer junto do leitor a veracidade destas experiências subjetivas ou internas - como quiserem entendê-las - jamais o conseguiria. Este é, todavia, tema recorrente que me apraz profundamente revisitar, por me ser tão caro que o conservo estes escritos e os estimo como um tesouro, uma verdadeira Escritura Sagrada, faz muito tempo na minha vida.

Tal como a experiência que a autora refere, também a mim me foi dado passar pela experiência de tal contacto por altura dos meus vinte e cinco anos, sem qualquer conhecimento ou preparo prévio (diria mesmo em total ignorância) desta temática. Foi ele tão idêntico àquele aqui descrito que só posso enlevar máximo apreço por estas narrativas, e encarece-las como uma referência em reforço das próprias experiências por que passei, no mesmo domínio. Não obstante, a minha pessoa não é para aqui chamada para coisa nenhuma, e o fundamento de tais experiências está somente em se prestar como humilde ilustração da abertura da consciência e da realidade Universal da Vida nos planos superiores.

Estou plenamente convencido de que, para toda mente recetiva (e por vezes ela poderá ser aquela que menos suspeita de tal condição) estas experiências chegam-lhe sempre com o condão, o pendor, o aroma do Sagrado, que difícil é de expressar por palavras, e que se faz acompanhar das lágrimas de indizível júbilo, por sempre invocarem um paralelo com a natureza das experiências referidas nas Sagradas Escrituras.

Uma visita destas, sempre é acolhida involuntária e inconscientemente com o peso histórico de uma anunciação como a do Anjo a Maria, no mínimo, e apresenta-se carregada do bálsamo indescritível do êxtase, de

um êxtase que é igualmente indefinível nos termos da experiência comum dos sentidos.

Entidades de Luz há que me concederam diversas bênçãos, como a que me levou em visita a um plano de luz, de que conservo unicamente a memória do inefável deslumbramento pela natureza dela, tão feminina que só a pude descrever em termos da personificação do Feminino Sagrado (de que, volto a insistir, o leitor não suspeita quanto à real natureza da qualidade que a caracteriza simplesmente por não ser humano.) Qualquer outra pessoa, estou inteiramente certo, a teria imediata e automaticamente descrito em termos da Mãe Celeste, da Virgem Maria, e com isso não erraria. Mas o motivo por que a não descrevi (concebi) nesses termos, não consigo explicar sinceramente. Porém, foi o que me foi dado perceber, de verdadeiramente glorioso e único.

Parecerá Narcisismo, estou certo, referi-lo reiteradamente, porém, se com isso puder contribuir para o convencimento do leitor, não sectário mas da universalidade dos princípios aqui descritos, dar-me-ei por bem-sucedido.

A morte não é o fim; em certas circunstâncias, talvez se pudesse desejar que o fosse, mas tal não sucede por não nos subtrair nada de puramente corporal e físico: não nos apaga impressões, memórias, anseios, mas transfere-nos para o domínio do pensamento meramente, onde tende a prevalecer aquilo que nos animava de mais consubstancial aqui. E se tiver sido meramente acessório, deixará um vazio que teremos dificuldade em colmatar por carecermos das 'ferramentas' criativas desse mesmo pensamento.

Frequentemente cruzo-me com alguns daqueles que passaram pela transição, e deparo-me com um pouco de tudo: descarga emocional naqueles que tendiam a ser reprimidos 'em vida,' estados de transe semelhantes aos sonambúlicos dos que se encontram em transição e não têm noção de ter abandonado a forma, e que chega a mostrar um olhar perfeitamente sonambúlico.

Sucede até receber verdadeiros 'choques' elétricos inexplicáveis ao simples contacto, que, não obstante, não se dão conta da minha presença nem do contacto que procuro estabelecer, de tão ensimesmados que se encontram no transe dos hábitos e anelos de muitos anos da experiência terrena, por que podem andar a passear-se ou dirigir-se para as atividades de rotina numa repetição motora e

involuntária doesses hábitos adquiridos em vida. Lembremos: "Onde estiver o nosso tesouro, aí deverá estar o nosso coração."

Uma dessas pessoas, uma senhora frequentadora da igreja, vivera durante os seus últimos anos sozinha, e fora dada como morta volvidos muitos dias do seu falecimento! Outros tive que, sou afortunado o suficiente para o poder referir, que se chegaram a mim em atos de verdadeira compaixão e encorajamento, vários, a quem normalmente revi nos mesmos traços característicos, embora se mostrem portadores de um propósito consciente e maior.

Outros ainda, conhecidos, vieram ao meu encontro em diversas alturas da minha vida, despejar sobre mim autênticos banhos de bálsamo milagroso (energético) ocorrências essas já no estado de vigília, quando nessas pessoas voltei a pensar de forma espontânea. Uns a quem acompanhei nas suas peregrinações e outros a quem visitei na condição de doentes terminais, no seu leito de morte, sem bem conhecer sequer. É uma panóplia muito vasta que não me apraz apontar nada de extraordinário, exceto a continuidade da vida, quer no estado consciente ou ainda de transição não consciente e repetitivo.

O tradutor